

SÓ JESUS!

Uma introdução às
Doutrinas da Graça

Por:

Roger L. Smalling
Doutor em Ministério

Tradução de
Francisco Moura da Silva

Agradecemos o autor pelo envio e permissão da publicação do presente artigo no *Monergismo.com*.

© Fevereiro, 2007

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	3
INTRODUÇÃO	5
SOBERANIA DIVINA.....	9
OBRA HUMANA INCAPAZ	21
ELEIÇÃO PELA GRAÇA	42
SACRIFÍCIO EFICAZ DE CRISTO.....	62
UNIÃO ESPIRITUAL E UNIVERSAL DOS ELECITOS.....	80
CORDÃO DE OURO	104
SOBRE OS AUTORES.....	115
EPÍLOGO	116

PREFÁCIO

Em alguma ocasião lhe pareceu muito peculiar a forma indireta na que Deus faz suas coisas? Tomemos como exemplo a definição da palavra “graça”. Considerando que somos salvos pela graça, parece-nos que seria mais prático que a definisse no início da Bíblia. Deus poderia haver inspirado a algum de seus profetas para que escrevera a definição ao estilo de um dicionário, começando com algo como “a graça define-se como... etc.”. Isto seria ir direto ao ponto, tal como o homem moderno gosta.

No entanto, não é isso o que aparece no princípio das Escrituras. Em vez disso, nos apresenta uma série de histórias sobre pessoas imperfeitas, às quais, ainda que aparentemente não mereciam, Deus agradou-se delas e outorgou-lhes Sua graça. Ainda que isto ajuda em alguma coisa para compreender sobre a graça o assunto continua sendo ambíguo.

Aprofundando na análise, vamos descobrindo enunciados sobre o que NÃO é graça: não é por obras, não se merece, não provém do homem, etc. E, ainda que nossa investigação sobre o que significa a graça tenha avançado, chegar a uma definição conclusiva parece tão difícil como segurar a neblina.

Logo, percebemos que os escritores bíblicos conectam a graça com certos ensinamentos que eles estabelecem como importantes. Rapidamente, estas doutrinas chegam a ser a chave que vão nos revelar a definição da graça. Mas, ao topar-nos com o ensinamento bíblico sobre a Cruz, é quando todo o material prévio toma substância. Nossa neblina mental dissipa-se e a razão do porquê Deus define a graça de maneiras indiretas torna-se evidente.

Deus poderia haver dado uma definição curta, mas esse procedimento teria pouca profundidade. O caminho mais largo resultaria ser infinitamente mais satisfatório. Uma definição breve nos faria economizar tempo, mas a quantidade de tempo gasto não é prioridade para Deus. Para o Criador é mais importante um trabalho bem feito, especialmente quando tem a ver com abençoar Seu povo.

É tão gloriosa a graça nas Escrituras, que uma definição trivial, não seria jamais a adequada. Cada membro da Trindade contribui com Sua própria maneira sobressalente. Ao perceber a questão sob tal perspectiva, resulta assombroso como o Senhor as arrumou para definir a graça em sua totalidade, visto que a definição está envolvida com a sua própria definição.

Contudo, uma vez que entendemos a graça, exclamamos, “Oh, Quão simples é!” E um instante depois dizemos, “Mas quão profundo!” Tal paradoxo não deveria surpreender-nos. Depois de tudo, isso é típico do estilo de Deus, não é verdade? Ou é que por acaso esperávamos algo diferente? Essa é uma razão pela qual creio que as “Doutrinas da Graça” são bíblicas. Em cada uma delas encontra-se plasmadas as impressões digitais do próprio Deus.

Portanto, o estudo da graça resulta ser uma viagem com curvas inesperadas. Ainda que o caminho é longo, não é tedioso. Ademais, seu trajeto é verdadeiramente

emocionante. Umas dessas curvas é que à medida que vamos definindo a graça, também nos definimos com mais clareza... ainda que isto não nos agrade. Nesta viagem há paisagens gloriosas. Alguns se regozijam diante da autoridade de uma Vontade Soberana. Outros saboreiam a segurança de um Pacto Eterno. Outros são cativos com o poder da Cruz. Pessoalmente, que me encanta da viagem é que dura para sempre.

Desfrute da viagem.

INTRODUÇÃO

Faz quatrocentos anos que a Reforma Protestante trouxe um novo descobrimento da Bíblia e suas doutrinas revolucionárias. Sete destas doutrinas entraram em conflito com ensinamentos da época, porque todas levam à conclusão de que a salvação é somente pela graça, sem nenhuma contribuição humana. Por este motivo, os cristãos atualmente as conhecem como “As doutrinas da Graça”.

A controvérsia sobre as Doutrinas da Graça não há terminado. São tão opostas ao orgulho humano que a razão carnal sempre revela-se diante delas. A pecaminosa natureza humana pretende ser dona de seu próprio destino, plenamente capaz de contribuir com sua própria salvação.

Podemos formar um acróstico com a frase “SÓ JESUS”, cada letra é a primeira de uma doutrina da graça. Uma descrição breve de cada doutrina está a seguir:

O ACRÓSTICO

SOBERANIA DIVINA

A palavra “soberania” quer dizer “controlar tudo”. Esta doutrina significa que Deus controla tudo o que acontece. Indica que toda a realidade é consequência de decretos divinos feitos na eternidade antes da criação do mundo.

OBRA HUMANA INCAPAZ (Depravação Total Humana)

A queda de Adão causou a perda de todo poder espiritual que poderia contribuir com a salvação. O pecado afeta cada parte do ser humano e o escraviza. Esta doutrina trata da questão do “livre-arbítrio”. Ela mostra que a vontade do pecador é incapaz de escolher a Cristo, produzir fé salvadora ou fazer qualquer coisa que o guie à salvação, até que a graça de Deus o alcance.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ SOMENTE

Deus requer que a justiça absoluta da lei seja cumprida nos cristãos. Ele não aceita menos que a perfeição. Como, pois é possível ser justo diante de Deus, sabendo que não podemos cumprir a lei? Cristo cumpriu a Lei como nosso substituto. Quando aceitamos a Cristo, Deus atribui a nós a justiça perfeita de Cristo e nos tira o pecado. Assim, adquirimos uma perfeição emprestada, a qual é a base da nossa aceitação permanente diante de Deus.

ELEIÇÃO PELA GRAÇA

Antes da fundação do mundo, Deus escolheu quem seriam recipientes de sua maravilhosa graça. O fez sem condições previstas em nós. Deus não escolheu ninguém porque viu de antemão que iria escolher a Cristo, porque ninguém pode escolher a Cristo,

estando morto em pecados. Ainda que a eleição não seja por méritos, não é por isso que ela é arbitrária. Esta doutrina expõe que a graça baseia-se inteiramente na vontade soberana divina e não consiste em uma resposta a algo que o homem pense ou realize.

SACRIFÍCIO EFICAZ DE CRISTO

O sacrifício de Jesus é a única causa eficaz da salvação dos eleitos. A crucificação não somente *providenciou* a salvação, senão que também a *cumpriu*. Ainda que o sacrifício de Cristo na cruz é suficiente para salvar a todos, o Pai o dispôs somente para os eleitos (a cruz, não a vontade humana, é a causa da fé, da obediência, da boa vontade e da segurança eterna dos escolhidos). Cristo morreu, não para dar uma mera possibilidade de salvação, senão para garantir a certeza dela a todos os eleitos.

UNIÃO ESPIRITUAL E UNIVERSAL DOS ELEITOS

A Igreja de Cristo é principalmente um organismo invisível, não é uma organização visível. Compõe-se de todos os eleitos de toda história. A união que deve existir entre Cristãos é espiritual, não organizacional. É universal no sentido de que a espiritualidade do corpo de Cristo e da comunhão que os eleitos têm uns com os outros, transpassa todos os limites das diferentes culturas e idades.

SEGURANÇA DOS ELEITOS

A mesma graça que nos escolheu e salvou, também nos preserva até o fim. Através de exortações, ameaças e repreensões paternas, Deus preserva os Seus eleitos de maneira que nenhum deles se perca.

PERGUNTAS PARA REVISAR

INTRODUÇÃO

1. Todas as doutrinas da Reforma chegam à conclusão de que a salvação é somente por _____, sem nenhuma contribuição humana.
2. As sete doutrinas da Reforma são conhecidas hoje como “_____”.
3. Verdadeiro ou Falso: _____ A doutrina da graça deixou de ser controverso nos dias de hoje?
4. A natureza pecaminosa quer ser _____ de sua própria _____
5. Verdadeiro ou Falso: _____ Somos capazes de contribuir com a nossa própria salvação.

SOBERANIA DIVINA:

6. O que quer dizer a palavra “soberania”? _____
7. Verdadeiro ou Falso: _____ A realidade é consequência dos decretos divinos.
8. Quando Deus decidiu todas as coisas? _____

OBRA HUMANA INCAPAZ (Depravação Total Humana):

9. Quantas partes do ser humano foram infectadas pelo pecado? _____
10. Esta doutrina ensina que a vontade do pecador é _____ de _____ a Cristo.
11. Verdadeiro ou Falso: _____ A fé salvadora provém de nossa própria boa vontade.
12. De onde provém a fé? _____
13. Nossa incapacidade de contribuir com a nossa salvação veio por meio da queda de _____.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ SOMENTE:

14. Verdadeiro ou Falso: _____ A justificação da lei não tem nada a ver com o Cristão.
15. Deus aceita unicamente a _____.
16. Quem cumpriu a lei por nós? _____.
17. Podemos cumprir a lei por nós mesmos? _____.
18. Quando aceitamos a Cristo, Deus nos _____ a nós a _____ perfeita de Cristo.

ELEIÇÃO PELA GRAÇA:

19. “Justificação” quer dizer _____
20. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus escolheu a todos para ser recipientes de Sua graça.
21. Verdadeiro ou Falso: _____ Ninguém pode escolher a Cristo pelo seu próprio esforço.
22. Antes de conhecer a Cristo estávamos _____ em pecado.

SACRIFICIO EFICAZ DE CRISTO:

23. O que faz eficaz a salvação dos eleitos? _____
24. A morte de Cristo não somente _____ a salvação, senão a _____.
25. Verdadeiro ou Falso: _____ A Cruz não foi suficiente para salvar o todos.

Respostas às perguntas**Introdução**

1=graça; 2=as doutrinas da graça; 3=F; 4=dono, destino; 5=F; 6=controlar tudo; 7=V; 8=antes da criação do mundo; 9=todas; 10=incapaz; 11=F; 12=de Deus; 13=Adão; 14=F; 15=justiça de Cristo; 16=Cristo; 17=não; 18=atribuiu, justiça; 19=declarado justo; 20=F; 21=V; 22=mortos; 23=a Cruz; 24=providenciou, cumpriu; 25=F.

SOBERANIA DIVINA

A Soberania de Deus é a única base legítima para uma fé sólida. Ainda que alguns dizem que tem fé sem crer na Soberania de Deus, uma investigação do que acreditam revela que sua fé está posta em alguma capacidade humana.

A doutrina da Soberania de Deus é tão básica à Cristandade Bíblica que sem ela, não mereceria chamar-se “Cristã”. Mas, a causa da influência de religiões e de movimentos políticos dirigidos à glória do homem, é uma das doutrinas mais descuidadas na pregação de hoje em dia. Ainda assim, continua sendo o único fundamento possível para uma fé sólida. Todo qualquer outro fundamento fracassa sob as pressões da vida.

A soberania de Deus consiste em que toda a realidade é produto dos decretos divinos feitos antes da criação do mundo. Isto quer dizer que Deus está no controle de tudo o que acontece, seja bom ou mau. Isto não quer dizer que Deus seja a CAUSA da maldade nem que seja autor do pecado nem que sinta prazer nos sofrimentos de suas criaturas. Senão que todo o que acontece forma parte de um grande plano que resultará inevitavelmente para Sua glória.

Por que dizemos que é a única base válida para a fé Cristã?

Primeiro, somente um Deus Soberano pode garantir suas promessas. Se não controla tudo, não podemos confiar nele para a salvação, porque poderia existir algo que impediria de salvar-nos. É lógico confiar num Deus que não controla tudo.

Segundo, se Deus não fosse Soberano seria impossível obter lições espirituais dos eventos das nossas vidas. Seria impossível saber se Deus está ensinando-nos algo ou se os eventos da vida são meras casualidades. Seria igual a ter fé na sorte e não confiar em Deus.

Terceiro, a soberania de Deus é a única base para dar-lhe glória. Se isto não fosse assim. Por que dar a Ele toda a glória, se não é o autor de toda a obra?

Quarto, é a única base para a oração. Para que orar a um Deus que não é soberano? Se Ele não está no controle de tudo, talvez não possa responder-nos.

A palavra “Soberano” não pode ser limitada. É impossível que Deus seja “um pouco Soberano” ou 90% Soberano. É ilógico dizer, “Deus é Soberano, mas...” Ao acrescentar a palavra “mas” confessamos que não cremos que Deus é Soberano. Tal afirmação equivale dizer que “Deus é um pouco infinito” ou que “Deus é mais ou menos todo-poderoso”. Qualquer tentativa de qualificar a Soberania de Deus, é uma negação da mesma.

As Bases Desta Doutrina

Há quatro fundamentos bíblicos para crer na Soberania de Deus. Estes seguem uma ordem lógica:

1. Os atributos divinos de Onisciência e Onipotência.

2. A Vontade Imutável de Deus.
3. A realidade é produto dos decretos divinos.
4. Deus é dono de tudo e portanto controla tudo.

Primeiro Fundamento: Os Atributos

Primeiro, a Bíblia ensina que Deus é Onisciente. Esta palavra significa “saber tudo”.

“diz o Senhor, que faz todas estas coisas são conhecidas desde toda a eternidade” Atos 15.18

Onipotente quer dizer que é “Todo-poderoso” *“...Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina”. Ap. 19.6*

Uma negação da Soberania de Deus equivale à anulação de um destes atributos divinos.

Exemplo: Suponhamos que algo que Deus não houvesse ordenado acontecesse. Teria que ser por umas destas razões: que Ele não sabia que aconteceria ou porque lhe faltou poder para impedir o acontecimento. No Primeiro caso, não seria Onisciente. No segundo caso, não seria Onipotente. A existência destes atributos em Deus confirma a impossibilidade de que algo aconteça sem a permissão divina.

Segundo Fundamento: Imutabilidade

A palavra “imutável” significa que “nunca muda”. Tem também a idéia de “irresistível”. Se encontra esta palavra na Bíblia em Hb 6. 17-19.

Para entender este conceito, é preciso distinguir entre dois aspectos da vontade Divina. Estes são:

- a. Sua Vontade de Mandamentos
- b. Sua Vontade de Propósitos

Deus expressou Sua vontade de Mandamentos em forma de editos morais, tais como os Dez Mandamentos. Deus permite que os homens transgridam estas leis e ao fazê-lo, pecam. Mas quando Deus decreta que Ele vai cumprir algum propósito, não permite que ninguém o invalide nem que Lhe impeçam cumprir com o Seu propósito.

Exemplo: Suponhamos que Deus dissesse, “Vêm vocês essa árvore? Eu ordeno que ninguém a corte”. Isto seria um mandamento divino, uma expressão da Sua vontade de Mandamentos. Permitiria Deus que alguém corte essa árvore? **Sim**. Porque Deus permite que Seus mandamentos sejam transgredidos.

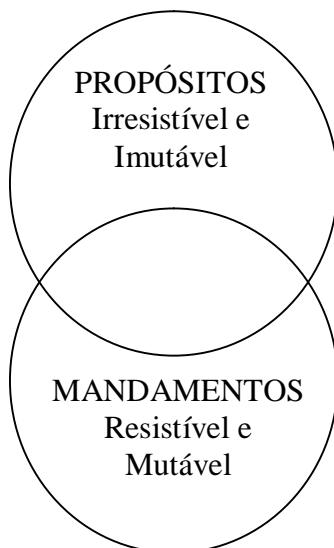
Mas suponhamos que Deus dissesse, “Meu propósito soberano é que esta árvore nunca seja cortada”. Permitiria Deus que alguém corte essa árvore? **Não**. Não existe na

terra força suficiente nem de homem nem do diabo, para que corte essa árvore. Deus o impediria.

Se não fosse por Sua Vontade de Mandamentos, ao homem não lhe seria permitido pecar. Se não fosse por Sua Vontade de Propósitos, não teríamos confiança de que Deus possa cumprir com suas promessas.

Em não distinguir entre estes dois aspectos da Vontade de Deus enfrentaríamos um desastre teológico.

Assim, Sua Vontade de Mandamentos é resistível e mutável. Não somente que Deus permite que seus mandamentos sejam transgredidos, senão que também Ele mesmo abroga, às vezes, estes mesmos editos (As leis cerimoniais, por exemplo, já que não estão em vigor).



Mas Sua Vontade de Propósitos é irresistível e imutável. Ninguém pode impedir que Deus cumpra com seus designios nem persuadí-LO para mudá-los. São propósitos eternos.

Este conceito da imutabilidade da vontade divina se expressa, as vezes, como “conselhos” de Deus. Os exemplos são:

Is 46.10 “o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade”.

Hb 6. 17-18 “que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa... tenhamos a firme consolação...”

Outros textos enfatizam a palavra “propósitos” para comunicar o mesmo conceito. Exemplo:

Ef 1.11 “...conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”

Muitos textos falam da vontade de Deus de uma maneira tão clara que não deixa dúvida sobre o conceito de imutabilidade. Exemplos:

Dn 4. 35 “...segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes?”

Is 14. 27 “Porque o SENHOR dos Exércitos o determinou; quem pois o invalidará? E a sua mão estendida está; quem, pois, a fará voltar atrás?”

É por meio da doutrina da imutabilidade dos Propósitos Divinos que se vê mais claramente a Soberania de Deus. Deus não poderia cumprir com Suas promessas se permitisse que mudassem Sua Vontade de Propósitos. Sem a imutabilidade, não poderíamos ter nenhuma segurança da salvação.

Terceiro Fundamento: Os Decretos Divinos

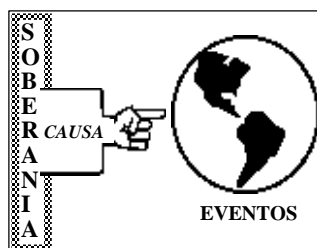
“Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu” Sl 33.9

O terceiro fundamento da Soberania de Deus responde a pergunta, “De onde provém a realidade?” Segundo a Bíblia, toda a realidade é produto dos decretos divinos feitos antes da fundação do mundo.

Hb 11. 3 *“Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus...”*

Este versículo pode ser traduzido como: *“Pela fé entendemos que foram estabelecidos as épocas...”* Quer dizer, que os eventos históricos, bons ou maus, se desenvolveram pela vontade de Deus. Isto inclui tanto os eventos mais importantes, como os mais insignificantes.

Ap 4. 11 – *“Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.”*



Esta afirmação é culminante. Todas as coisas devem a sua existência à vontade de Deus.

Sempre lemos nos Evangelhos: *“Isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta...”* Esta frase não diz que o profeta simplesmente falou do evento. Diz que o evento aconteceu a fim de cumprir com os decretos das Escrituras. Normalmente as pessoas envolvidas em cumprir estas profecias não tinham consciência de que estavam cumprindo um decreto divino. Nisto se vê o princípio básico da Soberania de Deus:

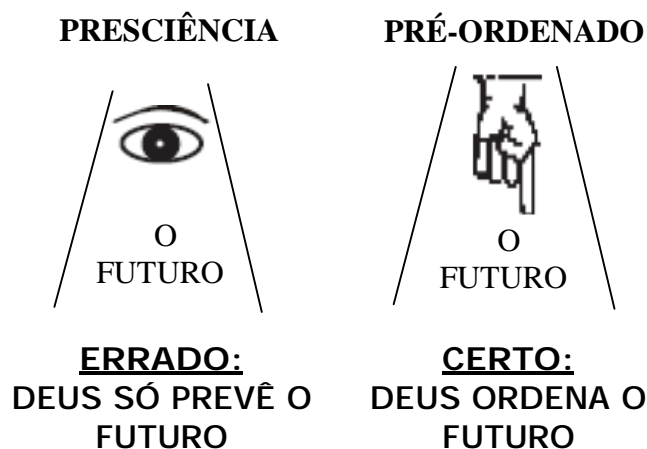
A REALIDADE É PRODUTO DA VONTADE DE DEUS

Uma profecia é simplesmente uma declaração dessa vontade. A realidade segue ao que Deus manda. Portanto, certas profecias causam os eventos profetizados e não é simplesmente que a profecia prognostica o evento.

Exemplos:

Jesus mandou seus discípulos buscar certo asno amarrado em uma aldeia. Certamente os donos não sabiam da profecia de Zacarias a respeito da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém. Todo o incidente tem as marcas da Soberania de Deus, no sentido de que a profecia era mais que uma simples predição. Era um desígnio Divino. Mt 21.1-4

Quando veio a multidão para prender Jesus no Getsêmane. Ele disse que isto acontecia para que se cumprisse as Escrituras. Mt 26. 55-56. Nos textos que tratam da prisão e crucificação de Jesus, indica claramente que tudo que aconteceu segundo o conselho divino. *“...para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer.”* At 4. 28



Os soldados romanos repartiram entre si os vestidos de Jesus, para cumprir com “o dito pelo profeta” Mas não tinham consciência de estar cumprindo as Escrituras já que eram pagãos.

Como Deus conhece o futuro com certeza? Uns dizem que Deus tem uma faculdade mental que lhe permite ver o futuro e investigar quais eventos vão acontecer. É como se tivesse um telescópio para observar o futuro. Deus forma logo Seus planos à base desta “presciência”. Esta teoria se chama o Conceito de Presciência.

Esta é a opção que multidões de Cristãos acreditam hoje em dia. É verdade que a palavra “presciência” encontra-se na Bíblia. Mas, interpretá-la em termos de uma mera observação divina passiva é uma definição deficiente. Esta deficiência revela-se ao perguntar, “Quem criou o tempo? O criou Deus? ou é o tempo algo que Deus descobriu por casualidade no transcurso da eternidade?”

Se Deus criou tudo, também criou o tempo. E se é Criador do tempo, também é Criador dos eventos que acontecem nele.

Se negamos isso, estamos afirmando que Deus criou o universo sem nenhum propósito ou sem saber o que estava criando.

A única opção que fica é o Conceito dos Decretos Soberanos. Deus conhece o futuro porque a realidade é produto da Sua vontade. O futuro não é algo que Deus prevê. É algo que Ele criou. A “presciência” de Deus é simplesmente seu próprio entendimento de Seus propósitos, que nenhum poder do universo pode alterar.

A Bíblia inteira e a experiência pessoal dos crentes são testemunhas da veracidade dos três princípios já expostos. Toda a realidade é produto dos decretos divinos feitos antes da criação do mundo. Seus decretos são “imutáveis”. Não podem ser mudados nem resistidos. O homem, os anjos e os demônios estão limitados ao que Deus lhes permite fazer. Tudo forma parte de um grande plano que resultará na glória de Deus.

Quarto Fundamento: Deus É Dono De Tudo

Num estudo bíblico, uma mulher perguntou-me: “Quem é dono da Terra? Deus ou Satanás? Com toda a maldade que acontece aqui, alguém poderia dizer que é do Diabo!”

O que diz as Escrituras?

Êx 9.29b “...para que saibas que a terra é do SENHOR”.

Êx 19. 5b “...porque toda a terra é minha”.

Dt 10.14 “Eis que os céus e os céus dos céus são do SENHOR, teu Deus, a terra e tudo o que nela há”.

Jó 41.11 “Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu”.

I Cr 29. 11 “Tua é, SENHOR, a magnificência, e o poder; e a honra, e a vitória, e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; tu és, SENHOR, o reino, e tu te exaltaste sobre todos como chefe”.

Sl 89. 11 “Teus são os céus e tua é a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste”.

Na queda de Adão, Deus não perdeu nada. O único perdedor foi Adão.

Olhemos com mais detalhe algumas categorias da realidade que Deus controla.

DEUS É SOBERANO:

Sobre a Natureza

“Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai” .Mt 10.29

Segundo Jesus, o Pai controla as vidas dos animais. Nem o passarinho mais insignificante pode morrer sem que Deus não o permita.

É igual conosco, diz Jesus. Valemos mais que muitos pássaros. Muito menos podemos morrer sem permissão do Pai.

Deus trouxe codornizes aos israelitas. Ele fechou as bocas dos leões na presença de Daniel. Ele colocou uma moeda na boca de um peixe para que Pedro o pegasse. Ele usou rãs, piolhos e moscas para julgar aos egípcios. Ele mandou gafanhotos contra Israel, trouxe os animais à arca de Noé, deu de comer a Elias através de corvos.

Inclusive nos fenômenos da natureza Deus mostrou Sua Soberania. Ele controlou o dilúvio de Noé; mandou trevas, granizo e fogo sobre o Egito. Cristo repreendeu e acalmou a tempestade. Deus fez com que o sol se detivesse, a pedido de Josué, etc.

Nem uma mosca voa sem a permissão divina.

Sobre Os Governos Humanos E A Raça Humana

“E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação” Atos 17.26

O que Paulo pregou em primeiro lugar aos pagãos de Atenas foi sobre a Soberania de Deus. Paulo se deu conta que o correto entendimento do Evangelho baseia-se nisso.

O Livro de Daniel é um estudo completo sobre a Soberania de Deus em governos humanos. Ao rei Nabucodonosor Deus lhe ensinou uma lição forte sobre Quem estabelece reis na terra (Dn 4.17). Depois de ter recebido um castigo divino pelo seu orgulho, o rei Nabucodonosor reconheceu isto com estas palavras:

E todos os moradores da terra são reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes? (Dn 4.35)

Sobre a Vontade Humana

Pode Deus ultrapassar os limites da vontade humana? Estende a Soberania Divina até mesmo à vontade e os pensamentos do homem? As escrituras respondem:

“Como riberros de águas, assim é o coração do rei na mão do SENHOR; a tudo quanto quer o inclina” (Pr 21. 1).

“Porque Deus lhes pôs nos corações o executarem o intento dele, chegarem a um acordo, e entregarem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus” (Ap 17.17).

Se para Deus não é difícil mudar o curso de um rio, então também não é difícil mudar o coração de um rei. E se pode mudar até o coração de um rei, quanto mais o coração dos homens comuns e correntes.

E o SENHOR deu graça ao povo em os olhos dos egípcios, e estes emprestavam-lhes, e eles despojavam os egípcios... e saberão os egípcios que eu sou o SENHOR (Ex 12.36; 14.4).

“Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá” (Pr 19.21).

É verdade que o homem tem uma vontade. Mas não é uma vontade soberana. A única vontade soberana é a de Deus.

Sobre A Maldade

Deus nunca obriga a ninguém a pecar. Muito menos se pode acusar a Deus, com base na sua soberania, de ser o autor do pecado. As pessoas pecam por sua natureza pecaminosa.

No entanto, ninguém pode pecar sem que Deus o permita. As Escrituras nos revelam que inclusive as mesmas circunstâncias do ato de pecar estão sob o controle soberano divino. Na mão divina está o poder para impedir ou permitir o pecado do

homem. O afirmar que Deus não pode impedir que uma pessoa peque, é igual como declarar que Deus é a causa do pecado.

Como limita Deus o pecado e controla as circunstâncias de sua manifestação, sem incorrer na culpa de ser a causa do pecado?

Quando um rato é posto numa jaula, sempre explora os limites dela. Raras vezes senta-se no meio da jaula, porque seu ambiente natural é em lugares fechados, como seus túneis, debaixo da erva, etc. Deus o fez assim. Os ratos estão mais cômodos quando estão cercados de alguma coisa. Se alguém quer ver um rato correr em círculos, basta somente colocá-lo em uma jaula circular. Seus movimentos são previsíveis, sem nenhuma violação de sua natureza ou poder para atuar.

Isso acontece da mesma maneira com o homem. Deus controla as ações pecaminosas dos homens, somente basta ajeitar o momento e as circunstâncias envolvidas no ato. Por Seu conhecimento íntimo da natureza e caráter das pessoas envolvidas, Deus fica no controle de tudo, sem que ninguém possa culpá-lo de ser o autor do pecado.

As Escrituras abundam em exemplos do controle divino sobre a maldade. Deus permite, impede ou usa a maldade segundo sua vontade Soberana. O exemplo mais destacado disto é a entrega e a crucificação de Cristo.

Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos? (Mt 21. 42).

O repúdio dos judeus a Cristo foi um propósito da vontade de Deus. Não somente o sabia de antemão, senão que, “O Senhor fez isso” No entanto, os líderes dos judeus atuavam conforme a seus próprios desejos, sem influências externas da parte de Deus. Transgrediram a vontade de Deus no tocante a Seus mandamentos e foram condenados por isso.

“Porque, verdadeiramente, contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungieste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer” (At 4. 27-28).

A Soberania de Deus e a liberdade do homem correm paralelas nas Escrituras como os trilhos de um trem. Os escritores da Bíblia nunca pensavam que isso fosse contraditório. Afirmavam os dois, tal como no texto anterior, sem o menor receio.

Os irmãos de José o venderam como escravo por motivos de ciúmes e ódio. A idéia de obedecer a Deus nem se quer lhes passou pela mente. No entanto, as Escrituras descrevem este ato traiçoeiro como um ato divino.

Gn 45. 8 “...Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus..”

Gn 50.20 “Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem..”

Como parte do juízo divino sobre Davi por seu ato pecaminoso com Bate-Seba e o assassinato de Urias, Deus declara que outro homem se deitaria com as esposas de Davi à vista de toda Israel.

A maneira que expressa este decreto é muito reveladora:

“Assim diz o SENHOR: Eis que suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres perante os teus olhos, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com tuas mulheres perante este sol. Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei este negócio perante todo o Israel e perante o sol” (II Sm 12. 11-12).

Quando Absalão ocupou o reino temporariamente, cometeu incesto com as esposas de Davi. Ainda que pareça estranho dizê-lo, isto ocorreu como juízo de Deus sobre Davi. Foi Deus mesmo quem levantou a Absalão como rebelde contra Davi e decretou que isto teria lugar. Ainda que Absalão seja culpado do pecado de rebeldia e de incesto, apesar de que tais pecados foram decretados por Deus.

Como pode Deus decretar isto e ao mesmo tempo manter-se santo? O Senhor simplesmente proveu a Absalão a oportunidade para expressar o que já estava em seu coração rebelde.

Doutrinas como estas são como carne crua; difíceis de suportar para algumas pessoas. Mas são os ensinamentos claros da palavra de Deus. Se Deus é Soberano sobre tudo, então é soberano também sobre a maldade. De outro modo, não poderíamos chamá-lo de soberano.

Outros exemplos bíblicos da Soberania de Deus sobre a maldade são:

O Rei Saul suicidou-se ao cair sobre sua própria espada, segundo I Cr 10. 4. Mas no versículo 14 diz que foi Deus quem o matou.

“E não buscou o SENHOR, pelo que o matou”.

O Apóstolo Paulo ensina que a incredulidade dos judeus forma parte do plano divino para incluir aos gentios no Pacto da Graça. (Rm 11.7-11).

Quando Davi foge de Jerusalém, o amaldiçoa Simei. Estas ações de Simei são ímpias. No entanto, Davi reconhece que Simei está fazendo isto por decreto divino.

II Sm 16. 11b “Deixai-o; que amaldiçoe, porque o SENHOR lho disse”.

Até os espíritos malignos estão sob o controle divino. Deus mandou um espírito maligno para falar pela boca dos profetas falsos durante o reino de Acabe.

I Rs 22. 23 “Agora, pois, eis que o SENHOR pôs o espírito da mentira na boca de todos estes teus profetas, e o SENHOR falou mal contra ti”.

Os enganos que afligem aos homens às vezes provêm de Deus como juízos para recusar a verdade. O Soberano mesmo escolhe o tipo de enganos que sofrerão.

II Tes.2:11 “E por isso Deus lhes envia a operação do erro, para que creiam na mentira”;

A teimosia dos filhos de Eli, ao ignorar a repreensão de seu pai, é atribuída a Deus em I Sm 2.25:

“...Mas não ouviram a voz de seu pai, porque o SENHOR os queria matar”,

I Sm 2. 25.

Deus lhes permitiu expressar a maldade dos seus corações como juízo contra Eli por sua negligência e mau exemplo como sacerdote.

É verdade que a enfermidade veio ao mundo como resultado do pecado. No entanto:

“E disse-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?” (Ex 4.11)

Um furacão destruiu um povo. Uma avalanche enterra uma aldeia.

“Tocar-se-á a buzina na cidade, e o povo não estremecerá? Sucederá qualquer mal à cidade, e o SENHOR não o terá feito?” (Am 3.6b)

Ainda que Satanás é o agente ativo na maldade, suas atividades se estendem somente aos limites da permissão divina. Como um cachorro amarrado, tem liberdade somente até onde alcança os limites da corrente. O mesmo com os homens. E nós sabemos Quem sustém o outro extremo da corrente.

Uma Tensão Consoladora

Encontramo-nos sob uma tensão filosófica entre a Soberania Divina e a responsabilidade humana. É incômodo viver com tal tensão. Como, então, escapamos para chegar a uma posição menos incômoda?

Reposta: Não nos escapamos. Paradoxalmente, Deus deseja que obtenhamos consolo desta tensão incômoda. Ele considera que esta tensão é a melhor situação para nosso bem-estar. Damo-nos conta que por mais cruéis que sejam nossos inimigos, Deus os tem sob Seu controle. No entanto, são completamente responsáveis por suas ações.

Para que Deus seja Deus e que o homem seja homem, ambos lados da tensão são necessários.

Jesus foi à cruz consciente de que era a “hora” das “trevas”. Ainda que sabia que os agentes das trevas o pegariam, não era às trevas que entregava Seu espírito, senão nas mãos do Pai. Compreendia que Seu Pai, não Satanás, lhe havia entregado o cálice para beber. Aceitou o cálice, não como proveniente das trevas senão da luz. Não se regozijou na dor, senão no bem maior que dele viria.

Este é o ponto de tensão consolador onde Deus quer que vivamos.

PERGUNTAS PARA REVISAR

A SOBERANIA DE DEUS

(A importância da doutrina)

1. Qual é a única base para uma fé sólida? _____.
2. Os que não crêem na Soberania de Deus colocam sua fé na capacidade _____.
3. Qual é a doutrina central da Bíblia? _____.
4. O que acontece quando a fé de alguém não está baseada na soberania de Deus? _____.
5. “Soberania” de Deus quer dizer que toda a realidade é fruto dos _____ feitos antes da criação do mundo.
6. Nem o bem nem o _____ escapa à _____ de Deus.
7. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus é o autor do pecado.
8. Tudo o que acontece é pela _____ de Deus.
9. Somente um Deus _____ pode garantir o cumprimento de Suas promessas.
10. Verdadeiro ou Falso: _____ Satanás pode impedir algo de Deus.
11. Verdadeiro ou Falso: _____ Os eventos das nossas vidas são causados em sua maioria pela sorte ou casualidade.
12. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus decretou tudo o que acontece.
13. Qual é a única base para dar glória a Deus?
_____.
14. Damos toda a glória a Deus porque Ele é quem faz _____ a obra.
15. É lógico orar a um Deus que não é Soberano? _____.
16. Por quê? _____.
17. A palavra “soberania” é _____.
18. Hoje em dia prega-se um novo “evangelho” em benefício do _____, em lugar de dar a _____ a Deus.
19. Verdadeiro ou Falso: _____ A vontade de Deus com respeito a seus propósitos eternos pode ser resistida e não ser cumprida.

AS BASES DESTA DOCTRINA:

1. Quais são os quatro fundamentos bíblicos para a Soberania de Deus?
 - a. _____.
 - b. _____.
 - c. _____.
 - d. _____.
2. A Bíblia ensina que Deus é “Onisciente”. Isto quer dizer que Ele _____.
3. A palavra “Onipotente” quer dizer que Deus é _____.
4. Escreva aqui dois atributos de Deus _____, _____.
5. O que significa a palavra “imutável” _____.

6. Esta palavra também tem a idéia de “_____”
7. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus permite que os homens pequem.
8. Quando Deus propõem algo, Ele não permite que ninguém o _____.
9. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus não pode ir contra a vontade de uma pessoa.
10. Deus está no controle da vontade humana? _____.
11. Escreva um versículo aqui para respaldar a resposta de número 10. _____

12. A realidade é produto dos _____.
13. Por que se desenvolveu a história humana de tal forma?
 _____.
14. Verdadeiro ou Falso: _____ Os eventos importantes na história foram decretados por Deus. Mas as coisas insignificantes aconteceram por casualidade.
15. Certas profecias _____ os _____ profetizados.
16. Verdadeiro ou Falso: _____ Ainda que Deus seja responsável por tudo o que acontece no mundo, Ele não é o autor do pecado.

Respostas às Perguntas

Soberania de Deus

1=A Soberania de Deus; 2=humana; 3=A Soberania de Deus; 4= Fracassa; 5=Decretos divinos; 6=Mal; soberania; 7=F; Vontade; 9= soberano; 10= F; 11=F; 12=V; 13=Soberania de Deus; 14=Toda; 15=Não; 16=Não merece toda a glória; 17=Absoluta; 18=Homem; honra; 19=F;

As bases desta Doutrina

1=Seus atributos, Sua imutabilidade, Seus decretos, Dono de tudo; 2=Sabe tudo; 3=Todo-poderoso; 4=Onisciente, Todo-poderoso; 5=Não muda; 6=Irresistível; 7=V; 8=Resista; 9=F; 10=Sim; 11=(ver texto); 12=Decretos divinos; 13=A vontade decretiva de Deus; 14=F; 15=Produzem, eventos; 16=V.

OBRA HUMANA INCAPAZ

(Depravação Total Humana)

A humanidade perdida no pecado tem muitos mitos. Entre estes está o mito da neutralidade moral do Livre-Arbítrio. O pecador se imagina em uma posição neutral entre o bem e o mal, com a capacidade de escolher entre eles quando lhe convém, Pressupõe uma capacidade para arrepender-se e vir a Deus em qualquer momento. Vê-se a si mesmo no controle integral com respeito às questões morais. Acha-se dono de seu próprio destino.

Todos os grupos religiosos apóiam de alguma maneira a doutrina do Livre-Arbítrio. Diferem entre eles no que significa a palavra “livre”. Está claro que nossa vontade possui limitações. Não podemos fazer brotar asas e voar somente por desejá-lo. Muito menos aumentar nosso coeficiente intelectual ao nível de Einstein pela força da vontade. Até nas lutas morais nossa vontade é as vezes um amigo e as vezes um inimigo. Nossa vontade esta limitada em algumas formas, mas não em outras.

Alguns grupos acreditam que o Livre-Arbítrio do homem escapou dos efeitos da queda e permanece moralmente neutro. Pensam que é a única faculdade que não foi afetada pelo pecado. Outros acreditam que a vontade está debilitada pelo pecado, mas que ainda pode contribuir à salvação. Finalmente, alguns afirmam que o pecado domina cada área do ser humano e que o pecador é incapaz de buscar a salvação sem a obra eficaz da Graça.

Nosso conceito de graça divina dependerá em grande parte do que pensamos sobre as capacidades e limitações da nossa vontade. Por esta razão é imprescindível definir cuidadosamente estas capacidades e limitações.

Afirmamos o seguinte?

- A. Que todos os aspectos do ser humano, antes do Novo Nascimento, são dominados pelo pecado e controlados por Satanás.
- B. Que a vontade humana, sendo ela também dominada pelo pecado, jamais poderia desejar a salvação nem aceitar a Cristo por sua própria iniciativa, sem a graça de Deus.
- C. Que o Novo Nascimento é um ato soberano de Deus, no qual o pecador é inteiramente passivo e que resulta em fé. Não somos nascidos de novo porque tivéssemos fé. Temos fé porque nascemos de novo. A vontade humana não é a causa do novo nascimento.

A palavra “livre” é a fonte de muita confusão por sua ambigüidade. “Livre” pode significar “capaz” ou “permissão” ou também “neutro”. É imprescindível definir estes termos antes de entrar em qualquer discussão sobre o livre-arbítrio. Diante dos ensinamentos da Bíblia, certas definições são válidas e outras não.

É bíblicamente válido afirmar “livre-arbítrio” nos seguintes sentidos:

1. O “direito” para escolher o bom (Ainda que o “direito” para fazer uma coisa não comprova a capacidade para fazê-la).

2. O poder para decidir entre as coisas moralmente neutras, como por exemplo, o que alguém come no almoço.
3. O poder para escolher entre certas ações exteriormente boas ou más, como o fazer uma caridade ou não; ou decidir ler a Bíblia em lugar de uma revista pornográfica.
4. A capacidade para cumprir com certas atividades ou devoções religiosas; assistir aos cultos, aprender corinhos, orar, etc.

Mas é antibíblico afirmar o livre-arbítrio nos seguintes sentidos:

1. Um poder inerente no homem para arrepender-se e aceitar a Cristo.
2. Uma capacidade para contribuir, por obra ou pensamento, qualquer coisa que poderia atrair a graça de Deus.
3. Neutralidade moral.
4. A faculdade que governa o homem.

Importância da Doutrina

No instante em que o cristão se dá conta de que seu livre-arbítrio não é a base da sua salvação, esclarece-se a definição correta da palavra “graça”. Dá-se conta que não se converteu a si mesmo e que a salvação não é uma obra mútua entre o homem e Deus. “A salvação é do Senhor”.

Chegar a entender a depravação total humana ajuda a abater o orgulho no cristão. Como pode alguém estar orgulhoso a respeito de algo que não pode fazer? Ao mesmo tempo, lhe dá uma nova segurança em sua relação com Deus. Depois de tudo, se Deus pôde superar a resistência da nossa natureza pecaminosa para mudar nossos corações obstinados, certamente pode preservar-nos para Seu reino eterno, apesar da corrupção da nossa carne.

Bases da Doutrina

A. O pecado Original

Deus criou a Adão com dons maravilhosos. Um desses foi o poder de escolher entre o bem e o mal. A isto chamamos de “livre-arbítrio”.

Quando Adão caiu em pecado, todo seu ser se fez escravo do pecado, incluindo sua vontade. A Bíblia nunca ensina que houve alguma parte de Adão que escapou do poder do pecado. Afirmar a neutralidade moral da vontade humana, é insinuar que ela escapou milagrosamente quando caiu Adão. Afirmar a Bíblia isto? Sem nenhuma dúvida que não.

Os efeitos da queda de Adão e os efeitos em nós estão expostos em Romanos 5:12-21. Neste texto aprendemos que herdamos de Adão a morte, a condenação e o juízo divino. Isto é, a culpa do pecado de Adão se atribui à toda sua descendência. Disto se conclui uma verdade de suma importância:

O homem peca porque é pecador, e não é pecador porque peca. O homem está condenado primeiramente pelo que É, e em segundo lugar pelo que FAZ. Não existem “crianças inocentes”. Todos nascem condenados e escravos do pecado.

B. O Coração Governa o Homem, Não Sua Vontade

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida.” Pv.4:23.

Existe a pressuposição de que a vontade humana é o que decide as ações do homem. Isto não só contradiz as Escrituras, como também contradiz a lógica. Como poderia a vontade humana ser “livre” da natureza da pessoa em que se encontra? A pessoa sempre escolhe o que lhe agrada. O que nos agrada reflete o que somos no coração. Assim, é o coração (i.é., a natureza interior), que dirige o homem, não sua vontade. A vontade nunca pode ser “livre” da natureza interna do ser em que se encontra. Um pato, por exemplo, posto entre um tanque de água e um montão de areia sempre escolhe a água. Por que? O pato escolhe segundo seus gostos. Tem livre-arbítrio somente dentro dos limites de sua natureza. Cristo mesmo sublinhou este princípio ao dizer aos Fariseus,

“Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração.” Mt.12:34.

A Bíblia ensina claramente que o coração do homem o governa. (Mt.12:33-37; 15:18-19 e Pv.4:23) Se o coração é dominado pelo pecado, então também o é a vontade. Uma ilustração: O coioite é um animal indomesticável. Por natureza sempre será silvestre, inclusive se for criado por humanos. No entanto suponhamos, que no transcurso de uma caminhada no bosque, se depare com um coioite. Pensa, “Que bom seria ter um coioite como mascote! Vou persuadir o coioite para que venha comigo.” Então, se aproxima ao coioite, e diz: “Terás, meu querido coioite, bastante comida de boa. qualidade.

Terás proteção do tempo e dos inimigos. Seremos bons amigos, e nos divertiremos muito”. Pensando agora que o coioite já está persuadido, estende a mão para o recolher. O que fará o coioite? Sendo um tipo de animal que é, obviamente lhe morderá.

A pergunta chave é esta: O coioite tem ou não tem livre-arbítrio?

Esta pergunta é uma armadilha. Não existe resposta absoluta, porque depende de nossa perspectiva do “livre-arbítrio”. Se definimos a vontade do coioite como uma capacidade de escolher entre ser silvestre e ser domesticado, então não tem livre-arbítrio. Se dissermos que a vontade do coioite é a faculdade de escolher com base nos seus desejos naturais, então sim, ele tem livre-arbítrio. Esta ilustração nos sugere uma definição mais realista do livre-arbítrio e mais de acordo com os dados bíblicos: O pecador tem livre-arbítrio dentro dos limites de sua natureza. Se sua natureza é governada pelo pecado, sempre escolherá o pecado porque o pecado é o que mais lhe agrada. Para que mude de mente, é preciso que Deus faça mudanças em sua natureza. Isto estudaremos posteriormente ao tratar o tema do Novo Nascimento.

C. Morto ou Doente?

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais”. Ef.2:1-3 (RA).

O homem carnal se percebe como pecador, mas não moralmente morto. Porém a Bíblia diz que estávamos “...mortos em delitos e pecados.” Seitas que crêem no livre-arbítrio moral pregam muitas vezes sobre o pecado como se fosse uma enfermidade. Usam ilustrações em suas pregações tiradas da medicina. Percebem aos pecadores como gravemente enfermos, mas com certa capacidade de aceitar a “medicina” do Evangelho se querem. Tal conceito é anti-bíblico. A Bíblia apresenta o pecador como morto, não como enfermo; totalmente incapacitado, não com alguns restos de poder para escolher.

São os mortos capazes de ressuscitar a si mesmos? A morte implica incapacidade total. Porém o orgulho humano não tolera a notícia desta incapacidade.

Logo, Paulo nos indica que éramos conformistas, “segundo o curso deste mundo.” Andávamos sob a ilusão de que nossos pensamentos eram realmente nossos. Nos imaginávamos originais, sem dá-nos conta que éramos produtos típicos de uma sociedade perversa.

Paulo revela-nos também que éramos marionete de um ser maligno. “...do espírito que agora atua nos filhos da desobediência ...”. Finalmente, Paulo expõe que nossa vontade não era o que nos governava, porque ela estava escravizada à nossa carne. “...fazendo a vontade da carne .”

Outro texto que ressalta a incapacidade humana (Obra Humana Incapaz) é Rm.3:9-18. Segundo V.9, todos estão “debaixo do pecado”. Isto é, estão sob o domínio do pecado. O efeito deste domínio se expressa na descrição que segue:

“como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus;...não há quem faça o bem, não há nem um sequer”.

Se não há quem entenda, pode chegar o pecador por si só entender o evangelho?... Se ninguém busca a Deus, tem o pecador poder para achá-lo?... Se não há quem faça o bem, por que supor que um pecador é capaz de entregá-se a Cristo?...Não é isso o bem? Se não há temor de Deus neles, donde provem o desejo para entregá-se a Ele?

O erudito C.S. Lewis, ilustra este estado de ser:

“Os agnósticos falam com agrado sobre a procura do homem a Deus. Para mim, melhor que falem da procura do rato ao gato...Deus me apanhou.”¹

Se existe a menor suspeita de que a natureza carnal humana tem alguma capacidade de submeter-se a Deus, Rm.8:7 é suficiente para descartá-la:

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”.

D. Cada Parte Do Ser Humano É Controlada Pelo Pecado

O pecador não entende nem busca a Deus, (Rm.3:11). Seu entendimento está obscurecido, (Ef.4:18), não entende as coisas espirituais e as considera insensatas, (I Cor.2:14). Sua mente não pode submeter-se a Deus, (Rm.8:7), e é inimigo de Deus, (Cl.1:21), cego por Satanás, (II Cor.4:4). Os pensamentos de seu coração são maus continuamente, (Gn.6:5).

Sua vontade é controlada por Satanás, (Ef.2:3), de maneira que não pode arrepender-se sem que Deus lhe conceda o arrependimento, (II Tm.2:26). Não pode vir a Cristo sem que Deus o traga. (Jo.6:44,65). Está sob o domínio de Satanás, (Cl.1:13).

Alguém perguntou ao grande Teólogo Santo Agostinho, “Crês tu no livre-arbítrio?” respondeu Agostinho: “claro que sim! Sem Cristo estamos totalmente livres de toda justiça”.

Como percebe Deus as boas obras dos não-regenerados?

É simples. Ele não as percebe em absoluto, porque os não-regenerados nunca realizaram uma boa obra.

“Impossível!”, exclamou um Doutor em um dos meus cursos de Teologia. “Agora realmente você está exagerando, professor!” ele disse. “Eu conheço a muitos não-cristãos bons os quais provêem para suas famílias, fazem caridades, servem à comunidade. Está você dizendo que aquelas obras boas são más?”

Ainda que pareça chocante dentro de uma cultura humanista moderna, baseada na justiça pelas obras, a resposta à pergunta do Doutor é um contundente “SIM!”. As boas obras dos não-regenerados, inclusive as que concordam com os mandamentos Divinos, são contadas por Ele como atos pecaminosos. Por dois motivos isto é verdade: Porque estas obras procedem de uma fonte corrupta e se praticam por motivos impuros.

Primeiro, o coração não-regenerado está dominado pelo pecado, com o EU entronado como a pessoa central, e seu próprio benefício como o valor mais alto. Até que esta natureza haja sido transformada, e o EU destronado, a natureza inteira do homem é uma fonte corrupta. Por esta razão Deus não aceitará nada de tal fonte. O que

¹ Citado de C.S. Lewis, em Gathered Golden, John Blanchard, Evangelical Press 1989 pp. 74.

proceda de uma fonte corrupta contêm elementos de corrupção. Jesus diz, “Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz frutos maus”. Mateus 7:17

Não é de se estranhar o que disse Isaías, “...todas as nossas justiças, como trapo da imundícia;”² Pegue trapos imundos, faça uma roupa, e apresente-lá a um príncipe. Veja o quanto se agradou ele. Assim estão fazendo os não-regenerados quando imaginam que Deus se compraz de suas ações. As obras de uma pessoa não são aceitas até que sua pessoa seja aceita. E isto ocorre unicamente quando a pessoa é justificada pela fé em Cristo.

Segundo, os motivos dos não-regenerados são *sempre* impuros. Como sabemos isto? Porque “tudo o que não provém da fé, é pecado.”³ E o que é feito por outros motivos que não seja a glória de Deus e submissão à Sua vontade é uma forma de rebelião sutil.

Os não-regenerados nunca são mais corruptos que quando estão realizando caridades. A única coisa que poderia ser mais pecaminosa seria a realização de atos religiosos. Tais obras servem para convencer-se que são basicamente boas pessoas e que seguramente Deus está contente com eles.

Se fossem motivados a agradar a Deus e a submeter-se a Sua vontade, fariam a primeira coisa que Ele requer: Arrepender-se, submeter-se à autoridade de Sua Palavra e ao Senhorio de Seu Filho.

“Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus? Respondeu-lhes Jesus: ...que creiais naquele que por ele foi enviado”.⁴ O termo “creiais” implica algo mais profundo que o realizar uma obra. Isto sugere a crença pessoal em Cristo que conduz à uma obediência que destrona o EU. Isto coloca Jesus como a persona central na vida de uma pessoa, Sua vontade como o valor mais elevado.

Na realidade, os não-salvos fazem obras boas e atos religiosos como *substitutos* para a submissão, e não como *sinais* da auto-abnegação de um coração purificado. O EU permanece no trono.

Não era este o problema dos Fariseus? Não disse Jesus que as prostitutas e os ladrões estavam mais próximo do reino de Deus que eles? Era isto somente uma exagero poético?

Muitas das obras dos Fariseus estavam de acordo com a Lei Divina. De fato, a obediência à lei era o enfoque do movimento Farisaico. Em que sentido eram, pois, as obras dos Fariseus piores que as da prostituição e do roubo? A auto decepção o auto engano em uma obra que procede de um coração corrupto e com motivos impuros transforma qualquer obra, por mais “boa” que seja, em uma obra pior que as mencionadas.

² Isaías 64:6

³ Romanos 14:23

⁴ João 6:28 e 29 (RA)

Não é de se estranhar que Paulo, ao falar da humanidade não-regenerada, tanto a Judeus como a gentis, disse, “...*Não há quem faça o bem, não há nem um só.*”⁵

É esta alguma doutrina nova, recém inventada? Note-se que um documento evangélico antigo, escrito em 1648 (a Confissão de Fé de Westminster), diz:

“As obras feitas por homens não-regenerados, ainda quando por sua essência possam ser coisas que Deus ordena, e de utilidade tanto para eles como para outros, no entanto, porque procedem de um coração não purificado pela fé e não são feitas de maneira correta de acordo com a Palavra, nem para um fim correto, (a glória de Deus); portanto são pecaminosas, e não podem agradar a Deus nem fazer a um homem digno de receber a graça da parte de Deus. E a pesar disto o descuido das obras por parte dos não-regenerados é mais pecaminoso e desagradável a Deus.”

Deus requer que os não-regenerados façam obras boas. Mas ao fazê-las, cometem pecado. Se eles não as fazem, estas omissões são ainda mais pecaminosas. O homem não contribui em nada para sua salvação, só para sua condenação. Nada menos que o milagre maravilhoso da regeneração basta para mudar esta situação.

***Perguntas Gerais Sobre A
Obra Humana Incapaz
(Depravação Total Humana)***

Pergunta A: “Como pode Deus fazer-nos responsáveis de fazer o bem se não podemos fazê-lo? Como pode Deus nos condenar por praticar o pecado se agente não pode fazer outra coisa?”

Usemos um exemplo para ilustrar:

Ponha uma Bíblia num extremo duma mesa comprida e uma garrafa de vinho no outro extremo. Depois, pegue um alcoólatra e o coloque sentado entre a Bíblia e o vinho, e diga-lhe que tem total liberdade para escolher o que quer. À parte de qualquer outra influência ou persuasão, o que escolherá o alcoólatra? Obviamente escolherá o vinho, porque assim é sua natureza. Ele tem a LIBERDADE de escolher o vinho, e a RESPONSABILIDADE de escolher a Bíblia. Mas lhe falta a CAPACIDADE para escolher a Bíblia. Ele tem a LIBERDADE de escolher o que quer. Porém o que ele quer se determina por sua natureza interna.

Certos textos bíblicos pode ser mal interpretar por confundir a diferença entre liberdade e capacidade. Tais textos manifestam o que o homem *deve* fazer, não o que *pode* fazer.

O pecador nunca está livre da sua responsabilidade para obedecer a Deus. O esboço abaixo mostra este paradoxo entre a responsabilidade do homem e sua incapacidade.

⁵ Romanos 3:12

RESPONSABILIDADE

Vir a Cristo: Mt.11:29

Arrepende-se: Atos.3:19

Circuncidar Seus Corações

Crer: Jo 3:16

Guardar A Lei: Rm.2:13

INCAPACIDADE

Ninguém Pode Vir: Jo.6:44

O Arrependimento É Concedido
Por Deus: II Tim.2:25

Deus Circuncida Os Corações

O Crer É Concedido Por Deus: Fil.1:29

Ninguém Pode Guardar A Lei: Rm.8:4

A depravação total do homem não o livra de sua responsabilidade. Depois de tudo, não é culpa de Deus que o homem peque. O pecado do homem não tira de Deus Sua própria santidade, nem tampouco Seu direito de mandar o que é justo.

Não são forças *exteriores* ao homem que o obrigam a pecar, senão uma força *interior*; SUA própria natureza pecaminosa.

Pior ainda é afirmar a neutralidade moral da vontade. Se é que ela vem à tona independente do nosso, “livre” estado moral natural. Em que sentido, pois, seria NOSSA vontade? Como poderíamos estar sob a obrigação de prestar contas pelo que nossa vontade decide, se fosse independente do que somos?

A Bíblia mostra que a vontade humana é uma extensão do caráter da pessoa. Quando não existe regeneração, a pessoa rejeita a Cristo até que Deus o mude.

Finalmente, a base bíblica de nossa responsabilidade ante Deus não é nossa capacidade, senão nosso conhecimento. Isto se vê em Romanos 1:18-20. O pecador SABE certas coisas pela revelação na natureza. Mas não busca a Deus porque gosta do pecado.

Pergunta B: “No primeiro capítulo, Soberania Divina, foi exposto que Deus está no controle de tudo, até da mesma vontade humana. Não faz isto do homem uma marionete? Não estão em conflito estas duas doutrinas, a Soberania de Deus e a responsabilidade humana?”

É verdade que existe uma tensão filosófica entre estes dois aspectos da teologia bíblica. É uma das matérias mais profundas que se pode discutir. Entende-se melhor, contudo, quando consideramos que o controle que Deus exerce é normalmente indireto, através da mesma natureza humana. Já que a pessoa escolhe o que está de acordo com sua própria natureza, Deus tem que mudar essa natureza a fim de que a pessoa seja motivada a escolher a salvação. Desta maneira, a vontade da pessoa escolhe livremente, de acordo com a revelação que Deus lhe dá. Deus permanece Soberano sem forçar a

pessoa contra sua vontade. No caso de alguns, Deus os deixa no caminho que eles mesmos escolheram.

A Questão Do Novo Nascimento:

Como é que chegamos a aceitar Cristo?

Se o pecador não tem nenhuma motivação em si mesmo de arrepender-se e escolher a Cristo, como é que alguns se convertem e outros não? Esta pergunta se responde quando consideramos a ordem dos eventos no Novo Nascimento. Existem dois pontos de vista a respeito do que acontece no Novo Nascimento:

- A. Um ponto de vista diz que o pecador faz uma “decisão” para crer em Cristo, isto resulta em nascer de novo. O pecador produz fé em si mesmo por um ato de seu livre-arbítrio. Deus responde a esse ato, concedendo-lhe a graça e lhe faz nascer de novo. Assim, o próprio pecador inicia o processo. Deus é passivo, esperando a iniciativa humana. A fé produz o novo nascimento, de maneira que o pecador contribui para sua salvação em forma de fé e obediência. Este ponto de vista é crido, entre os evangélicos, pelo ramo “Arminiano”.
- B. Outro ponto de vista diz que o pecador está morto em pecado, portanto, incapaz de crer. Deus, pois, por um ato Soberano Seu, faz nascer de novo aos que Ele já havia escolhido para a salvação antes da criação do mundo. O pecador é totalmente passivo no ato de nascer de novo. Deus é o que inicia. O pecador ao nascer de novo tem uma nova natureza, percebe as coisas divinas, e põe sua fé em Cristo. Assim, o nascer de novo produz a fé, não vice-versa. A fé e a obediência, são resultados do novo nascimento e não suas causas. O pecador não contribui em nada para sua salvação. Este ponto de vista é crido, entre os evangélicos, pelo ramo “Reformado”.

Qual destas duas posições é bíblica? Ao examinar os textos bíblicos relativos ao nascer de novo, podemos comparar entre “causa” e “efeito”. É nossa obediência a causa de nascer de novo? Ou, é o nascer de novo a causa de nossa obediência?

CAUSA

Jo.3:3 :Nascer de novo

Jer.24:7: Deus dará coração

Ez. 16:62,63 Deus confirmará Seu Pacto

Ez. 36:26,27: Dará um coração novo

Tg.1:18: Ele, de Sua vontade,

Sal.65:4: Escolhido por Deus

EFEITO

Ver o reino de Deus

Para que Lhe conheçam

Perdoará os pecados

Obediência

Primícias de Suas criaturas

Atraído a Ele

Se ainda fica dúvida de que o ponto de vista “Reformado” seja o correto, leia Jo.1.13: *“os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.”*

Existe outra maneira de entender que nascer de novo é um ato soberano divino, respondendo à pergunta, “De onde provém a fé salvadora? Provém do livre-arbítrio do homem?, ou é uma obra da graça de Deus?” O esboço seguinte responde:

CAUSA	EFEITO
Atos13.48: “os que foram ordenados para vida eterna,	creram.”
Atos 18.27: “pela graça	Haviam crido.”
Atos 12.2 : “Jesus, o Autor e consumidor	da fé.”
Ef. 2.8 : “pela graça sois	salvos por meio da fé”
Fil.1.29: “concedido a causa de Cristo	crer nEle.”
Jo. 6.65: “concedido por meu Pai	vir a Mim.”

A vontade humana desempenha algum papel na salvação? Fica inerte a vontade antes, durante e depois da conversão? É nossa vontade como uma marionete inconsciente manipulado por um mestre de marionete celestial? De maneira nenhuma!

Quando nossas percepções mudam, se conformam então as outras faculdades. Ao “ver o Reino de Deus” pela iluminação da regeneração, então a conversão chega a ser inevitável. Deus nos revela Cristo tão atraente, que Sua Pessoa mesma chega a ser irresistível. A irresistibilidade da graça consiste mais nesta percepção, que na dominação forçada duma vontade humana resistente. Cristo é demasiado excelente para resisti-lo quando se revela como Ele é. Essa iluminação não transgride nenhum aspecto da liberdade do homem, nem faz injustiça aos que se negam a mirá-lo.

O motivo pelo qual Deus concede esta iluminação a alguns e a outros não, é um mistério escondido na eternidade.

As palavras dos Artigos De Dort, um documento reformado escrito em 1618, o expressa com clareza e beleza:

“Ele abre o coração que está fechado; Ele quebranta o que é duro;...Ele infunde na vontade propriedades novas, e faz que essa vontade, que estava morta, reviva; que era má, se faça boa; que não queria, agora queira realmente; que era rebelde, se faça obediente; Ele move e fortalece de tal maneira essa vontade para que possa, qual árvore boa, levar frutos de boas obras.”

A ordem correta dos eventos na salvação é:

Nascer de Novo - Fé - Justificação

A fé salvadora é obséquio Divino, não fruto do “Livre-Arbítrio” humano. Nascer de novo é ato soberano de Deus. O pecador não se converte a si mesmo.

Advertência Aos Pastores

A idéia do “livre-Arbítrio neutral” é como uma má erva no jardim. Quando ainda cremos que está desarraigada, brota de novo. De todas as idéias errôneas sobre a salvação, esta é a mais difícil de arrancar dos cristãos. No ensino da graça, sempre haverá mais resistência no que diz respeito à Depravação Total Humana (Obra Humana Incapaz) que qualquer outra das doutrinas da graça, porque o homem carnal insiste em acrescentar algo à salvação.

No ensino da Obra Humana Incapaz (Depravação Total Humana), é aconselhável repetir constantemente o que NÃO se está dizendo. Isto ajuda a evitar mal-entendidos (ainda que nunca serão evitados por completo). Por exemplo, vale dizer: “Não estamos dizendo que o homem não tem vontade. Sim tem; mas é vontade escravizada”. E, “O homem é responsável por suas ações, ainda que lhe falta força para cumprir com sua responsabilidade por causa do poder do pecado”. E, “Deus nos manda fazer o que é justo porque Ele é Santo, não porque somos capazes de obedecer-Lhe.” E, “Não estamos dizendo que o pecador não tem PERMISSÃO para escolher a salvação; só que não pode fazê-lo sem a graça de Deus.”

Como pastor, custará esclarecer à congregação sobre a incapacidade do homem. Mas vale a pena insistir. Deus usará os ensinamentos para revelar a alguns o que na verdade é a graça de Deus. Dará a eles assim uma preciosa jóia que lhes enriquecerá toda a vida.

Nossa Incapacidade Bendita

Os estudantes geralmente supõem que me entenderam mal, quando ouvem que uma compreensão de sua total incapacidade é uma das maiores bênçãos que se pode experimentar. Ainda que se habituem a meus paradoxos, estes sempre lhes surpreendem.

Pelo menos lhes capta a atenção, e prepara-os para a seguinte citação do grande Reformador, Martinho Lutero:

Do Consolo De Saber Que A Salvação Não Depende Do ‘Livre -Arbítrio’

“Eu confesso francamente que, de minha parte, inclusive se fosse possível, não queria que me seja dado o 'Livre-Arbítrio' nem coisa qualquer deixada a minhas próprias mãos para capacitar-me para trabalhar para a salvação; não somente porque diante de tantos perigos, e adversários, e assaltos de demônios, não poderia aguentar e sustentar meu 'Livre-Arbítrio' (porque um só demônio é mais forte que todos os homens, e

sob tais condições nenhum homem poderia salvar-se); mas a causa de que, inclusive se não fossem perigosos, sejam adversários ou diabos, estaria todavia forçado a trabalhar sem nenhuma garantia de êxito, e golpear o ar em vão.

Se eu vivesse e trabalhasse por toda a eternidade, minha consciência nunca alcançaria uma certeza reconfortante sobre a questão de quanto falta para satisfazer a Deus. Em qualquer obra que haja cumprido, ficaria todavia uma dúvida persistente se Deus estava satisfeito, ou se requeria outra coisa. A experiência de todos os que buscam justiça por obras comprova isto; e eu mesmo o aprendi suficientemente bem por um período de muitos anos, para minha própria grande desgraça. Mas, já que Deus tirou minha salvação do controle de minha própria vontade, e a pôs sob o controle da Sua, e prometeu salvar-me, não segundo meus esforços, mas segundo Sua própria graça e misericórdia, eu tenho a certeza cômoda que Ele é fiel e não me mentirá, e que Ele é também grande e poderoso de maneira que nenhum demônio nem oposição pode derrotar a Ele ou tirar-me dEle. 'Ninguém', Ele diz, 'as arrebatará de minha mão. Meu Pai que as me deu é maior que todos.' Jo.10:28-29. Assim é que, se não todos, no entanto alguns, em realidade muitos, são salvos; mas ao contrário, pelo poder do 'Livre-Arbítrio' nenhum poderia ser salvo, pois todos pereceríamos.

Ademais, tenho a certeza reconfortante de que eu agrado a Deus, não por causa do mérito de minhas obras, senão pela razão de Seu favor misericordioso que me prometeu; a fim de que, se trabalho demasiado pouco ou mal, não o atribui a mim senão com compaixão paternal me perdoa e me faz melhor. Para todos os santos isso é gloriarse em seu Deus.”⁶

Perguntas sobre a Obra Humana Incapaz (Depravação Total Humana)

Quais os versículos que parecem sustentar a neutralidade do “Livre-Arbítrio”?

Tais versículos podem ser postos nas seguintes categorias:

1. Versículos que demonstram que o homem escolhe o pecado.

Supõe-se por isto que se se pode escolher o pecado, deve também ter a CAPACIDADE de escolher a justiça. Mas isto é ilógico. Seria o mesmo que dizer que um tronco de árvore tem poder de flutuar rio acima somente porque pode flutuar rio abaixo. Insistir em que o homem tem o poder para escolher o mal não é uma evidência de que possa escolher o bem.

2. Exortações e mandamentos para escolher o bem.

Freqüentemente citam-se versículos do Antigo Testamento em que Deus manda que os judeus escolham o bem (“... os coloquei diante da vida e da morte... escolhe, pois a vida...” Dt. 30. 19 “... escolhei hoje a quem sirvais...” Js 24.15).

⁶ “The Bondage of The Will” (Escravidão Do Livre-Arbítrio) por Martinho Lutero. Seção XVIII, No.783.

É ilógico supor que um mandamento para fazer uma coisa comprove a capacidade para fazê-lo. Deus mandou Israel a que guardasse Sua Lei. Acaso isso é evidência de que o homem pode guardar a lei? Claro que não. O Novo Testamento nos indica que ninguém pode guardar a lei. Ela foi dada, na realidade, para revelar o que o homem NÃO pode fazer. Para que, então tirar versículos da lei a fim de comprovar o livre-arbítrio neutral?

Deus manda, “sejam perfeitos”. Acaso isso comprova que temos o poder para ser perfeitos sem Deus e sem graça? Por que, pois, imaginar que o homem não convertido tem a capacidade de escolher o bem? Por que isso lhe foi ordenado? Deus nos manda fazer o bem porque não há outra coisa que possa mandar. Sendo bom, não poderia nos mandar fazer o mal.

3. Versículos que provam que o homem é responsável por suas próprias ações.

Não negamos que o homem é responsável por sua conduta. Somente negamos que a responsabilidade implique em capacidade.

Os únicos tipos de versículos que poderiam refutar a doutrina da Depravação Total Humana (Obra Humana Incapaz), seriam os que dizem que o homem pecador, sem Deus e sem Sua graça, pode converte-se. Mas tais versículos, não existem. Mandamentos e exortações, exemplos de pecadores escolhendo o mal e explicações da nossa responsabilidade, não têm nada que ver com a questão.

PERGUNTAS PARA REVISAR

Obra Humana Incapaz (Depravação Total Humana).

1. Um mito popular entre a humanidade é _____.
2. Este mito é a base de toda _____ e toda distorção do _____.
3. Verdadeiro ou Falso: _____ Todas as partes do pecador são dominadas pelo pecado exceto sua vontade.
4. Verdadeiro ou Falso: _____ A vontade humana, por si só, nunca pode desejar a salvação sem uma obra de graça.
5. Verdadeiro ou Falso: _____ O novo nascimento é um ato soberano de Deus em que o pecador é inteiramente passivo.
6. O mito que estamos refutando neste capítulo chama-se _____.
7. A definição da graça se esclarece quando um cristão se dá conta de que _____.
8. Verdadeiro ou Falso: _____ A salvação é uma obra mútua entre Deus e o homem.
9. De que formas o cristão é ajudado ao entender a doutrina da Obra Humana Incapaz (Depravação Total Humana)?
A. _____
B. _____
10. O que aconteceu com Adão quando caiu em pecado?
11. A culpa do pecado de Adão se atribui a _____.
12. Qual das frases seguintes é a mais correta segundo nosso entendimento da queda de Adão?
A. Pecamos porque somos pecadores.
B. Somos pecadores porque pecamos.
13. Qual destas partes do ser humano determina o que vai decidir?
A. Sua vontade
B. Sua natureza-coração
C. Seu sangue
14. Qual destas duas frases é correta?
A. O coração governa a vontade
B. A vontade governa o coração
15. Verdadeiro ou falso: _____ O pecador está espiritualmente doente, mas não espiritualmente morto.
16. Os que recusam a doutrina da Depravação Total Humana (Obra Humana Incapaz) estão confundidos com respeito à diferença entre a _____ de escolher e a _____ de escolher.
17. (Marque a frase correta): A frase “liberdade de escolher” quer dizer que:
A. O pecador tem o poder para escolher o bem.
B. Não há obrigação fora de sua própria natureza que lhe obriga a escolher.
C. Que Deus lhe obriga a escolher o mau.
18. Explique em suas próprias palavras, por que os versículos das seguintes categorias não são válidos como evidência de que a vontade é livre para escolher a salvação sem a graça?
A. versículos que demonstram que o homem escolhe o pecado.

B. Exortações e mandamentos para escolher o bem.

C. versículos que demonstram que o homem é responsável por suas ações.

19. A base bíblica da responsabilidade é o

20. Qual dos seguintes ramos do Cristianismo nos ensina que o nascer de novo é fruto de uma decisão da vontade humana.

- A. Arminiano
- B. Reformado
- C. Católico

Respostas às Perguntas

Obra Humana Incapaz (Depravação Total Humana).

1= O livre-arbítrio moral; 2=Religião falsa, evangelho; 3=F; 4=V; 5=V; 6=O livre-arbítrio; 7= Não se converteu a si mesmo; 8=F; 9= A. Destrói o orgulho, B. Dá segurança; 10= Todo seu ser se fez escravo do pecado; 11=Sua descendência; 12= A; 13=B; 14=A; 15=F; 16=Responsabilidade, Capacidade; 17=B; 18=(ver texto); 19=Conhecimento; 20=B.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

O grito de guerra da reforma, “Justificação pela Fé” ressoou por toda Europa no Século 16. Milhares entregaram suas vidas em lugar de renunciar a esta doutrina. Se desencadeou guerras em vários países da Europa. Por que tanta controvérsia? Porque esta doutrina representava uma denuncia do que se ensinava naquele tempo sobre a salvação. A fins do século XVI na Alemanha, um sacerdote católico chamado Martinho Lutero, lendo a Bíblia, se deu conta que Rm 1.17 declara o seguinte: “O justo viverá pela fé”. Deus iluminou seu coração por meio deste texto. Compreendeu então que os méritos não tinham nada a ver com a salvação. Pasmado por esta revelação, continuou seus estudos em Romanos e chegou a entender esta importante doutrina da graça. Com isto começou a redescoberta da teologia da Bíblia que se conhece hoje em dia como a Reforma.

Importância da Doutrina

Para que serve entender esta doutrina?

Primeiro: Nos liberta de temores e inseguranças com respeito a nossa relação com Deus. Quando vemos que nossa aceitação com Deus está baseada na justiça de Cristo e não na nossa própria, experimentamos um profundo alívio emocional.

Segundo: Nos ajuda na oração, que nos damos conta de que as respostas a nossas preces não dependem de nossos méritos.

Terceiro: Nos ajuda a evitar todo tipo de legalismo, ao entender que nossa justiça é um fato cumprido interiormente e que não consiste em práticas exteriores.

Definição Da doutrina

A justificação é uma declaração legal feita por Deus, de que uma pessoa é justa com respeito à lei Divina, a causa da justiça perfeita de Cristo, concedida à pessoa por meio da fé em Cristo.

O que NÃO é justificação

Um médico disse que a melhor maneira de entender o que é uma boa saúde, é estudar a doença. Igual acontece com essa doutrina. Uma boa maneira de entender o que é a justificação é estudar o que NÃO é:

A justificação não se refere ao processo de crescimento espiritual na vida cristã. (Esta última se chama “santificação”). A justificação é questão da nossa aceitação LEGAL pelo Pai, frente a lei divina. Um erro comum entre os cristãos no estudo da

Justificação, é imaginar que a Justificação quer dizer “ser feito justo”. Mais bem, significa “DECLARADO JUSTO”.

Tampouco é uma recompensa por nossa fé. Como já comprovamos na seção anterior, segundo o Novo Testamento, a fé salvadora é uma obra da graça divina. Ainda que Deus requer a fé como condição da justificação, não devemos supor por isso que a Justificação é uma recompensa por nossa fé, posto que é Deus mesmo quem nos a dá, por meio da regeneração.

Muito menos afirmamos que a fé substitui a Lei Moral Divina. Esta Lei (representada pelos Dez Mandamentos), forma parte de um pacto eterno e não pode ser substituída. Alguns acusaram os reformadores de ensinar que se temos fé, não temos que fazer boas obras. A realidade do assunto é que as obras dos pecadores não são válidas para sua salvação porque provêm de uma fonte corrupta. As obras não são aceitas se a pessoa não é aceita primeiramente. E a pessoa será aceita somente se é justificada pela fé.

A fé não substitui a lei moral, porque os Dez Mandamentos formam parte de um pacto eterno e sempre estão vigentes. A idéia básica na justificação, não é como ser salvo sem a lei senão como a justiça perfeita da lei por ser atribuída a nossa conta. Segundo a Bíblia, se cumpre isto por meio da fé em Cristo, quem é nosso substituto sob a lei.

Por meio das seguintes perguntas vamos chegar a um entendimento completo da definição anterior:

A. Deus exige que a Justiça da lei seja cumprida nos cristãos?

“... para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos conforme à carne, senão conforme ao Espírito”. Rm 8.4

Estas palavras são claras. Deus exige que a justiça da Lei Moral seja cumprida em nós. Sobre este ponto muitos cristãos erram. Lêem versículos que afirmam que não estamos sob a Lei, e que não somos justificados por ela. Disto tiram a conclusão ilógica de que a Lei não conta para nada e de que Deus não exige a justiça que ela representa.

Os judeus entenderam bem que a Lei representa a justiça de Deus. Por isso, eles pensavam que a justificação provinha da obediência da lei. Erravam porque ninguém podia guardar a lei. Paulo nos mostra que a justiça que a lei representa vem a nós por meio da fé em Cristo Jesus como um dom gratuito de Deus. Mas cuidado. É também um erro supor que por isso Deus não requer a Justiça da lei no crente.

Nós e os judeus estamos de acordo sobre um ponto essencial,... Deus requer de nós a justiça da lei. No que diferimos dos judeus é no método de obter esta justiça. Eles crêem que se obtêm guardando a lei. Nós cremos que se obtêm como um dom gratuito de Deus pela fé em Cristo.

É essencial entender que não se anula a Lei em todo sentido. É ab-rogada somente como meio da justificação. Segue em vigor no seguinte sentido: A lei serve ainda como definição de certas palavras bíblicas, como “justiça” e “pecado”. Diz I Jo 3.4 *“pois o pecado é infração da lei”*. Logicamente, a palavra “pecado” não teria significado se não fosse pela lei. Também Paulo diz em Romanos 5.13, *“onde não há lei, não é levado em conta o pecado”*. E, *“porque por meio da lei é o conhecimento do pecado”* (Rm 3.20). A lei serve como norma de justiça. Sem a lei, não haveria pecado, e ninguém poderia ser condenado.

O problema com as exigências divinas com respeito à lei é que ninguém pode cumpri-las. Como disse Paulo, *“Por quanto os designios da carne são inimizade contra Deus. Porque não se sujeitam à lei de Deus, nem podem”* (Rm 8.7). Com isto, chegamos à segunda pergunta:

B. Se não podemos cumprir com as exigências da Lei. Como é que a justiça da lei nos chega a ser contada?

Aqui entra um dos princípios bíblicos mais importantes: a Substituição de Cristo. Jesus Cristo foi nosso substituto frente à Lei. Cristo cumpriu a lei em nosso lugar em dois sentidos. Primeiro, viveu uma vida perfeita sob a lei, cumprindo assim com todas suas exigências, Rm 3. 21-26. Segundo, Cristo aceitou em seu corpo a pena que a lei requer para os transgressores, a morte.

Paulo revelou isso em Gl 4.5-6:

“Deus enviou a Seu filho, nascido de mulher e nascido sob a lei, para que redimisse aos que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”. Vemos então porque Paulo diz em Rm 3.31, *“Logo pela fé invalidamos a lei? De nenhuma maneira, senão que confirmamos a lei”*. A morte de Cristo era necessária precisamente porque a lei moral sempre está em vigor. Se a lei não valesse nada, não haveria pecadores... e Cristo não haveria vindo para morrer. A fé pois não é um substituto para a justiça da lei. Mas, a fé é a única maneira em que podemos receber essa justiça.

Na realidade, Paulo nos garante que a lei mesma serviria como medida de justificação se o homem pudesse guardá-la. *“porque não são os ouvintes da lei os justos perante Deus, senão os fazedores da lei serão justificados”*, Rm 2.13. Ponto chave: A graça não consiste em que Deus tenha mudado as condições da salvação de algo que o homem não poderia fazer (guardar a lei) a algo que o homem seja capaz de fazer, (colocar fé em Cristo). A fé, como já vimos na seção anterior, é um dom de Deus, não algo que o homem suscite por sua própria vontade. O pecador nunca teve capacidade de crer, nem capacidade para guardar a lei.

C. A Fé é a Base Da Nossa Justificação?

Com o risco de ser mal entendido, respondemos NÃO a esta pergunta. A fé não é a base da nossa Justificação. A justiça perfeita de Cristo é a base. A fé é simplesmente a medida necessária para recebê-la.

Tomemos como ilustração o processo de por a base ou alicerce para um edifício. A forma de madeira nos representa. O concreto representa a justiça perfeita de Cristo. O concreto representa a fé pela qual o concreto se derrama na forma. A forma, antes de receber o concreto, está vazia. Igual a nós, antes de aceitar a Cristo. Estávamos vazios de toda justiça. Não tínhamos nada. Mas Deus instalou o concreto, ou seja a fé. Através da fé, Deus derramou em nós o “concreto”, ou seja a justiça perfeita de Cristo, e isso forma a base sólida sobre a qual construímos a casa da nossa vida.

Temos que distinguir aqui a diferença entre a Justificação e a Santificação. A Santificação é como a construção da casa depois de colocar o fundamento. É um processo que dura toda a vida e varia entre os cristãos. Mas a Justificação não é um processo. É um ato divino feito de uma só vez e para sempre no crente no momento de sua conversão a Cristo, e nunca pode mudar nem variar. Isto é óbvio, porque a justiça perfeita de Cristo, que forma a base da Justificação, não pode mudar. A Santificação, significa “ser FEITO justo” (quer dizer, nossa prática cotidiana da vida Cristã), enquanto que a Justificação significa “ser DECLARADO justo” (ou seja, frente as exigências da Lei).

Ao analisá-lo, pode-se ver facilmente porque alguns cristãos sentem insegurança com respeito a sua aceitação diante de Deus. É porque confundem a diferença entre a Santificação e a Justificação. Imaginam que sua aceitação com Deus se baseia em seu nível de Santificação. Assim, experimentam instabilidade emocional porque a Santificação é variável.

É igual ao conceito de que o cristão pode perder uma e outra vez a salvação. Este conceito baseia a salvação sobre o grau de Santificação do crente e não na Justificação, como a Bíblia ensina. Sobre tal base é impossível ter a segurança da salvação nesta vida, porque o fundamento é variável e relativo.

De acordo com o ensinamento de Paulo, Dr. Carlos Hodge ressalta,

“Foi porque Adão era o representante de sua raça que seu pecado é a base judicial para a condenação deles; e é devido a que Cristo é o representante de seu povo, que sua justiça é a base judicial da justificação dos crentes”⁷

Conceito bíblico da Justificação

Justiça perfeita de Cristo
(Tinta que não se apaga)

A Justificação é um ato absoluto e invariável. Por isso um grande Apóstolo não é mais justificado que um recém nascido em Cristo. Claro, haverá uma diferença enorme entre eles no grau de santificação. Mas não em Justificação. No céu não seremos mais justificados que agora. Mais santificados, sim. Mas não mais justificados.

Conceito falso da



Pecados apagados mas sem a Justiça de Cristo

⁷

Hodge, Carlos: Teologia Sistemática, Vol. 1, pp.567

Todo o Capítulo Quatro de Romanos foi escrito para ilustrar como a justiça perfeita de Cristo nos é imputada. Paulo usa a Abraão para esta ilustração. Abraão viveu mais de quatrocentos anos antes da Lei de Moisés. Não tinha a Lei de Deus escrita. O único que tinha era a fé. E Paulo diz, *“Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”*. Romanos 4:3.

Isso não quer dizer que sua fé foi contada NO LUGAR da justiça. Somente que a fé foi o meio que Deus usou para justificar-lhe. A palavra “por” usada aqui, é uma palavra difícil de traduzir do grego. Seu sentido é “em vista de”. Não significa que Deus aceitou sua fé como base da justiça, senão como meio para receber a justiça.

D. Para quem Está Reservada a Justificação Pela Fé?

“E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. Rm.8:30

A Justificação pela fé está reservada para os predestinados, aos que Deus escolheu para a salvação antes da fundação do mundo. A glorificação destes é inevitável.

E. É Possível Que Um Crente Perca a Justificação?

“Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica”. Rm.8:33

Deus não aceita acusações de pecado contra de Seu povo escolhido e justificado. Por que não? Porque Cristo lhes emprestou Sua justiça. E a justiça perfeita de Cristo não muda nunca. Se pudesse perder a Justificação, teria que ser por outras causas, mas não por ser pecador. Paulo disse claramente que Deus não aceita acusações de pecado contra os Seus eleitos. Paulo nunca disse que os cristão não têm pecados, somente que os rastros de corrupção que ficam em nós deixaram de ser causa de condenação.

F. Como Chegamos A Ser Amigos De Deus?

Da mesma forma em que Abraão chegou a ser amigo de Deus....justificação somente pela fé.

PERGUNTAS PARA REVISAR

Justificação Pela Fé

1. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus requer que a justiça da Lei seja cumprida em nós.
2. Verdadeiro ou Falso: _____ A fé é a base da nossa justificação.
3. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus aceita a fé em Cristo como substituto para a justiça.
4. Verdadeiro ou Falso: _____ A palavra “Justificação” quer dizer “ser feito justo”.
5. Verdadeiro ou Falso: _____ A Justificação é algo que Deus cumpre em nós quando aceitamos a Cristo e nunca muda.
6. Verdadeiro ou Falso: _____ A Justificação é um processo.
7. Verdadeiro ou Falso: _____ A Santificação é um processo.
8. Verdadeiro ou Falso: _____ A Santificação é somente uma doutrina teórica não mais do que isso, e não tem aplicações práticas na vida do crente.
9. Verdadeiro ou Falso: _____ Já que somos justificados pela fé, a Lei não serve para nada.
10. Verdadeiro ou Falso: _____ Era a intenção de Deus de que a Justificação fosse para toda a humanidade.
11. O grito de guerra da Reforma _____.
12. O sacerdote católico do Século 16 que descobriu na Bíblia a Justificação pela fé na Bíblia se chamava, _____.
13. A doutrina da Justificação pela fé serve para:
 - A. _____
 - B. _____
 - C. _____
14. Cristo era nosso substituto sob a Lei em dois sentidos: Em Sua _____ e em Sua _____.
15. Verdadeiro ou Falso: _____ É possível que um crente perca a Justificação.
16. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus não aceita acusações contra Seu povo escolhido e justificado.
17. Como se caracterizam os justificados? _____.

Respostas às Perguntas

Justificação

1=V; 2=F; 3=F; 4=F; 5=V; 6=F; 7=V; 8=F; 9=F; 10=F; 11=Justificação Pela Fé
 12=Martinho Lutero; 13=Nos liberta de temores, nos ajuda na oração, nos ajuda a evitar o legalismo; 14=Vida, morte; 15=F; 16=V; 17=Uma vida reta

ELEIÇÃO PELA GRAÇA

Um Conto:

Numa cidade longínqua, morava um homem de raras combinações. Era um famoso escultor e praticava também as artes marciais. É necessário mencionar que tanto em uma como na outra aptidão era um verdadeiro mestre.

Lamentavelmente vários de seus amigos não o entendiam. Alguns acreditavam que para ser escultor era necessário um caráter doce e manso. O resto pensava que um lutador devia ser um homem duro e violento e tinham medo dele.

Convidou então a todos seus amigos. Queria que eles observassem suas duas habilidades.

Antes de que os amigos chegassem à reunião, o homem tomou uma massa de barro e a dividiu em duas partes. Com o primeiro pedaço moldou uma formosa escultura. Tratava-se de um conjunto de pessoas, animais e flores em um grande bosque.

Pintou a obra de arte e a endureceu no forno. Com o outro pedaço de barro, construiu um bloco sem forma e também o colocou no forno.

Os amigos chegaram no dia acordado e ele decidiu tirar primeiro a escultura.

- Que sensível e doce és! Tua obra é muito fina!- exclamarão maravilhados os presentes.

Disse o mestre, -Obrigado pelo seus elogios! Mas na realidade não somente me dedico à escultura-. A resposta do artista deixou perplexo a muito de seus amigos. Dirigiu-se a seu ateliê e trouxe, até o lugar onde os seus convidados estavam, o grande bloco de barro.

- Existem outras artes que não requerem sensibilidade - disse com uma voz muito profunda. Depois de breves segundos, lançou um grito e com sua mão estendida quebrou em um só golpe todo o bloco solidificado.

Aqueles que assistiram, entenderam o que o mestre lhes comunicava. Era verdade que ele era sensível e doce, mas também era forte. Melhor era ser seu amigo.

Jeová é como esse artista. Alguns o vêem como um Pai amoroso que não faria mal a ninguém; outros o percebem como um Deus que estabelece justiça, castiga e repreende, no entanto nenhum dos dois grupos pensa corretamente. O apóstolo Paulo tinha a idéia correta de Deus: *“Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado”*. (Rm. 11:22). No conto acima, o barro moldado representa os eleitos e o bloco sem forma os reprovados.

A misericórdia de Deus não poderia manifestar-se sem a existência de pecadores, nem o juízo justo de Deus poderia ser feito sem a existência dos condenados. Devemos amar e temer a nosso Deus. A misericórdia e a justiça divina são complementarias; não se contradizem.

A Controvérsia da Eleição

Se um dia chegar ao leitor a idéia de provocar uma disputa entre cristãos, permita-me dar uma sugestão: Exclame esta palavra: **PREDESTINAÇÃO!**

Para alguns esta palavra é um tesouro consolador que lhes ajuda a entender melhor a graça de Deus. Para outros é a pior das calúnias contra o justo caráter de Deus.

A controvérsia que existe quanto à Predestinação não se encontra na falta de evidências bíblicas. É inevitável que seja controversa qualquer coisa que desafie a independência humana, seu orgulho e a supremacia da sua vontade.

Muitos eruditos em teologia bíblica observaram que...

“As dificuldades que sentimos a respeito da Predestinação não são derivadas da Palavra. A Palavra está cheia dela, porque está cheia de Deus. E quando dizemos “Deus”, temos dito Predestinação”.⁸

Na realidade, a Predestinação é quatro vezes mais fácil de provar que a Deidade de Jesus Cristo. No Novo Testamento existem mais ou menos 10 versículos que expressam diretamente a Deidade de Jesus. Mas existem mais de 40 versículos que expressam a Predestinação.

No entanto, os mesmos Cristãos dispostos a defender até à morte a Deidade de Jesus Cristo, lutaram com igual fúria para refutar a Predestinação. Por quê? Como expressou um erudito evangélico, J. I. Packer, “...a mente carnal do homem, inclusive entre os salvos, não suporta ter que abandonar a ilusão de que ela mesma é capitã da sua própria alma.”

Definição de Termos:

“Predestinação” quer dizer “destinados antes”. Refere-se ao ajuste divino das circunstâncias da realidade para cumprir com Seus decretos feitos antes da fundação do mundo.

⁸ Citação de Benjamin B. Warfield em “Gathered Gold” John Blanchard, Evangelical Press 1989, pp 247

As evidências Bíblicas Sobre a Eleição

A. As provas paradoxais

Existem dois argumentos que se apresentam para tentar refutar a doutrina da eleição. O conceito da justiça e o conceito da presciência. No entanto, estes se convertem nas evidências mais fortes para comprovar a certeza da predestinação. São “as provas paradoxais”.

B. Argumento da Justiça

Os antipredestinação dizem: “a predestinação não pode ser verdade porque Deus seria injusto em escolher a alguns e desprezar outros. E se a vontade de Deus é irresistível. Como pode Deus fazer a alguém responsável pelo pecado?”

Paulo antecipou esta objeção em Rm 9.14-16:

“Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma! Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece”.

Notemos que no texto anterior, Paulo não se desculpa de nenhuma maneira diante a objeção. Nem a contesta. Mas afirma outra vez o direito de Deus de ter misericórdia ou não, segundo seu critério. Também sublinha que a eleição não depende nem da vontade humana nem de seus esforços. “*não depende do que quer, nem do que corre*” v. 16.

Paulo antecipa aqui uma objeção baseada no Livre-Arbítrio neutro. Curiosamente, esta antecipação indica que a predestinação soberana é precisamente o que está afirmado. Sua resposta, portanto, soa mais como uma repreensão.

“Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?” Rm 11.20

Dizer que a Eleição é injusta, é replicar com Deus. Paulo entendeu a impossibilidade de satisfazer o orgulho dos que se acham capazes de encarregar-se de seu próprio destino e ele se satisfaz em repreendê-los com “*quem és tu, que a Deus replicas?*”

**Dizer que a Eleição é injusta,
é replicar com Deus.**

Também existe outra resposta lógica para responder a objeção anterior. Todos merecemos a condenação. Se Deus condenasse a todos, não faria injustiça a ninguém. Por que culpar a Deus de injusto por salvar a alguns? Vários recebem de Deus misericórdia. Outros recebem justiça. Ninguém recebe injustiça.

Deus reserva para Si mesmo o direito de fazer o que bem lhe parece com sua própria criação. Deus não se sujeita a outro critério que a Sua própria vontade. Suas ações não são suscetíveis às avaliações humanas. A única maneira correta de responder à questão da Predestinação é agradecer a Deus, fechar a boca e tremer.

C. Argumento da Presciência

Segundo este ponto de vista, Deus escolheu a uns porque via de antemão quais seriam as pessoas que iriam obedecer e crer.

Os que sustêm este ponto de vista se baseiam em dois versículos:

“eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência...” I Pe 1.2

“Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho...” Rm 8.29

Estes versículos poderiam defender, em uma primeira análise, a posição antipredestinação, porém sustêm o contrário. É necessária uma pergunta para resgatar o sentido real dos textos bíblicos: O que é que Deus previu nos homens?

1. Não pode ser a fé, porque esta se baseia na predestinação: *“...e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna”*(At 13.48). Além disso, a fé é fruto da graça de Deus: *“...aos que pela graça criam”*.(At 18.27). Sobre isto, comenta Santo Agostinho.

*“O homem não é convertido porque ele o deseja, senão o deseja porque é ordenado pela eleição”*⁹

2. Não podem ser as boas obras. Diz Ef. 2.10 que as obras foram predestinadas igualmente que as pessoas que as executam. As boas obras se baseiam na fé e a fé na predestinação.

3. Não pode ser a boa vontade, porque a vontade do pecador não é boa. *“Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus”*. (Rm 3.11).

Tendo em vista a depravação e a rebelião do homem, não existe nenhuma boa qualidade no pecador para prever. A palavra “presciência” significa aqui o mesmo que “pré-ordenação” Quer dizer, Deus sabia de antemão os quais havia escolhido para arranjar as circunstâncias das suas vidas, a fim de confirmá-los à imagem de Seu Filho.

⁹ Citado em “Gathered Gold”, John Blanchard, Evangelical Press 1989, pp 74

**«Não existe nenhuma boa qualidade
no pecador para prever.»**

O que significa a palavra “presciência” nos versículos citados?

A palavra grega traduzida por “presciência” é *PROGINOSKO* e significa também “pré-ordenado”. Nos versículos citados, a obediência é mencionada como RESULTADO da presciência e não a CAUSA dela. Diz Pedro “... *para obediência*” e não “... *por obediência*” Também Paulo expressa em Rm 8.29 “*para que fossem*” e não “*porque viu que eram*”. Estes dois versículos, então, servem como apoio à predestinação em lugar de refutá-la.

É interessante que em I Pedro capítulo um, o Apóstolo usa esta mesma palavra “PROGINOSKO” relacionando-a com a vinda de Jesus, e se traduz “*destinado antes.*” V. 20 “...*foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos...*” Seria absurdo dizer que Deus o Pai simplesmente “previu” que Jesus viria. Igual com At 2. 23. “*a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus...*” Aqui, a frase “antecipado conhecimento” usa a mesma palavra grega traduzida como “presciência” em I Pe 1.2. (Na versão da Bíblia em Espanhol utilizado pelo autor aparece “antecipado conhecimento” – nota do tradutor)

Fica claro de que a palavra “presciência” significa “pré-ordenação” quando se usa no sentido da atividade divina. Essa palavra apóia e não refuta a predestinação.

É interessante que nas Escrituras não existe nenhuma concordância entre a eleição e o conhecimento prévio que Deus tem das reações das pessoas. Por exemplo, Jesus disse: “...*Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza.*” (Mt 11. 21) Se aqueles povoados podiam arrepender-se, Porque não enviou Deus um profeta para pregar-lhes? Simplesmente porque não eram escolhidos.

Deus escolheu a Israel como povo Seu ainda que conhecia de muito antes sua rebeldia. “*Todo o dia estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente.*” (Rm 10.21) Deus escolheu a Israel apesar da sua prevista reação negativa: “*Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu*” (Rm 11.2).

Deus escolhe a Ezequiel e o envia aos judeus ainda que lhe anunciou a recusa do povo a sua mensagem. Por que Deus atua desta maneira? Porque os judeus dessa época foram escolhidos como povo nacional de Deus, não na base das suas reações ou atitudes senão com base na vontade divina.

Em I Co 2. 7-10, Paulo assegura que Deus predestinou para nós uma sabedoria especial, mas escondida para os príncipes deste mundo. Deus sabia que se a houvesse revelado aos príncipes da época de Cristo, não haveriam crucificado a Seu Filho. Por que, então, Deus não revelou sua verdade aos poderosos? Simplesmente porque tinha essa sabedoria predestinada para nós e não para aqueles.

Deus não fundamenta suas decisões na reação prevista do homem porque ninguém busca a Deus de todas as formas. Romanos 10.20 diz:

“... Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim”.

Inclusive a lógica nos ajuda a entender porque a presciência não explica a eleição. Todos sabemos que Deus é Todo-poderoso e Onisciente. É óbvio, pois, que qualquer coisa que Deus vê de antemão é também predestinada. Se Deus é Todo-poderoso pode impedir que aconteça qualquer coisa contrária a sua vontade.

Exemplo: Suponhamos que Deus prevê que o Sr. Fulano nascesse em circunstâncias que lhe provocariam uma recusa a Deus. Se Deus quisesse que fosse salvo, poderia mudar essas circunstâncias de maneira que tenha outra influência. Não se pode escapar da conclusão. Se Deus não muda essas circunstâncias, é porque o Sr. Fulano não é escolhido. Assim, a única maneira de usar a objeção baseada na presciência, é negar que Deus é Todo-poderoso.

2. As Três Ilustrações de Romanos 9

O capítulo nove de Romanos contém as evidências mais dinâmicas sobre a eleição porque é dedicado exclusivamente a este tema. Por esta razão, o estudaremos cuidadosamente.

Paulo expõe suas razões por meio de três exemplos gráficos: Jacó e Esaú, o Faraó e o oleiro.

1. Primeira Ilustração: Jacó e Esaú. (vv. 6-13)

Paulo insiste em dois conceitos: a eleição nacional e a eleição pessoal. Utiliza a primeira para explicar a segunda. É importante aclarar que Paulo não se refere unicamente à eleição nacional. Os versos de 6 a 8 esclarecem que o Apóstolo centra sua mensagem na eleição individual:

“...Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência”

Sublinha-se o mesmo no v. 27 ao fazer uma distinção entre judeus salvos e judeus perdidos:

“Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo...” v. 27.

No versículo 11 do capítulo 9 de Romanos, Paulo toma como ilustração uma história do Antigo Testamento para explicar a eleição de Deus:

“porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)”

Jacó e Esaú eram gêmeos. No entanto, antes que nasceram, Deus já havia escolhido a Jacó em lugar de Esaú, sem tomar em consideração as características previstas neles.

Se Deus houvesse escolhido a Jacó porque viu de antemão que tinha um coração sensível às coisas espirituais, o versículo deveria dizer. “... para que o propósito de Deus permanecesse segundo um bom coração e não segundo O que chama”. É claro que a base da eleição não foi nenhuma qualidade prevista em Jacó.

No versículo 13 Paulo enfatiza o vínculo entre o amor divino e a eleição:

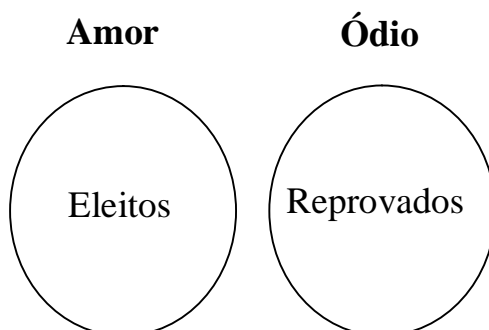
“Amei Jacó e aborreci Esaú”.

***Seu amor é
ativo,
não passivo;
pessoal
e não geral.***

Deus ama por sua livre escolha, não por mérito algum dos escolhidos. Seu amor é uma força poderosa e pessoal que lhe empurra a buscar, salvar e preservar os eleitos. Ele é o Pastor que busca à ovelha perdida. Seu amor é ativo, não passivo; pessoal e não geral; voluntário e não forçado.

Jacó e Esaú são símbolos dos eleitos e dos reprovados. Ele ama os eleitos e aborrece os reprovados.

Esta interpretação representa um dos três pontos de vista básicos com respeito ao tema delicado e complexo do amor de Deus. Estes três tratam com certas perguntas chaves: A quem Deus ama? Que distinções existem relativas aos diferentes tipos de indivíduos? Estas duas perguntas podem ser resumidas em dois elementos: Extensão do amor e tipo de amor. Os três pontos de vista se desenvolvem com base nestes dois elementos.



Deus ama a todos por igual? Ama tanto a Adolfo Hitler no inferno como a São João no céu; a Faraó tanto como a Moisés? O amor de Deus é tanto universal como equivalente?

A existência de textos como Rm 9.13 faz este conceito problemático. Ainda se aceitamos a universalidade do amor Divino, é claro que não é equivalente. Não existem formas de tomar a frase, “*Amei Jacó e aborreci Esaú*” e interpretá-la como Deus amou a Esaú tanto quanto amou a Jacó. Ainda se a palavra “*aborreci*” significasse um amor inferior, (como alguns já disseram), isto não alivia a distinção. Pior ainda, o profeta Malaquias indicou que o aborrecimento divino em relação a Esaú resultou em uma aniquilação total da sua descendência. É um pouco difícil imaginar a aniquilação total como uma expressão de amor.

Ainda o famoso versículo de João 3.16 “*Porque Deus amou o mundo de tal maneira...*” não apóia o ponto de vista universalista. Inclusive se pudesse ser mostrado que a palavra ambígua “mundo” significasse “todo ser humano”, nada indica que o amor de Deus é equivalente para todos.

De igual maneira, nós podemos verificar com uma concordância que a Bíblia NUNCA fala do amor de Deus exceto em referência ao povo de Deus. Muito menos se pode evitar os textos que indicam um amor particular para com os eleitos (“...*eleitos de Deus, santos e amados...*” Cl 3.12; “*sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus*” I Ts 1.4)

Certa vez, uma mulher que foi conversar com Charles Spurgeon, lhe disse que não se agradava da expressão “... *mas a Esaú aborreci*” porque pensava que Deus amava a todos por igual. A resposta de Spurgeon foi, “Isso não é o que me agrada, senhora. O que não me agrada é como Deus poderia amar a Jacó... sendo que Jacó não merecia”.

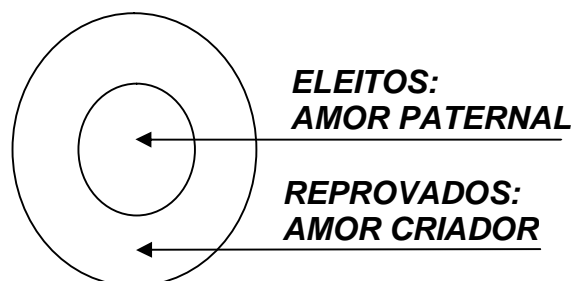
É muito importante proclamar o amor de Deus como um de Seus atributos principais, enquanto esteja equilibrado com a santidade de Deus e o Senhorio de Cristo. De outro modo, tal proclamação pode produzir na mente do ouvinte um conceito de Deus como um grande vovozinho celestial que nunca faria dano a ninguém; que tem um amor passivo e frustrado; amando a todos em geral sem amar a ninguém em particular; um Deus impotente e frustrado que espera em vão que o homem responda a Seus rogos. Tal conceito agrada muito ao homem moderno porque não representa nenhum perigo.

Não é por nada que vivemos em uma geração que não teme a Deus.

No Novo Testamento, os Apóstolos pregaram o arrependimento diante de Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo, mas reservaram a mensagem de amor principalmente para os crentes. Alguns textos sobre este ponto são: Sl 5.5; Pv 15.9; Jo 13.1; 14.21,23; Rm 1.7; 11.28; II Ts 2.13; Hb 12.5,6; Tg 2.5.

Um terceiro ponto de vista argumenta que Deus ama ao mundo inteiro em sua capacidade de Criador, mas a Seus filhos em Sua capacidade de Pai. Seu amor criador estendesse a todos porque Seus filhos fazem parte da Sua criação.

AMOR DE DEUS



Este conceito baseia-se principalmente em que Deus tem certas bênçãos para todos sem distinção nenhuma. Estas bênçãos incluem a preservação da raça (I Tm 4.9-10), chuva e colheitas para todos (Mt 5. 45) e provisão de habitantes para os vários povos (At 17.26). (Na teologia, chamamos estas bênçãos de “graça comum”, para distingui-las da “graça especial”, i.e, salvação).

Estas bênçãos comuns, comparadas com o amor particular divino para com os eleitos, guiaram a alguns teólogos a criar esta distinção no amor de Deus.

Que consolo profundo para os Eleitos o conhecer que Deus os ama com um amor especial e eterno! Um autor cristão expressa assim:

“Nenhum Cristão verdadeiro duvida de que Deus o ama. Mas a quantidade de amor que ele sinta estará principalmente determinado por seu conceito de como e quando lhe chegou o amor de Deus. Se ele sente que a decisão divina foi condicional, depende de sua aceitação a Deus, então ele pode imaginar que o amor de Deus também é condicional. O amor significará que é o resultado de um contrato oferecido por Deus: ‘Eu te amarei primeiro’ diz Deus, ‘E se também me amas, te amarei mais ainda’”.

“Mas se ele acredita que Deus o amou com um amor eterno e portanto o escolheu e o chamou, o sentido do amor é mais profundo. Porque já temos um amor que floresceu antes de que tomasse lugar a reconciliação. Temos amor que não foi dependente de um “acerto”. Temos um amor idôneo, incondicional e irresistível. É inexaurível em suas dimensões”.¹⁰

Voltando agora ao tema principal, olhemos especificamente para Rm 9.16.

“Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece”.

Este versículo talvez é o mais importante em todo o capítulo. Com a frase, “Assim, pois”, Paulo introduz uma conclusão devastadora.

¹⁰ Johns, Kenneth “Election: Love Before Time” P&R Publishing Co., pp.86

A eleição não tem nenhuma base na vontade humana. Tal versículo rende toda tentativa de argumento a favor do poder da vontade humana como base da eleição. No entanto, Paulo nunca nega a existência da vontade humana nem comenta sobre suas habilidades. Ele passa por alto a questão e indica que a vontade humana não tem nada a ver com o assunto. Para ele, tal discussão seria como disputar sobre a qualidade de um alicerce posto para uma casa, ainda que a casa nunca seja construída sobre essa base.

*«A eleição não tem nenhuma base
na vontade humana.»*

2. Segunda ilustração: Faraó vv. 17-18

Paulo apresenta aqui a difícil doutrina da reprobção, segundo a qual Deus passou por alto a alguns no decreto da Eleição. Se Deus escolhe a alguns para a salvação, é evidente que existem outros que não são escolhidos.

Ainda que a Eleição e a Reprobção são as duas caras da predestinação, não funcionam de igual maneira. Na Eleição, Deus muda a mente para dispor a aceitar a salvação em Cristo. Na reprobção, Deus não precisa atuar no homem porque este já está disposto a pecar sem nenhuma ajuda.



Em Êxodo, uns quantos versículos dizem que Deus endureceu o coração de Faraó; outros, que o Faraó endureceu seu próprio coração. Qual afirmação é correta? As duas. Deus endurece o coração do reprovado ao confrontá-lo com a verdade. Faraó reagiu de acordo com a sua natureza pecaminosa e endureceu seu próprio coração.

Deus não faz nenhuma injustiça aos reprovados. Ele permite que tenham o que mais desejam... o pecado. Eles desejam que Deus se distancie e não os incomode. É um paradoxo que alguns recebem de Deus o que mais desejam e o lamentariam por toda a eternidade. Outros recebem de Deus o que menos desejavam (até que Deus lhe dá novos desejos) e serão agradecidos para sempre não é uma injustiça. É uma justiça poética.¹¹

Lembramos que cada um de nós merecia o mesmo destino de Faraó. Antes de acercar-nos a Cristo todos tínhamos um coração duro. A diferença está na misericórdia de Deus e não na superioridade moral dos escolhidos.

“Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer” v. 18

¹ ¹ Outros textos bíblicos sobre a Reprobção são: Dt.2:30; Sl.5:5; Is.63:17; Pv.16:4; Mt.11:25-26; 13:11; Jo.12:37-40; 17:9,10; I Pe.2:8; II Pe.2:12; Judas 4.

3. Terceira ilustração: O oleiro vv. 19 – 22

Os antipredestinação acreditam que a ilustração de Paulo não pode ser aplicada à situação humana. Pensam que o homem tem vontade e pensamento, características superiores às que pode possuir um simples vaso de barro.

No entanto, Paulo não nega que o homem tenha vontade; simplesmente recusa a idéia de que a vontade humana seja a base da eleição.

Deus, o oleiro, “prepara” vasos para desonra (os reprovados), como uma demonstração do justo juízo de Deus; e vasos para honra (eleitos), para expressar a glória da Sua graça.

Os contrastes são óbvios: o amor e a misericórdia de Deus para com os escolhidos são eternos. Sua ira para com os reprovados também. Estes dois grupos estão nos extremos da eternidade e nunca se reconciliam. Todo ser humano é um dos vasos.

Uma vez mais o orgulho humano é derrubado, e a verdade triunfa: Nós existimos para Deus e não Ele para nós.

3. Eféios 1: Causas e Efeitos vv. 3-11

Todas as bênçãos espirituais que nos chegam têm sua causa no fato que Deus nos escolheu antes da fundação do mundo. Assim, a Eleição é a causa, e as bênçãos espirituais o efeito. Uma destas bênçãos é a santidade. “... para que fossemos santos e sem mancha diante Dele”. (v. 4) Paulo não nos concede o luxo de pôr ao contrário a ordem das coisas e imaginar que a santidade prevista em nós é a causa da nossa eleição. Se fosse assim, teríamos que dizer que Deus nos pôs em Cristo porque viu que éramos santos, não porque viu que éramos pecadores. Teríamos assim um Evangelho de Eleição por méritos, não por graça.

Quais são estes benefícios, segundo o contexto? Santidade (v.4); Amor de Deus (v. 4); Adoção (v.5); Aceitação plena (v. 6); Redenção pelo sangue (v. 7); Sabedoria e Inteligência Espiritual (v. 8); Conhecimento da vontade de Deus (v.9); Herança no céu (v.11); Selados com o Espírito Santo (v. 13).

Vários são os argumentos que tentam refutar a clara explicação de Paulo:

O primeiro argumento diz: a Eleição mencionada aqui se refere ao plano divino de incluir os gentios na oferta da salvação, não a eleição de indivíduos específicos. O problema com tal interpretação é que Paulo não era gentil e sim judeu. Mas persistiu em usar “nossos” e “nos” e o plural de verbos como “fomos feitos herança” e “descobrimos-nos”. Ele mesmo se inclui no “plano” da predestinação. Mas, no v. 13 ele diz “em quem também vós estais...” o qual mostra que não estava pensando nos gentios especificamente até o v. 13. Entre os versículos 1-12, estava pensando nos crentes em geral, não nos gentios somente.

O segundo argumento afirma que as frases “em Cristo” e “nele” querem dizer que Deus sabia que estaríamos em Cristo e que com base nisso nos escolheu.

Mas a fé salvadora é em si mesma uma obra da graça de Deus baseada na predestinação (At 13.48) e é, ademais, uma eleição espiritual.

Logicamente, a frase “em Cristo” tem que ser um resultado da eleição e não a causa dela. Se fosse de outro modo, o texto deveria ser: “... escolhido POR SER em Cristo” e não “escolhido em Cristo”.

A ordem correta que estabelece Efésios 1 é: A vontade de Deus produz a graça. A graça produz a Eleição. A eleição produz fé, santidade, redenção e toda outra bênção espiritual.

Nossa salvação é como um anel de diamante com muitas faces. A base do anel é a eleição que sustém todo o diamante. A base tem que ser bem preparada antes que a jóia seja montada. Da mesma maneira, era necessário que o decreto da eleição precedesse todo outro aspecto da nossa salvação. Vejamos outras faces da salvação, fora de Efésios 1, que falam da precedência da Eleição.

A eleição precede a fé salvadora: *“...e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” At 13. 48*

A eleição precede as boas obras: *“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” Ef 2. 10*

A eleição precede os Pactos: *“Fiz um concerto (pacto) com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi” Sl 89.3*

A eleição precede ao chamado eficaz: *“E aos que predestinou, a esses também chamou...” Rm 8.30*

O conhecimento da nossa eleição é uma fonte inesgotável de gozo. Seus benefícios práticos e profundos nos conduzem ao “louvor da Sua graça” e produz estabilidade como nenhum outro ensinamento pode fazê-lo (Ef 1.6; II Pe 1.10).

Como saber que somos eleitos?

“...lembrando-nos, sem cessar, da obra da vossa fé, do trabalho da caridade e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai, sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus” I Ts 1. 3-4.

Paulo sabia que esses irmãos eram eleitos porque reconheceu neles estas três virtudes principais: Fé, amor e esperança. Reconhecia que o desenvolvimento destas qualidades caracteriza aos escolhidos.

Se bem que a vontade de Deus é que tenhamos segurança da nossa eleição, dita confiança de tal coisa não vem facilmente. É necessário diligência para praticar as virtudes mencionadas acima. Referente a estas virtudes, Pedro exorta: *“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque fazendo isto, nunca jamais tropeçareis”*. (II Pd 1.10).

Alguns incrédulos, por meio da sua vontade, alcançam certos progressos no desenvolvimento de tais virtudes. Apesar de seu esforço, seu interesse tem um fim e voltam a sua natureza pecaminosa. Um progresso de perfeição a longo prazo é somente possível pelo poder do Espírito Santo. É neste processo longo que se diferenciam os escolhidos.

Os textos de Paulo e Pedro nos ajudam a reafirmar nossa eleição. O progresso espiritual para a glória de Deus é a confirmação do decreto divino.

Resumo

A doutrina da Predestinação expõe a questão central na salvação: “Com que contribui o homem para a sua salvação?”

A natureza humana pressupõe que a salvação é uma obra mútua e cooperativa entre Deus e o homem. O homem acrescenta sua parte e Deus responde com a graça, de maneira que a graça não é soberana. Muitas opiniões diferem sobre com que o homem deve contribuir. Alguns querem contribuir com boas obras, penitências, etc. Outros insistem em que tal evangelho de obras é antibíblico porque nossa contribuição deve consistir em nada mais que boa vontade para que Deus receba maior glória.

Um sutil auto-engano se esconde aqui. O ponto central não é O QUE CONTRIBUI, senão que NÃO PODEM CONTRIBUIR NADA, EM ABSOLUTO.

A predestinação nos leva a uma confrontação com nossa natureza corrupta, com nossa total incapacidade e com um Deus realmente Soberano. É um assalto sem trégua contra o orgulho e a auto-suficiência humana. É um assalto que a mente carnal não pode tolerar. A eleição nos segura pela nuca e nos obriga a encarar esta realidade: Deus é Soberano na salvação.

Ainda que, a princípio, seja uma doutrina difícil de ser aceita, logo se torna em um profundo consolo. Dá força nas provas, perseverança na perseguição, confiança na oração e segurança em nossa relação com o Pai. Esta doutrina anuncia-nos que Deus nos amou antes da fundação do mundo e nos preservará para sempre. Chega a ser para os crentes mais que uma mera doutrina. É como entrar em outra dimensão, onde se experimenta algo profundo e escondido. Sente-se a eternidade na alma.

PERGUNTAS SOBRE A ELEIÇÃO

Pergunta 1: Em II Pd 3. 9 lemos, “...*não querendo que alguns se percam...*” Isso não contradiz a idéia de eleição?

Resposta: O contexto do versículo comprova a eleição no lugar de refutá-la:

No v. 8 encontramos que os destinatários da carta de Pedro são os eleitos: “*Mas, amados...*” Os amados de Deus são, segundo Cl 3.12 os escolhidos.

Ademais, de que “promessa” escreve Pedro no versículo 9? O v. 10 revela que a promessa é a segunda vinda de Cristo, o dia do Senhor. Não é a oferta de uma salvação para toda a humanidade, é a promessa de liberação para a Igreja de Cristo.

Pedro exorta nesta passagem aos Cristãos que turbam porque Cristo está demorando. Lembra-lhes que tudo tem um propósito e que quando o último membro da Igreja de Cristo seja acrescentado, o Senhor voltará.

Também existe uma falha de lógica na objeção. Se Deus desejasse que nenhum Ser humano percesse, por que não envia a Cristo imediatamente? Ou por acaso Deus esqueceu que 5 milhões de crianças nascem no mundo a cada dia e que muitos destes não serão salvos?

Portanto, segundo o contexto e a lógica, a única interpretação possível da frase “...*não querendo que alguns se percam...*” é a intenção divina de redimir a todos os escolhidos não a humanidade em geral.

Trataremos de explicar II Pe 3. 9 com frases entre parênteses:

“O Senhor não retarda a sua promessa, (da vinda de Cristo) ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco (os escolhidos), não querendo (dos escolhidos) que alguns se percam, senão que todos (todos os escolhidos) venham a arrepender-se”.

Pergunta 2: Paulo afirma em I Tm 2.4 que Deus “...*quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade*”. Isto não sugere que Deus quer que todos se salvem e, portanto a Eleição e a Reprovação são falsas?

Resposta: O contexto da frase “todos os homens” joga luz à interpretação correta:

No versículo 1, Paulo exorta a Timóteo a orar por “todos os homens”; logo, no versículo 2, acrescenta que se refere aos reis e os que estão em eminência. Paulo pede a Timóteo que não limite suas orações aos pobres, senão que estenda sua visão às classes governamentais. Observamos, desta maneira, que a frase “todos os homens” significa “todos sem distinção de classes” e não “todos sem aceção de pessoas”.

A expressão “todos os homens” repete-se centenas de vezes nas Escrituras. Em menos de 10 por cento significa “toda a humanidade”. Normalmente significa “todo tipo de pessoas”.

Outro texto que nos ajuda a entender o versículo de I Timóteo, é Tito 2.11. Paulo diz: “*Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens*” A mensagem de Jesus Cristo não havia sido revelada aos chineses ou astecas. Paulo refere-se à universalidade do Evangelho que transcende barreiras raciais e culturais.

Finalmente, em I Tm 2.7, Paulo revela seu pensamento sobre “todos os homens” ao dizer: “*...fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios...*” Para Paulo, “todos os homens” significa “gentios, e não somente os judeus”.

Pergunta 3: “Se a Eleição é verdade, por que evangelizar?”

Pregamos o evangelho porque Deus nos ordenou fazê-lo. Ainda que Deus é Todo-poderoso e pode salvar a quem Ele quiser e da maneira que quiser, pôs Sua Palavra para salvar os escolhidos.

Pergunta 4: “Se a Eleição é verdade, por que orar para que Deus salve às almas?”

A resposta é: Se a salvação dependesse da vontade do homem, por que orar a Deus? Não poderia fazer nada. Estaria no céu esperando passiva e impotentemente que o homem decidisse.

Deus nos pede oração e a usa para cumprir com Seus propósitos.

4. Outras Evidências

Ainda que a Bíblia é a história dos decretos eletivos de Deus, as limitações deste estudo impedem a análise de todos os textos que evidenciam a eleição.

Recomendamos ao estudante evitar um erro comum no estudo deste tema; o perder-se nos detalhes e esquecer o padrão da Bíblia em sua totalidade. Este padrão bíblico é simples: Deus, por sua vontade soberana, escolheu a um povo para a salvação, sem levar em consideração seus méritos. Com este povo, Deus instituiu um pacto de graça, proveu um sacrifício de sangue para confirmar o pacto e os preservou. A ordem e o padrão ficam assim: Eleição, Pacto, Sacrifício, Preservação. Qualquer outra tentativa de inverter essa ordem é apostasia.

É positivo para o estudante investigar os pactos, o sacrifício eficaz de Cristo, os conselhos divinos e a depravação total humana, para saber como se relacionam estas doutrinas com a eleição.

Alguns outros textos individuais a serem estudados sobre a Eleição são: Jo 13.18; Mc 13.20; Rm 11;5; I Co 1. 27-28; Tt 1.1; I Ts 1.4; II Ts 2. 13; II Tm 1.9.

*«A Bíblia é a história
dos decretos eletivos de Deus.»*

PERGUNTAS PARA REVISAR

Eleição

1. A eleição é controversa porque: (marque uma alternativa)
 - A. Existem poucas evidências bíblicas para ela.
 - B. O orgulho humano rebela-se contra ela.
 - C. Essa doutrina desonra a Deus.

2. A “Predestinação” quer dizer_____.
3. A Eleição quer dizer_____.
4. Verdadeiro ou falso:_____ As palavras Predestinação e Eleição são semelhantes mas não exatamente iguais.
5. Verdadeiro ou falso:_____ Os que negam a doutrina da Eleição não entendem o significado da graça.
6. As duas “provas de paradoxo” são:
 - A. _____
 - B. _____

7. Em que texto antecipa Paulo a objeção baseada na injustiça?

8. A única doutrina correta sobre a Eleição, é a que tenta ao homem a dizer, “_____”.
9. Paulo respondeu à objeção baseada na injustiça por: (marque uma alternativa)
 - A. Desculpar-se frente à objeção.
 - B. Responder à objeção com uma explicação detalhada.
 - C. Afirmar o direito de Deus para fazer o que quiser com o que é Seu.
10. Dizer que Deus é injusto na Eleição, é nada menos que_____.
11. Na eleição, uns recebem _____, outros a, _____, mas ninguém recebe a _____.
12. A palavra “presciência” quer dizer “_____”.
13. Existem três coisas que Deus não poderia ver de antemão no pecador como causas da Eleição, porque todas são obras da graça. Estas são:
 - A. _____
 - B. _____
 - C. _____
14. Pela lógica dos contextos em que a palavra “presciência” consta com respeito às atividades divinas, ela não pode significar outra coisa que _____.
15. Verdadeiro ou falso:_____ Nas Escrituras existem uma conformidade exata entre Eleição e a maneira em que Deus vê que as pessoas irão responder.
16. Para afirmar a objeção baseada na presciência, é necessário negar um dos dois atributos importantes de Deus. Estes são:
 - A. _____
 - B. _____

Perguntas Sobre Romanos 9

17. Romanos 9 contém três ilustrações sobre a Eleição. Estas são:
 A. _____
 B. _____
 C. _____
18. Verdadeiro ou Falso: _____ Na primeira ilustração, Paulo fala somente da eleição pessoal.
19. Alguns dizem que em Romanos 9 Paulo está falando de Eleição nacional e não da Eleição pessoal. Algumas refutações são:
 A. _____
 B. _____
20. Jacó e Esaú são símbolos, respectivamente dos _____ e dos _____.
21. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus escolheu a Jacó e não a Esaú porque viu de antemão que Jacó teria um bom coração.
22. Verdadeiro ou Falso: _____ Deus tem um amor particular para com os escolhidos que não tem para a humanidade em geral.
23. O amor de Deus é _____ e não _____.
24. O versículo mais importante em Romanos 9 para mostrar que a Eleição não tem nenhuma base na vontade humana é _____.
25. Na segunda ilustração, a de Faraó, revela-se a doutrina da _____.
26. Explique com suas próprias palavras porque a Eleição e a Reprovação não funcionam de igual maneira.

27. Verdadeiro ou Falso: _____ Na terceira ilustração, Paulo nega categoricamente que o homem tem uma vontade.
28. O reprovado existe para demonstrar _____. O escolhido existe para demonstrar _____.
29. Verdadeiro ou Falso: _____ A prioridade máxima na mente de Deus é o benefício do homem.

Perguntas sobre Efésios 1

30. Todas as bênçãos espirituais chegam até nós porque: (marque uma alternativa)
 A. Deus nos escolheu antes da fundação do mundo.
 B. Deus nos enviou em Cristo de antemão
 C. Somos evangélicos.
31. Alguns dos benefícios espirituais concedidos aos escolhidos são: _____

32. Dois argumentos antipredestinação diante de Efésios 1 são:
 A _____

- B. _____
33. Verdadeiro ou Falso: _____ A frase “escolhido em Cristo” quer dizer “escolhidos porque estávamos em Cristo”.

Perguntas sobre Reprovação

34. Verdadeiro ou falso: _____ A doutrina da Reprovação agrada ao homem.
35. Para reprovar uma pessoa, Deus: (marque uma alternativa)
- A. Obriga a pecar, ainda que o pecador queira ou não.
 - B. Tenta.
 - C. O deixa no estado pecaminoso que o pecador mesmo escolheu.
36. Verdadeiro ou falso: _____ Deus não faz nenhuma injustiça aos reprovados.
37. Verdadeiro ou falso: _____ Deus é passivo na Reprovação.
38. Deus endurece os corações dos reprovados ao: (marque uma alternativa)
- A. Esconder deles a verdade do Evangelho.
 - B. Presentear-lhes a verdade, deixando-os atuar de acordo com a mesma natureza pecaminosa deles.
 - C. Não fazer caso deles.
39. Verdadeiro ou falso: _____ Deus dá o dom da fé a todos.
40. Verdadeiro ou falso: _____ Deus sempre opera para a salvação de todos.

Respostas às Perguntas

1=B; 2=Destinado antes; 3=Decreto divino de escolher alguns para salvação; 4=V; 5=V; 6=objeção baseada na justiça e objeção baseada na presciência; 7=Romanos 9; 8=; Isto não parece justo; 9=C; 10=Brigar com Deus; 11=misericórdia, justiça, injustiça 12=Saber antes; 13=A,Fé,B.Boas obras,C.Boa vontade; 14=Pré-ordenado; 15=F; 16=onipotente; onisciente; 17=Jacó e Esaú; o faraó; barro e o Oleiro; 18=F; 19=A.As nações são compostas de pessoas. B.No texto, se refere a indivíduos. 20=Escolhido, reprovados; 21=F; 22=V; 23=Particular, universal; 24=V.16; 25=Reprovação; 26=Ver texto; 27=F; 28=A justiça de Deus, A misericórdia de Deus; 29=F; 30=A; 31=Santidade, Amor, Adoção, Redenção, Selados (Ver Ef 1); 32=A. Se refere ao Plano de Deus para incluir aos gentios; Dizem que "em Cristo" significa que Deus previu que iríamos aceitar a Cristo; 33=F; 34=F; 35=C; 36=V; 37=F; 38=B; 39=F; 40=F

SACRIFICIO EFICAZ DE CRISTO

Na parte anterior vimos que a humanidade se divide em dois grupos: Os Eleitos e os Reprovados. Vimos que os Reprovados servem como exemplo da justiça divina. A questão que vamos considerar agora é: Deus também mandou Jesus Cristo com o propósito de salvar os reprovados?

A resposta é óbvia: Deus mandou Cristo para salvar somente os escolhidos.

Definição da Doutrina

A morte de Jesus garantiu a salvação de todos os escolhidos. Sua morte cumpriu todas as condições, (tais como a fé, a obediência, o arrependimento e perseverança), de maneira que o homem não contribui em nada. A fé e a obediência dos escolhidos provêm da Cruz, não do livre-arbítrio deles.

Portanto, a frase “Sacrifício Eficaz” significa que a Cruz cumpriu com o propósito para o qual se realizou. Se dissermos que um martelo é “eficaz”, se entende que introduz pregos nas tábuas. Se dissermos que um detetive é “eficaz”, se entende que cumpre bem com seu trabalho. Logicamente, não podemos dizer que uma coisa eficaz se não cumpre com o seu propósito. Se perecem alguns pelos quais Cristo morreu, não podemos dizer que foi um sacrifício “eficaz”.

**« A fé e a obediência dos eleitos
provêm da Cruz,
não do livre-arbítrio deles »**

Outro nome para esta doutrina é “Redenção Particular” ou “Expição Limitada”, porque significa que o sacrifício de Jesus tinha como propósito salvar a uns indivíduos em particular e não a toda a humanidade em geral. Por outro lado, a doutrina de que Cristo morreu com a intenção de salvar a toda a humanidade, se chama “Expição Universal”.

Antes de prosseguir com este estudo, temos que esclarecer um mal-entendido: A questão da suficiência da Cruz para todos, nunca foi um ponto de desacordo entre os Cristãos. O sacrifício de Cristo possuía suficiente virtude e poder para salvar até um universo cheio de pecadores, inclusive ao diabo e todos os demônios... se essa fosse a intenção do Pai. A cruz não é limitada em seu poder salvador.

Esta questão trata com duas perguntas inseparáveis: “Por quem Cristo veio morrer?” e “Que efeitos exerceu Seu sacrifício neles?”.

Por que é importante esta questão?

É importante porque se centra em nossa segurança da salvação. Se a salvação em parte depende do que o homem contribui, então não podemos ter nenhuma segurança da vida eterna; Se a fé e a obediência dos escolhidos se atribuem à vontade humana e não a eficácia da Cruz, então Cristo é um salvador a medias e não merece toda glória.

As Evidências Bíblicas

I. A redenção Particular no Evangelho de São João.

Antes da Reforma, os que ensinavam que Cristo veio somente pelos eleitos foram chamados “Eruditos Joanistas”, porque se baseavam muito no Evangelho de São João. Também se chamavam “Agostinianos” porque Santo Agostinho, do Século V, foi um dos primeiros Teólogos que ensinou de maneira sistemática as Doutrinas da Graça. A doutrina correta que eles ensinavam sobre a redenção pode ser deduzida pelas seguintes considerações:

- 1) Cristo veio para cumprir com a vontade do Pai (6.38)
- 2) A vontade do Pai era de salvar somente aos que Lhe deu, (6.39)
- 3) Havia cumprido com êxito a obra que o Pai lhe havia dado (17.4).

A conclusão lógica é que Cristo veio salvar os que o Pai lhe deu, não ao mundo inteiro, e que cumpriu com este propósito. Seu ministério não foi uma tentativa meio frustrada de salvar aos que pudesse. Seu propósito foi logrado de forma total.

A. Ovelhas e Cabras: João 10

Neste capítulo Jesus revela que veio para dar sua vida pelas “ovelhas”. “... e dou a minha vida pelas ovelhas”. v. 15



Durante um culto Cristão, um irmão se levantou e testemunhou que o Senhor lhe havia mudado de cabra para ovelha. Suas intenções eram boas, mas a ilustração tinha um defeito: As cabras nunca mudam para ovelhas nem as ovelhas para cabras. São espécies diferentes. Muitas desgraças podem acontecer às ovelhas. Podem perder-se, sujar-se, serem roubadas, feridas ou morrer. Mas nunca se transformam em cabras.

Nesta ilustração a limitação e a eficácia do Sacrifício de Cristo revelam-se. Primeiro, Jesus percebe

as ovelhas como Suas antes de que viesse para salvá-la. *“Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância...”* v. 10 Eram suas, mas estavam mortas.

Segundo, Cristo comunicou Sua vida às ovelhas através do sacrifício da Sua vida por elas. *“... o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas”* v. 11 Notemos que Cristo nunca diz, *“Eu vim para dar minha vida tanto pelas cabras como pelas ovelhas”*.

Mas, as ovelhas não têm que crer? Certo. No entanto, a fé não é a causa para que sejam ovelhas. A fé é um RESULTADO de ser ovelha, não a CAUSA. Vejamos v. 26:

“Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas...”

Olhemos cuidadosamente este versículo. Jesus não ensina aqui que somos ovelha porque cremos. Diz que cremos porque somos ovelhas. A fé é dada às ovelhas de Deus. Não é a fé que as fazem ovelhas.

Ressalta Packer,

“O poder salvífico da cruz não depende de que a fé seja acrescentada a ela; este poder salvífico é tão grande que a fé flui dela”.¹²

Finalmente, a vida eterna é dada às ovelhas, v. 28. Não é por receber a vida eterna que se tornam ovelhas, pois já eram ovelhas.

O que determina que alguns sejam ovelhas e outros não? Sua própria fé? Seu livre- arbítrio? NÃO. São ovelhas por decreto eletivo do Pai.

B. Os que O Pai Lhe Deu

A frase de Jesus, “Os que o Pai Me deu” é citado frequentemente em João e responde a pergunta central, “Para salvar os que vieram a Cristo?”

Siga com a ajuda da sua Bíblia a análise dos seguintes versículos:

Análise de Jo 6.37-45,65:

É possível tirar deste texto certas conclusões típicas de todo o Evangelho de João.

Primeiro, pertencemos a Deus o Pai por um decreto divino antes de pertencer a Cristo. *“Tudo o que o Pai me dá virá a mim”* v. 37 Esta frase, “o que o Pai me dá” é a chave para entender todo o evangelho de João. Deus entregou a Cristo certas pessoas como presentes, para que Cristo os salve. Deus não mandou o Salvador para salvar os que pudesse, senão somente os que o Pai lhe deu.

¹² Packer, J.I.: Ensaio Introdutório a “Death of Death”(A Morte da Morte) por John Owen, Banner of Truth Trust, pp.10.

Segundo, todos os que o Pai lhe deu virá a Cristo. Como virão? O Pai os trará, v. 44. Não virão por sua própria conta, porque não podem.

Terceiro, a vontade do Pai determina tudo. Cristo sabe que a vontade do Pai se cumprirá. No v. 39 Cristo indica o conteúdo desta vontade. *“Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último Dia”* É impossível que algum dos que o Pai deu a Cristo se perca, porque uma vontade irresistível cumpriu a salvação deles graças a um Salvador infalível.

Com termos semelhantes, Packer diz:

*“Cristo não ganhou uma salvação hipotética para crentes hipotéticos, uma mera possibilidade de salvação para quem possivelmente crer, senão uma salvação real para Seu próprio povo escolhido”.*¹³

**“ Deus não mandou
o Salvador para salvar
os que pudesse,
senão somente os
que o Pai lhe deu”.**

O v. 44 é um resumo de todo o discurso de Jesus nesta passagem e merece atenção especial. Contém quase todas as doutrinas da Graça que estamos estudando.

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último Dia.”

Em uma só frase brilhante, Jesus declara varias doutrinas da graça: 1) Que o homem é totalmente incapaz de escolher a Cristo por sua própria iniciativa, (Depravação Total Humana); 2) Que é somente o poder do Pai o que traz os homens à Cristo e que O Pai vence a resistência do pecador, (O Chamado Eficaz); 3) Que todos os que o Pai traz, são invariavelmente salvos e preservados até a ressurreição dos justos, (Regeneração Soberana e Segurança dos Eleitos).¹⁴

1) Análise de João 17 (Siga a análise na sua Bíblia)

Esta oração sacerdotal de Jesus, antes de ir à Cruz, nos revela muito em quanto às intenções de Deus ao mandar Cristo à terra. Quais eram estas intenções? Cristo cumpriu em parte ou em totalidade?

¹³ Packer, J.I.: Ensaio Introdutório a “Death of Death” por John Owen, Banner of Truth Trust, pp.10.

¹⁴ Nota: Alguns afirmam que a palavra “trouxer” neste versículo somente indica uma persuasão moral à qual o pecador pode resistir. O problema com isto é que a palavra grega “trazer” usada aqui, (helkuo), sempre significa “arrastar”, “compulsão forçada”. Inclusive se não sabemos o que quer dizer, seu significado poderia ser deduzido pela frase “e o ressuscitarei no último dia”. Ou seja, todos os que são objetos da ação do Pai em trazê-los, serão salvos invariavelmente. Isto não deixa lugar para uma resistência eficaz por parte do pecador.

v. 2 – Cristo tem todo poder sobre todos. Isto indica que a carnalidade humana não é possível resistir à vontade de Cristo. De acordo com a vontade do Pai, Cristo dá vida eterna a todos os que o Pai lhe deu. A frase chave “os que me deste” se repete sete vezes neste capítulo.

v. 4 – Cristo cumpriu com a obra que o Pai lhe deu. Alguns perguntaram: “Por que Cristo não salvou ao mundo inteiro?” Se essa tivesse sido a obra que o Pai Lhe encarregou, a haveria cumprido.

v. 6 – Cristo manifesta ao Pai somente aos quais o Pai lhe deu.

v. 9 – Se Cristo veio para salvar ao mundo inteiro, por que não orou por todos? Mas se negou em orar por todo o mundo. Orou pelos eleitos somente.

v. 11 – Cristo roga que o Pai preserve aos que lhe deu. Responde o Pai às orações de Jesus? Veja Jo 11. 41.

v. 12 – Nenhum dos que Cristo guarda, se perde. Ele guarda a todos os que o Pai lhe deu. Falava dos doze discípulos somente? Ver v. 20.

Guardados do mal (v. 15), santificados (v. 17), enviados ao mundo (v. 18), unidos em Deus (v. 21), a glória de Deus neles (v. 22), estar sempre com Cristo (v. 24).

v. 23 – O amor particular de Deus para com os escolhidos. Deus ama os escolhidos, igual que a Cristo.

v. 24 – Cristo ora para que aqueles que o Pai lhe deu, estejam com Ele para sempre.

**«Orou pelos eleitos
somente.»**

Se cremos que a intercessão de Cristo é eficaz, então os eleitos receberão do Pai estes benefícios pelos quais Cristo orou.

Resumo da Redenção Particular em João:

Somos um presente do Pai a Cristo. Deus mandou a Jesus com o propósito de assegurar a salvação de todos os que o Pai lhe deu. Cristo proveu uma redenção certa e eficaz por Sua morte na Cruz e pelo seu ministério de intercessão. Com Seu poder irresistível, o Pai traz os escolhidos a Cristo. Os regenera e os preserva infalivelmente para Sua Glória.

II. Uma Grande Impossibilidade (*Siga Rm 8.32-34 em sua Bíblia*)

Paulo afirma sem nenhuma ambigüidade, que é impossível que se perca alguém por quem Cristo morreu, pois a cruz é sacrifício eficaz. Rm 8.32-34:

“Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?(33) Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. (34) Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.”

**« Com seu poder irresistível, o Pai
traz os eleitos a Cristo. »**

Segundo o v. 32, os benefícios do sacrifício de Cristo alcançam invariavelmente àqueles pelos quais Cristo foi entregue. (A frase “todos nós” se entende no contexto como todos os crentes. Se refere aos predestinados, chamados e justificados v. 30 Aos que têm o favor de Deus. (v. 31). Aos eleitos v. 33. Aos que não são condenados v. 34. Aos que Deus ama e preserva vv. 35-39).

No v. 33, Paulo indica que Deus não recebe acusações contra de Seus eleitos porque os justifica, já que Cristo morreu por eles.

No v. 34, é impossível que se condenem àqueles pelos quais Cristo morreu, ressuscitou e intercede.

Por este texto vemos que o conceito do Sacrifício Eficaz não é uma fantasia filosófica nem fruto de razoamentos teológicos. É uma doutrina que Paulo expressa sem a menor ambigüidade.

III. O Pacto da Graça: Padrão Geral da Bíblia.

Imagine-se de pé em frente duma casa com um plano arquitetônico na mão. A casa é bonita. A estrutura é lógica. Tudo é funcional e normal. Mas a casa não corresponde com o plano. As janelas são diferentes. A porta está em outro lado. É óbvio que o plano é para outra casa.

O Antigo Testamento é o “plano” da redenção divina e se cumpre no Novo Testamento. Podemos estudar a redenção em duas perspectivas: Estudando as histórias

do Antigo Testamento, podemos predizer que tipos de redenção veremos no Novo. Ou por estudar o Novo Testamento, podemos predizer que tipo de histórias veremos no Antigo.

Suponhamos que a redenção bíblica fosse como o seguinte: Deus quis salvar a todos. Mandou a Cristo para morrer na Cruz por eles. Isto criou um pacto de graça para todos os que querem entrar por seu livre-arbítrio. Ao crer, entram no pacto onde têm a salvação garantida, a condição de que sigam contribuindo com sua boa vontade e obediência evangélica.

É assim a redenção bíblica? Ao existir esta possibilidade, devemos ler no Antigo Testamento o seguinte: Deus amou a todas as nações e quis fazer pacto com todas elas. Sacrificou um cordeiro para que as nações que têm boa vontade possam por seu livre-arbítrio. Mandou profetas pelo mundo inteiro, aos Romanos, Chineses, Astecas, etc. convidando-os para entrar no Seu pacto. Mas o único povo que quis entrar, foi um povozinho amável generoso, lindo e muito obediente, chamado “os judeus”.

É este o plano de redenção que vemos tipificado no Antigo Testamento?

O que realmente lemos no Antigo Testamento? Vemos que todas as nações estavam perdidas na idolatria e depravação. No entanto, Deus escolheu a um povo por pura Eleição Soberana. Estes eram os judeus. O fez com base na Sua graça, não por méritos nem obediência previstas neles. Deus fez com eles um pacto. Para ratificar esse pacto, institui o sacrifício de um cordeiro. Este sacrifício serviu somente para eles e não para nenhuma outra nação. Por meio deste sacrifício, Deus fez aceitável ao povo escolhido.

Por este esquema acima, podemos deduzir o tipo de redenção que se deve encontrar no Novo Testamento. Deus tem um povo escolhido por Sua graça, sem méritos previstos nele. Deus fez pacto com Seus eleitos e mandou Cristo para confirmar este pacto, com o sacrifício de Si mesmo. Por meio deste sacrifício, Deus salvou a todos os escolhidos.

Qual destes dois esquemas é bíblico? Notemos a ordem dos eventos: Primeiro, Deus escolheu um povo para Si. Logo, fez um pacto eterno com ele. E finalmente proveu um sacrifício para confirmar o pacto e santificar a este. Se o sacrifício serviu para confirmar um pacto com seus escolhidos e santificá-los, então o sacrifício não é universal, senão particular.

Eleição, Pacto, Sacrifício. Esta é a redenção bíblica. Qualquer outra coisa é apostasia.

Confirma Cristo que o pacto é para alguns ou é para todos?

“Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados” Mt 26. 28

« O sacrifício de Cristo não é universal senão particular. »

“Muitos” não quer dizer “todos”. O sangue que Cristo derramou era “pacto no Meu sangue”. Se somente os escolhidos participam no Pacto e se Cristo derramou Seu sangue para confirmar o Pacto, então Cristo morreu somente pelos escolhidos.

“Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? ¹⁵ E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna”. Hb 9. 14-15.

Cristo é mediador do novo pacto para os que são chamados a ele. (Note aqui o “Chamado Eficaz”). Seu sangue limpa as consciências deles e recebem a promessa de uma herança eterna. O poder e a limitação de Seu sacrifício se vêem claramente expressados aqui. Morreu para garantir a limpeza de todos os chamados a uma herança eterna.

IV. A Intercessão de Cristo

Jesus Cristo é nosso Sumo sacerdote. O ministério do sacerdócio judeu conquista em duas atividades: Primeiro, oferecer sacrifícios pelos pecados do povo. Segundo, interceder por eles, com base nos sacrifícios oferecidos.

Havia pois, uma ligação inseparável entre o sacrifício oferecido e as pessoas pelas quais o sacerdote intercedia. Nunca intercedia por alguém sem fazer um sacrifício por ele. Nunca se fez sacrifício por alguém sem interceder por ele.

Suponhamos que fosses transportado no tempo há 2500 anos atrás e ao entrar no templo de Jerusalém para ver os ritos. Observarias que em frente ao altar um sacerdote está degolando um cordeiro. Perguntarias: “Senhor sacerdote, por que o senhor está matando a esse cordeiro?” O Sacerdote responderia: “porque tenho que entrar ao altar para interceder por uma família que pecou. Jeová não me permite entrar sem o sangue do cordeiro”. Imediatamente compreendes que o cordeiro foi sacrificado por essa família.

Suponhamos agora, que voltas no dia seguinte, mas chegas tarde. O cordeiro foi sacrificado e o sacerdote já está no templo orando. Perguntas a ti mesmo: “Por quem foi o sacrificado este cordeiro? Suponho que nunca o saberei, porque o sacerdote já entrou no templo.” De repente pensas, “Se posso ouvir o sacerdote orando, saberei por quem foi sacrificado o cordeiro”. Rapidamente corres para trás do tabernáculo e aproximias o ouvido à parede. Ouves o sacerdote que diz: “Senhor, perdoa os pecados da família de

Josias e tem misericórdia deles”. Já sabes que o cordeiro foi imolado pela família de Josias. Porque sabes que o sacerdote somente intercede por quem foi sacrificado o cordeiro.

Como corresponde isto ao ministério de nosso Sumo sacerdote Jesus Cristo? Vamos à parede a escutar. Mas esta vez, não estamos escutando a um sacerdote humano, senão a Jesus Cristo, em Seu ministério de intercessão:

“Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” Jo 17. 9.

Se Cristo morreu com a intenção de salvar a todos, por que não orou por todos? Mas intercede por alguns, é porque seu sacrifício foi eficaz somente para eles. Por isso:

“com juramento, por aquele que lhe disse: Jurou o Senhor e não se arrependará: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque. de tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador” Hb 7. 21-22.

V. Resumo das Evidências

Os raciocínios teológicos não são as únicas evidências disponíveis para comprovar nossa doutrina. As escrituras declaram com palavras claras que Cristo veio salvar:

O seu povo: *“...e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.” Mt 1. 21.*

As ovelhas: *“... dou a minha vida pelas ovelhas” Jo 10.15.*

A sua igreja: *“...a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue”... At 20.28.*

Aos eleitos: *“Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica” Rm 8. 32-33.*

Aos que participam do Pacto: *“...é Mediador de um novo testamento, para que... os chamados recebam a promessa da herança eterna”... Hb 9. 15.*

Aqueles pelos quais intercede: *“...não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus”... Jo 17.9.*

Aos que O Pai lhe deu: *“...Dos que me deste nenhum deles perdi”... Jo 18.9.*

VI. Evidências Lógicas

Visto que alguns serão eternamente salvos e outros não, tem que haver alguma limitação no sacrifício de Cristo. De outra maneira, todos seriam salvos.

Todo Cristão evangélico crê, portanto, em um sacrifício limitado de Cristo. Mas diferimos com respeito aos parâmetros do mesmo.

Dependerá a eficácia da Cruz da ação cooperativa do homem? Ou Dependerá a ação cooperativa do homem da eficácia da Cruz? Se fosse o primeiro, o poder da cruz seria limitado o sacrifício não seria eficaz nem completo.

Entretanto, se os benefícios da cruz chegam infallivelmente a todos pelos quais Cristo se entregou, é claro que foi para alguns somente e garante a cooperação daqueles. É um sacrifício digno de confiança porque resulta em segurança da salvação absoluta. Reflexiona o autor Kenneth Craig:

*“A Cruz, livre para atrair por seu próprio poder, permanece como o ímã das almas dos homens”.*¹⁵

Como pregar a mensagem da Cruz?

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. I Co 2.2.

Para os que entenderam pela primeira vez a doutrina do Sacrifício Eficaz apresenta-se um problema. Se sentem restringidos ao dizer a um incrédulo, “Cristo morreu por ti”. E tem razão. É uma restrição, Se não podemos dizer as pessoas sem discriminação, “Cristo morreu por ti”, o que lhes devemos dizer?

Escreve o teólogo J. I. Packer está tensão:

*“Desejamos magnificar a graça salvadora de Deus e o poder salvífico de Cristo. Assim declaramos que o amor redentor de Deus se estende a todos, e que Cristo morreu para salvar a todos, e proclamamos que a graça da misericórdia divina se mede por estes fatos. E logo, a fim de evitar o universalismo, temos que desvalorizar todo o anterior, ao explicar que, depois de tudo, nada do que Deus e Cristo fizeram pode salvar-nos ao menos que acrescentemos algo ao que foi feito. O fator decisivo que realmente nos salva é nossa própria fé. Sem querer, insinuamos que Cristo nos salva com nossa ajuda; ou melhor, que nós nos salvamos a nós mesmos com a ajuda de Cristo. Isto soa vazio”.*¹⁶

¹⁵ Citação de Kenneth Cragg, de “Gathered Gold” John Blanchard, Evangelical Press 1989, pp 57

¹⁶ Packer, J.I.: Ensaio Introdutório a “Death of Death” por John Owen, Banner of Truth Trust, pp.14

A resposta a este dilema é um belo paradoxo. O propósito de nossa doutrina não é limitar nossa pregação, senão provocar-nos a enfocar nossa pregação no PODER da Cruz.

Temos na Cruz uma salvação segura, um Salvador Soberano que salva até o último, que causa uma reconciliação total com um Deus infinitamente santo, que perdoa todo o pecado, que nos incorpora em um pacto eterno e uma cruz que nos preserva até a glória. Assim pregaram os Apóstolos.

Por outro lado, a doutrina da Expição Universal tem contradições sérias que podem causar que uma pessoa pense e recuse o evangelho. Primeiro, se Cristo morreu com intenção de salvar a todos, então, não cumpriu com a mais mínima porcentagem da sua intenção. É um salvador com pouco êxito. Como poderia confiar em tal Salvador. Segundo, não se poderia pregar que a Cruz é poderosa, se fosse o homem, e não Deus, quem a faz funcionar. Terceiro, não se poderia pregar sobre um Deus soberano se Ele é impotente para salvar aos que deseja salvar. Finalmente, não existiria em tal Cruz nenhuma segurança de salvação para ninguém, porque não conteria nenhum dom de perseverança. Se tal perseverança provém dos esforços do Cristão, e não da Cruz, teríamos um evangelho de méritos.

Um incrédulo inteligente, ao ouvir que Cristo morreu para salvar a todos, mas que poucos serão salvos, concluirá instantaneamente que não está ouvindo sobre um salvador Soberano. Entenderia que tal Cruz não tem poder em si mesma para converter, preservar e glorificar a ninguém. Felizmente, a maioria das pessoas não são tão reflexivas. Não se dão conta das contradições da pregação moderna. Deus usa tal pregação de todos modos, para salvar os Seus escolhidos.

Quando pregues a Cruz, diga que Jesus é um Salvador Eficaz. Sua Cruz garante uma salvação para todo crente. É a certeza da perfeição futura. Explique que as palavras finais de Cristo “Consumado está”, significa uma salvação completa, à qual não se pode contribuir com nada. Tudo é pela graça.

Perguntas sobre o

Sacrifício Eficaz

Pergunta 1: O conceito de propiciação para “todo o mundo” parece ser pregado em I Jo 2.2. “*E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo*”. Não refuta isto o conceito de um sacrifício limitado para os escolhidos?

Resposta: Este versículo é considerado o baluarte da doutrina da Expição Universal. Explica, supostamente, que a morte de Cristo espia não somente os pecados dos Cristãos, se não que também de todos os perdidos. A palavra “nosso”, se refere a todos os Cristãos e “todos o mundo”, se refere a todos os perdidos.

Depende das regras de interpretação bíblica, se esta interpretação é correta ou não.

Primeiro, é necessário definir exatamente as palavras dadas. O que significa a palavra “propiciação”? Significa “apaziguar a ira”. É usada umas 5 vezes no Novo Testamento para indicar que a ira de Deus se apazigua em relação ao pecado. Segundo I Jo 2.2, a ira de Deus está apaziguada.

Mas se a ira de Deus está apaziguada para todos no mundo inteiro, o que fazer com os centos de versículos em toda a Bíblia que falam da ira de Deus para com os pecadores? E a ira de Deus em Apocalipse, que se derrama sobre todo o mundo? O sacrifício de Cristo não apaziguou a ira de Deus em relação a todo o mundo, porque de outro modo ninguém seria condenado.

A palavra “propiciação” é usada em Rm 3. 25 para mostrar que a ira de Deus está apaziguada somente para com os que são justificados pela fé em Cristo.

Em I Jo 2.2, o apóstolo está dizendo que a ira de Deus é apaziguada em relação aos irmãos para os quais escreve e também para com todos os irmãos no mundo inteiro. Outra interpretação nos guia inevitavelmente à conclusão de que todos serão salvos, porque Deus não está irado com ninguém.

Segundo: Quem eram estes irmãos aos quais João escreveu? Esta epístola se dirige aos judeus Cristãos. Isto não se pode negar, porque em Gl 2.9 vemos que João era um apóstolo para os judeus. Ademais em 2.7, lemos sobre um mandamento divino que os ouvintes tinham de Deus desde o princípio. Somente os judeus tinham mandamentos de Deus, não os gentios.

O livro dos Atos nos indica que os judeus Cristãos do primeiro século tinham a tendência de esquecer que os crentes gentios eram aceitos em Cristo igual que eles. Se sentiam superiores devido a sua descendência judia. João, nesta epístola, lhes declara que Cristo morreu pelos irmãos espalhados no mundo inteiro, igualmente como para os irmãos judeus.

Segue abaixo uma análise do uso bíblico das palavras: “mundo” e “todo o mundo”, para comprovar que não significa “todo ser humano”:

Crentes no mundo: Lc 2.1; Jo.12.19.

- A. Incrédulos no mundo: Jo 15.18; 16.20; 17.14; II Pe 2.5; I Jo 5.19; Ap 3.10; 13.3; 16.14
- B. O universo: At 17.24
- C. Pessoas de várias classes sociais no mundo: Jo 1.29; Jo 1.10.
- D. O público em geral: Jo 7.14; 12.19; 14.22.

Entre as 105 referências que João usa a palavra “mundo” em seus escritos, somente 11 casos é possível que signifique todo ser humano. Inclusive nestes casos, tal interpretação é duvidosa. A regra básica de interpretação das palavras bíblicas consiste em que o significado maior de uma palavra é o correto em qualquer versículo, se o contexto não obriga a outra interpretação.

Pergunta 2: Existem textos que usam a palavra “todos” referindo-se ao sacrifício de Cristo. Exemplos: I Tm 2.4,6 “*que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade... o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos...*” Outros são: Hb 2.9 e II Co 5.14-15. Como concorda essa palavra com a idéia do Sacrifício Eficaz para os eleitos?

Resposta: Nunca negamos a suficiência teórica da Cruz do Calvário para salvar toda humanidade. O único que negamos é que está fora da intenção divina. No entanto, é fácil mostrar que a frase “todos” e “todos os homens”, nos textos que foram mencionados acima, não significa toda a humanidade sem exceção. Enfoquemos maioritariamente em I Tm 2.4,6, porque os mesmos argumentos que usamos para este texto são válidos também para os demais textos:

A frase “todos os homens” neste caso quer dizer: todos sem distinção de classe ou raça, não todos sem exceção de pessoa. O contexto e um estudo desta frase através da Bíblia confirma.

A frase “todos os homens” aparece centenas de vezes na Bíblia. Em menos de 10% dos casos pode dizer “todo ser humano que existiu”. Normalmente quer dizer: “todo tipo de gente”.

Um exemplo disto é Tt 2.11 “*Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens*” Ao momento que Paulo escreveu isto, a graça de Deus não havia sido manifestada a todos os homens. Estava Paulo exagerando? Não. Simplesmente dizia que o Evangelho é universal e que transcende os limites de cultura e raça. Deus tem escolhidos entre as nações, não somente entre os judeus.

Outro exemplo é At 2.17 “*...que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne...*” No dia do Pentecostes, não foi toda humanidade que recebeu o Espírito. Mas todo tipo de pessoa, sem distinção de idades ou estado social.

Existe algo no contexto de I Tm 2, que indica que devemos ignorar 90% das evidências bíblicas com respeito ao uso da frase “todos os homens”? Ao contrário, o contexto mostra limitações muito estreitas com respeito a este versículo. Notemos v. 1 e 2 “*...orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência...*” Paulo tem em mente as autoridades civis. Deus também tem um povo escolhido entre os reis e os nobres. Os irmãos judeus como Timóteo, não tinha o hábito de orar por reis pagãos.

Paulo revela no versículo 7, que tem em mente também aos gentios quando dizia “todos os homens” no contexto. A mensagem do capítulo é que Deus quer salvar as pessoas de todas as classes sociais, alguns reis e não somente aos pobres; a alguns gentios e não judeus somente. Nada no contexto confirma que Deus quer que todo ser humano seja salvo.

Continua a seguir um estudo breve sobre o uso bíblico das palavras “todos” e “todo homem”:

- A. Todos os crentes: III Jo 12; At 17.31; At 2. 45; I Co 7.7; Rm 16.19.
- B. Todos os incrédulos: Lc 21.17; Ap 19.18; II Tm 4.16.
- C. Gente de todo tipo (i.e. pessoas sem exceção de classe, mas não sem exceção de pessoa) Mc 1.37; Lc 3.15; Jo 3.26; 13.35; At 2.17; 21.28; II Co 3.2; II Tm 4.16; Tt 2.11.
- D. Todos os presentes: Mc 5.20; At 4.21; 20.19; 20. 26.

Pergunta 3: “Se o Sacrifício Eficaz é a doutrina correta, então, Deus não é sincero ao oferecer a salvação a todos com base no sacrifício de Jesus?”

Resposta: Esta pergunta contém pressuposições:

- A. Que o Evangelho é somente uma oferta, e não também um mandamento com autoridade.
- B. Que é oferecido a todos os homens.
- C. Que é uma condição de salvação crer que Jesus morreu pessoalmente por nós.

Estas pressuposições são defeituosas. Por quê?

Primeiro: O evangelho não é uma oferta somente, senão também um mandamento para arrependimento. *“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados...” At 3.19.*

No nosso século, prega-se um Deus passivo, esperando humildemente que responda o “livre-arbítrio” do homem. Deus apresenta seu caso diante ao orgulho humano e oferece o evangelho ao gosto do homem como se fosse algum produto no mercado. É verdade que devemos convidar pessoas para que venham a Cristo e fazê-lo com compaixão. Mas ao mesmo tempo, cuidemos de não afogar a autoridade de nosso Senhor Soberano com uma inundação de sentimentalismo moderno e de pressuposições humanistas.

- A. Segundo: Deus nunca ofereceu o evangelho a toda a humanidade.

A maioria da humanidade já morreu sem haver ouvido sobre Jesus Cristo. Diante desta realidade, é difícil explicar por que Deus, sendo Soberano, mandou Cristo morrer por todos e logo esconder a muito o conhecimento desse fato.

- B. Terceiro: Crer que Jesus morreu por alguém, não é uma condição de salvação.

Em que lugar na Bíblia diz, que é necessário crer que Cristo morreu pessoalmente por mim como condição de salvação? Que Apóstolo pregou isto a algum incrédulo? É verdade que pregaram a Cristo crucificado. Mas nunca pregaram que alguém tem que crer que Cristo morreu por alguém a fim de ser salvo.

Deus não requer um entendimento do sacrifício de Cristo como condição de salvação. Simplesmente requer que creiamos Nele. A única condição é a fé em Cristo. Um entendimento da expiação do Senhor é para os que já são salvos.

Temos que evitar impor condições sobre as pessoas que Deus não requer. O evangelho bíblico é simples, belo, suficiente e eficaz. Preguemos como tal!

PERGUNTAS PARA REVISAR

Sacrifício Eficaz de Cristo

1. Verdadeiro ou Falso: _____ A morte de Cristo cumpriu todas as condições de salvação, exceto a fé e a obediência.
2. Outros nomes para nossa doutrina são _____ ou _____.
3. A Expição Universal significa que Cristo morreu por: (Marque uma alternativa)
 - A. Os escolhidos Somente
 - B. Toda a humanidade
4. A Expição Particular significa que Cristo morreu por: (Marque uma alternativa)
 - A. Os escolhidos somente
 - B. Toda a humanidade
5. Explique com suas próprias palavras por que esta doutrina é importante _____

6. Verdadeiro ou Falso: _____ Conversão a Cristo significa que Deus muda as “cabras” para “ovelhas”.
7. Cristo veio para dar sua vida pelas _____, segundo João 10.
8. Como comunicou Cristo Sua vida às ovelhas?
9. Verdadeiro ou Falso: _____ A fé dos crentes é resultado de serem ovelhas, não a causa de que sejam ovelhas.
10. Verdadeiro ou Falso: _____ Nos tornamos ovelhas do Senhor ao receber a vida eterna.
11. Chegamos a ser ovelhas do Senhor por: (Marque uma alternativa)
 - A. Uma decisão de nosso livre-arbítrio.
 - B. Por nossa fé em Cristo.
 - C. Por um decreto eterno de Deus o Pai em dar-nos a Cristo.
12. A frase chave para entender o Evangelho de João é _____

13. Verdadeiro ou Falso: _____ Pertencemos a Deus o Pai por decreto divino, antes de pertencer a Cristo.
14. Uma análise de Jo 6.37-45,65 revela-nos três verdades importantes. Estas são:
 - A. _____
 - B. _____
 - C. _____
15. Quais de nossas Doutrinas da Graça são comprovadas por Jo 6.44:

16. Em que capítulo da Bíblia encontra-se a oração sacerdotal de Jesus antes de ir à Cruz? _____

17. Segundo João 17, a quem dá Cristo a vida eterna?

18. Cristo cumpriu com: (Marque uma alternativa)

- A. Toda a obra que o Pai lhe deu.
- B. Parte da obra que o Pai lhe deu.
- C. O que pôde, segundo a cooperação dos homens.

19. Quando Cristo disse que preserva a todos os que o Pai lhe deu, estava falando de: (Marque uma alternativa)

- A. Os doze discípulos somente.
- B. Todos os crentes de todas as épocas.
- C. Os que se mantêm fiéis por seu livre-arbítrio.

20. A grande impossibilidade que Paulo expôs e Rm 8.32-34 consiste em que

21. Em Rm 8.33, Paulo indica que Deus não recebe acusações contra os Seus escolhidos justificados porque:

- A. Deus justifica somente àqueles que Ele sabe de antemão que irão ser fiéis.
- B. Cristo morreu por eles.
- C. São merecedores.

22. Verdadeiro ou Falso: _____ Nossa doutrina é produto de raciocínios teológicos somente, porque não está expressa claramente na Bíblia.

23. O padrão bíblico da Redenção segue três passos específicos nos dois Testamentos. Estes são: _____, _____,

24. De quem é Cristo mediador do Novo Pacto, segundo Hb 9.14-15?

25. Os dois aspectos do ministério sacerdotal de Cristo, igual ao ministério dos sacerdotes judeus no Antigo Testamento são:

- A. _____
- B. _____

26. Verdadeiro ou Falso: _____ Como fiel Sumo Sacerdote, Cristo intercede somente por aqueles pelos quais fez o sacrifício.

27. Verdadeiro ou Falso: _____ Cristo intercedeu pela salvação do mundo.

28. Preencha os seguintes espaços em branco:

- A. Segundo Mt 1.21, Cristo morreu por _____.
- B. Segundo Jo 10.15, Cristo morreu por _____.
- C. Segundo Ef 5.25, Cristo morreu por _____.
- D. Segundo Hb 9.15 Cristo morreu por _____.
- E. Segundo Jo 17.9 Cristo intercede por _____.

29. A conclusão lógica da doutrina da Expiação Universal, se fosse verdade, nos levaria invariavelmente à conclusão de que

30. O fato de que nem toda humanidade será salva, nos leva a conclusão de que a Cruz tem uma das duas limitações: (Marque uma alternativa)

- A. Limitação da eficácia.
- B. Limitação da extensão.

31. A palavra "propiciação" quer dizer _____.

32. A interpretação correta de I Jo 2.2 é: (Marque uma alternativa)

- A. Cristo apaziguou a ira de Deus para com toda a humanidade.
- B. Cristo apaziguou a ira de Deus para com todos os crentes no mundo inteiro.

- C. Cristo não apaziguou a ira de Deus para com ninguém.
33. Verdadeiro ou Falso: _____ A palavra "mundo" ou "todo o mundo" na Bíblia, normalmente se refere a todo ser humano que existe.
34. Na Bíblia as palavras "todos" ou "todos os homens", normalmente quer dizer:
- A. Todo ser humano que já existiu.
- B. Alguns seres humanos de todo tipo.
- C. Todos os gentios, mas não todos os judeus.
35. Verdadeiro ou Falso: _____ A doutrina da Expição Universal, na realidade contém mais limitações que a Expição Limitada.

Respostas às Perguntas

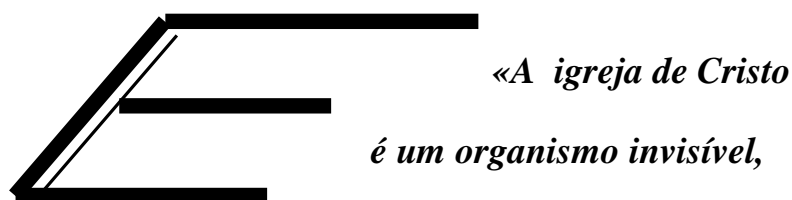
1=F; 2=Redenção Particular; Expição Limitada; 3=B; 4=A; 5=Veja texto; 6=F; 7=Ovelhas; 8=Deu Sua vida por elas; 9=V; 10=F; 11=C; 12="Os que o Pai me deu"; 13=V; 14=Primeiro, pertencíamos a Deus por um decreto divino antes de pertencer a Cristo; Segundo, todos os que O Pai Lhe deu, virão a Cristo; Terceiro, a vontade de Deus determina tudo; 15=Depravação Total Humana; Chamado Eficaz; Regeneração Soberana; Segurança Dos Eleitos; 16=Cap.17; 17=Os que o Pai lhe deu; 18=A; 19=B; 20=Aqueles pelos quais Cristo morreu podem ser condenados; 21=B; 22=F; 23=Eleição, Pacto, Sacrifício; 24=Pelo os chamados; 25=A.Sacrifício B.Intercessão; 26=V; 27=F; 28=A.Seu povo, B.As Ovelhas, C.Sua Igreja, D.Os Chamados, E.Os que O Pai Lhe deu; 29=Todos serão salvos; 30=B; 31=Apaziguar a ira; 32=B; 33=F; 34=B; 35=V

UNIÃO ESPIRITUAL E UNIVERSAL DOS ELEITOS

“Qual é a Igreja verdadeira?” Esta pergunta se ouve freqüentemente quando testemunhamos às pessoas sobre a Salvação. Algumas se declaram como a única verdadeira, fora da qual não há salvação. Todas as seitas se declaram a verdadeira Igreja.

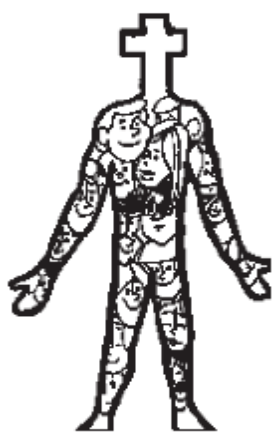
Uma análise dos textos bíblicos nos revela algo surpreendente.

A igreja de Cristo consiste em um organismo invisível, não uma organização visível. Sua formação é espiritual, não material. Ser membro de uma Igreja bíblica não é garantia de ser membro da verdadeira Igreja de Cristo. Igualmente, é possível ser membro de uma igreja local que não forma parte da Igreja de Cristo, sendo ao mesmo tempo membro da verdadeira Igreja de Cristo invisível. Tudo isto pode parecer confuso, até que analisemos o que queremos dizer com o título deste artigo.



Organização ou Organismo?

“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus...” Ef 4. 11-13



Primeiro, as Igrejas de Cristo têm oficiais. Estes são Apóstolos, Profetas (pregadores), Evangelistas, Pastores e Mestres. (v. 11) Servem para preparar os Cristãos para ministrar à humanidade e levar os crentes a uma unidade da fé com um conhecimento preciso do Senhor Jesus Cristo. (v. 12-13) (É interessante notar que nestes textos Paulo não menciona nem Papas nem Cardeais nem Sacerdotes como oficiais de sua Igreja).

No entanto, seria um erro supor que a Igreja de Cristo é principalmente uma organização. Os versículos seguintes indicam uma verdade de suprema importância: A Igreja de Cristo é um Organismo, não uma organização. É um “corpo”, cuja única cabeça é Cristo. *“...naquele que é a cabeça, Cristo”* v. 15.

Ninguém tem direito de tomar para si este título.

Quem forma parte da Verdadeira Igreja?

A Igreja de Cristo consiste em todos os que são salvos pela fé em Cristo. Em At 2. 47 lemos *“E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de*

salvar.” Assim se vê que todos os que são salvos, e somente eles, formam parte da Igreja de Cristo.

Em I Co 1.2 lemos “ *à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:*”

Segundo este texto, a Igreja de Cristo consiste em pessoas santificadas em Cristo, que foram chamadas por Deus a uma vida santa, que oram em o nome do Senhor Jesus, e que reconhecem Seu Senhorio. Isto é diferente de uma assistência ocasional aos cultos com algumas práticas religiosas.

Sob esta perspectiva, podemos dizer sem receio, que algumas pessoas são na realidade membro do Corpo de Cristo ainda que pertencem a Igrejas que não são bíblicas. Igualmente, existem outros que assistem a Igrejas onde o verdadeiro Evangelho é pregado, sem pertencer a Cristo. Nem todos os que participam nos cultos são regenerados. Alguns participam por força de vontade, sem nunca haver se entregado ao Senhor.

Jesus esclareceu em Jo 17, que o que lhe pertencem tem vida eterna (v. 2), conhecem a Deus (v.3), recebem as palavras de Deus (v. 8), são odiados pelo mundo (v. 16) são santificados (v.17) e unidos em amor (v.21-23). Somente estes estarão com Ele na glória (v. 24).

O caráter Universal da Igreja se vê nas palavras de Jesus em Jo 10.16. “*Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor*” Os judeus da época de Jesus criam que somente eles poderiam ser salvos, não os gentios. Aqui Jesus indicava que tinha outros além dos presentes, mas que formariam “um rebanho”.

No contexto, Jesus indicava que estas ovelhas são caracterizadas por sua fé Nele, (v. 26), por ouvir Sua voz (v. 27), por lhe seguir (v. 27). São preservados infalivelmente pelo Pai, de maneira que não podem perecer (vv. 28-29).

Como Deve Ser o Corpo de Cristo em Sua Expressão Local?

Em seu sentido legal, Deus percebe a Igreja Universal de Cristo como unida em Cristo, justificada e aceita diante do Pai.

No entanto, o corpo de Cristo tem suas manifestações visíveis em forma de Igrejas locais que ainda carecem da perfeição no sentido prático. Algumas igrejas têm tantos defeitos em doutrina e em organização que nos perguntamos se realmente são expressão legítimas da Igreja do Senhor. Ainda que desejamos evitar um espírito de crítica, é preciso ter um critério claro para ajudar-nos a distinguir entre igrejas legítimas e igrejas falsas.

A palavra de Deus nos dá tal critério, o qual vamos estudar agora. Ainda que nenhuma igreja cumpra sempre com todos estes pontos, (pela falta de maturidade ou ensinamento), a igreja deve procurar alcançar o ideal exposto na Bíblia se quer ser considerada como parte legítima do corpo de Cristo.

Temos organizado este critério sob quatro divisões para facilitar o estudo: Pureza de doutrina, de organização, de conduta e de culto.

I. Pureza de Doutrina

Sempre haviam divergências entre Cristãos sobre doutrinas menores; tais como a forma de batizar, a maneira melhor de levar o culto, etc. Mas certas doutrinas são essenciais ao pensamento bíblico, de maneira que uma negação de uma delas é motivo para declarar uma Igreja como doutrinariamente impura, sem o direito de chamar-se uma expressão legítima do corpo de Cristo. Estas doutrinas essenciais são: A inefabilidade da Bíblia como Palavra de Deus e como suficiente em toda questão de doutrina e prática; a Santíssima Trindade; A Divindade de Cristo, Seu nascimento virginal, Sua morte e ressurreição corporal e Sua segunda vinda; a Salvação pela graça sem méritos; o juízo eterno para pecadores e a felicidade eterna para os crentes.¹⁷

Se um cristão se encontra em uma Igreja que nega qualquer destas doutrinas, deve separar-se dela.

II. Pureza da Organização

- A. Uma assembléia legítima reconhece a Jesus Cristo como a única Cabeça da Igreja Universal. Recusa toda autoridade, seja religiosa ou civil, que reclame o direito para governar a todos os Cristãos na Terra.
- B. Tem uma pluralidade de presbíteros (At 14.23 e Tt 1.5). Os presbíteros são os líderes espirituais da Igreja, tais como pastores, evangelistas, missionários, pregadores (Ef 4.11-12). Eles governam com autoridade, mas não são autoritários (I Pd 5.1-3). Apascentam à igreja e cuida dela espiritualmente (At. 20. 28). A igreja não deve ser governada por um só homem, ditatorial e autoritário que reina sobre todos, como um ditador protestante local. Tal Igreja é organizacionalmente impura.
- C. A autoridade final na igreja reside nos presbíteros, e não na congregação. O reino de Deus não é uma democracia. Deus governa pelos presbíteros e não por votos da congregação. O presbítero é funcionário de Deus, não da congregação. At 20.28; I Ts 5.12-13; Hb 13.17.
- D. A igreja local não tem autoridade para decidir por si só qual é a boa e saudável doutrina. As dificuldades doutrinárias devem ser resolvidas em Concílio, que consiste em todos os presbíteros e missionários associados na mesma organização de Igrejas. Os decretos de tal Concílio são impostos sobre as igrejas locais (At 15.1-31 e 16.4)

Exemplo Bíblico:

Na controvérsia do primeiro século com respeito à circuncisão, é importante prestar atenção ao que Não fizeram: Não escreveram a nenhuma autoridade eclesiástica para que decrete o que é correto. Muito menos deixaram a cada congregação decidir por voto o que convinha. Nem anunciaram que a verdade é questão de consciência pessoal nem que cada cristão tem o direito a sua própria opinião.

¹

⁷

Paráfrase do Credo apostólico.

Na vida cotidiana da Igreja, os presbíteros devem trabalhar na doutrina e no ensinamento, vigiando que a sã doutrina se mantenha. Questões controversas que não podem ser resolvidas por credos da Igreja se devem apresentar ao Concílio de Presbíteros.

Ainda que algumas igrejas evangélicas carecem de pureza organizacional, isto em si não é motivo para separar-se delas. Umas não receberam nenhuma instrução bíblica, mas servem ao Senhor de bom coração. Questões organizacionais não são importantes como questões de doutrina ou de pureza moral. Mas se a conduta dos líderes é autoritária até o ponto em que obstaculiza o desenvolvimento espiritual de um cristão, então pode ser legítimo buscar outra igreja.

III. Pureza de Testemunho

- A. A disciplina moral se exerce em uma igreja bíblica. Os membros que praticam pecados graves são aconselhados pelos presbíteros ou postos sob disciplina, segundo o caso (Gl 6.1). Os membros que persistem no pecado, recusando os conselhos dos presbíteros, são excomungados (I Co 5.11-13). A Igreja bíblica não deve ter má reputação na comunidade como tolerante de pecados graves (Ef 5.13).
- B. Se pratica separação do mundo. Uma igreja legítima não terá comunhão com outras igrejas ou organizações religiosas que não mantenham a sã doutrina básica ou que praticam idolatria. A unidade sem verdade é nada mais que uma conspiração ímpia (II Co 6. 14-18).
- C. Não pratica o legalismo. A justiça pregada em uma igreja bíblica está baseada na fé em Cristo, não em coisas exteriores como roupa, comida ou observação do sábado (Gl 3.1-6; Cl 2.16).
- D. Uma igreja legítima evangeliza. É uma contradição que uma igreja se considere normal, se não cumpre com um de seus propósitos maiores de sua existência, segundo a Grande Comissão de Jesus, em Mt 28.19, “*Portanto, ide, ensinai todas as nações...*”

IV. Pureza de Culto

- A. A palavra de Deus é pregada e ensinada fielmente... não o ativismo social nem teorias políticas nem filosofias humanas nem opiniões pessoais. (II Tm 4.1-2).
- B. Os sacramentos do Batismo e Santa Ceia são administrados fielmente e não descuidados (At 2.42)
- C. Existe ordem nos cultos. Não há barulho nem desordem (I Co 14. 23, 40)

Nota importante: As novas igrejas estão em processo de desenvolvimento e não tiveram tempo para levar a cabo todos estes critérios. Isto é tolerável. A que não tem desculpa é uma igreja que antes conhecia e os obedecia, mas depois os abandonou.

A igreja dos Coríntios era carnal, fora de ordem e imoral. No entanto, Paulo os chamou “Igreja de Deus”. Por que fez isso quando a igreja estava em tal estado espiritual? Porque sabia que eram “crianças em Cristo” e que lhes faltava ensino. Havia saído de uma cultura pagã. Era por falta de entendimento. Haveria sido legítimo separar-

se de tal igreja? Não. Até que seja evidente que a Igreja não aceita correções e que não está no caminho ao modelo bíblico, é melhor ficar e lutar pelo bem-estar dos membros.

Perguntas Importantes

Sobre a Igreja

1. São legítimas as “denominações”?

Esta questão tem dois lados. A divisão entre Cristãos é sinal de carnalidade e imaturidade espiritual. Em certo sentido, as denominações contribuem com a divisão por incentivar aos cristãos a adaptar certas atitudes antibíblicas. Alguns imaginam que sua denominação é espiritualmente superior às demais. Compadecem dos cristãos que não pertencem a sua denominação, por este motivo sua consciência não lhes atrapalha se roubam “ovelhas” de outras igrejas legítimas.

Por outro lado, as denominações podem ser benéficas. Com tantas seitas hoje em dia é aconselhável que um grupo de Igrejas se apoiem e se juntem para manter-se puras. Mas é de considerar também que não podem existir um Presbitério, nem um Concílio Nacional de Igrejas sem que exista também alguma denominação. E a idéia do Presbitério e do Concílio é bíblica (I Tm 4.14 e At 15) Se a única maneira de por em funcionamento um sistema organizacional bíblico é formar uma denominação, então é legítimo fazê-lo.

2. Quem tem direito de aplicar a disciplina na Igreja?

Os líderes espirituais cumprem este papel segundo Gl 6. 1. O único motivo pelo qual a congregação inteira deve envolver-se é no caso de excomunhão. Mt 18. 15-18.

3. Quais são as causas legítimas para excomunhão?

Provocar divisões (Tt 3.10); heresia (Rm 16.17); pecado grave e persistente (I Co 5.9-13).

Resumo

A verdadeira Igreja de Cristo é um organismo vivo e formado por todos os que são salvos pela fé em Jesus Cristo, cuja única Cabeça é Cristo. Sua formação é sobrenatural, não humana. Em sua expressão local, a Igreja de Cristo manifesta pureza de doutrina, de organização, de conduta e de culto.

PERGUNTAS PARA REVISAR

União Espiritual e Universal dos Eleitos

1. Verdadeiro ou Falso: _____ A Igreja de Cristo não tem nenhum tipo de organização.
2. Verdadeiro ou Falso: _____ A Igreja de Cristo é principalmente um organismo e não uma organização.
3. Verdadeiro ou Falso: _____ A Igreja de Cristo tem uma só Cabeça, o Papa.
4. Verdadeiro ou Falso: _____ Os que são salvos, e estes somente, formam parte da Igreja de Cristo.
5. Verdadeiro ou Falso: _____ É possível que existam alguns Católicos que formam parte do corpo de Cristo, enquanto que alguns Evangélicos sejam excluídos.
6. Verdadeiro ou Falso: _____ A Igreja de Cristo, em seu sentido universal, é um organismo visível.
7. Verdadeiro ou Falso: _____ A formação da Igreja de Cristo é principalmente espiritual, não terrena.
8. Verdadeiro ou Falso: _____ Ser membro de uma Igreja local que prega a Bíblia garante a Salvação.
9. Verdadeiro ou Falso: _____ Todas as Igrejas que se dizem "Cristãs" são expressões legítimas do corpo universal de Cristo.
10. Verdadeiro ou Falso: _____ Toda Igreja legítima cumpre sempre com todos os critérios bíblicos mencionados no estudo.
11. As quatro divisões de critérios bíblicos mencionados no estudo são: pureza de _____, _____, _____, _____.
12. Verdadeiro ou Falso: _____ Para ser corretamente organizada, uma Igreja local deve ter uma pluralidade de presbíteros.
13. Verdadeiro ou Falso: _____ "Anciãos" (Presbíteros) quer dizer os homens velhos na Igreja.
14. Verdadeiro ou Falso: _____ O Presbitério consiste em todos os anciãos (presbíteros) de todas as igrejas associadas em uma região ou uma cidade.
15. Verdadeiro ou Falso: _____ O Concílio consiste em todos os presbíteros de todas partes que pertencem às Igrejas associadas.
16. Verdadeiro ou Falso: _____ Um bom membro de uma Igreja local, ainda que não seja presbítero, pode ter voz e voto no Presbitério e no Concílio.
17. Verdadeiro ou Falso: _____ De acordo com o pensamento democrático da Bíblia, uma congregação local tem autoridade para decidir por si só o que é a boa e sã doutrina.
18. Verdadeiro ou Falso: _____ Se uma Igreja local não está perfeitamente organizada, o Cristiano deve separar-se dela imediatamente.
19. Verdadeiro ou Falso: _____ Por exercer um espírito tolerante, as boas igrejas podem participar nos movimentos ecumênicos a fim de ter comunhão e cooperação com igrejas que não mantêm a sã doutrina.
20. Verdadeiro ou Falso: _____ É normal, em uma boa igreja do século XXI, que o púlpito se use para o ativismo social.

Respostas às Perguntas

1=F; 2=V; 3=F; 4=V; 5=V; 6=F; 7=V; 8=F; 9=F; 10=F; 11=Doutrina, Organização, Testemunho, Culto; 12=V; 13=F; 14=V; 15=V; 16=F; 17=F; 18=F; 19=F; 20=F

SEGURANÇA DOS ELEITOS

Um senhor “X” vivia uma vida perversa até o dia em que assistiu a uma reunião evangelística. Ali respondeu ao chamado do pregador para aceitar a Cristo, e fez uma confissão pública de fé. Durante os meses seguintes, assistia fielmente aos cultos. Aprendeu os corinhos, lia a Bíblia e parecia ter mudado. Mas um dia apareceu bêbado na rua. Ao transcurso das semanas seguintes, os irmãos procuraram ajudá-lo, mas recusou escutar. Voltou a seus velhos hábitos de bêbado, mulherengo e negando o Evangelho. Ficou nesse estado por vários anos e depois morreu.

O senhor “X” foi para o céu ou para o inferno?

Por várias gerações os cristãos discutem essa importante questão, “pode ou não um cristão perder a salvação?”

No século XVI, o partido Arminiano na Holanda suscitou esta questão, insistindo em que um cristão regenerado pode perder a salvação por persistir em pecado grave ou apostatar da fé. Os arminianos disseram que esse senhor “X” está no inferno.

Outros recusaram o ponto de vista arminiano e disseram que esse senhor “X” está no céu, apesar de sua apostasia, em base de que um dia nasceu de novo.

Os arminianos sustentavam que sua doutrina era necessária para evitar que os cristãos tenham uma licença para pecar. Os outros disseram que uma doutrina de segurança eterna era a única que evitava um Evangelho de Salvação por méritos.

Definição da Doutrina

Felizmente, os dois pontos de vista mencionados acima não são os únicos. Existe outro, expressado pelos reformadores. Os outros dois anteriores são perversões históricas desta doutrina. Tal doutrina chama-se: “Preservação dos Escolhidos”.¹⁸

A definição da doutrina da Preservação é a seguinte:

Deus tem um povo escolhido e justificado, que Ele preserva de apostatar finalmente da fé, para que não perca a salvação. O cumpre por graça, por meio do Espírito Santo, da Palavra, castigos, ameaças, exortações, admoestações e também depositando amor e temor em seus corações.

Observamos que esta definição contém vários pontos importantes que diferem dos outros dos pontos de vista.

1

8

O único motivo pelo qual usamos o título “Segurança dos Eleitos” é porque combina melhor com o acróstico “SÓ, JESUS”. Neste capítulo daremos preferência à palavra “preservação”.

Diferenças:

Primeiro, nossa Preservação está ligada com duas doutrinas principais: Eleição e Justificação.

Segundo, afirmamos que existem uma condição hipotética pela qual um cristão poderia perder a salvação, por apostatar da fé e viver uma vida de pecado. Neste sentido, nossa doutrina está de acordo em parte com o ponto de vista Arminiano... pelo menos em teoria. Difere do que afirmamos, que Deus preserva a Seu povo, porque a base da Preservação está em uma obra de Deus e não uma obra humana.

Terceiro, a doutrina afirma que na prática, um nascido de novo não perde a sua salvação. Neste sentido está de acordo com a segunda doutrina acima mencionada.

Finalmente, esta graça preservadora opera por meios práticos envolvidos com a totalidade da nossa vida cristã.

Para esclarecer ainda mais nossa doutrina, vamos expressar o que NÃO cremos:

- Não ensinamos que a doutrina da Preservação é uma licença para pecar. Nossa segurança baseia-se no poder de Deus para impedir que percamos nossa salvação.

- Muito menos afirmamos que os Cristãos sejam isentos da responsabilidade para aplicar os meios de preservação. Deus sabe como fazer a vida incomoda aos que entre Seu povo são negligentes.

- Nem dizemos que a Preservação priva as pessoas de seu livre-arbítrio. O povo de Deus é totalmente livre para apostatar... se Deus o permite. Mas Deus aplica os meios mencionados acima para assegurar que nunca desejam fazê-lo.

As evidências Bíblicas

A. A doutrina da eleição e Justificação

Se a Eleição é verdade, a Preservação também é. Ser escolhido implica que Deus aplicará os meios necessários para guardar os Seus até o fim. Este vínculo entre eleição e preservação se confirma com vários textos neotestamentários.

Nossa glorificação é fruto final da predestinação em Rm 8.30 *“E aos que predestinou, ... a esses também glorificou.”* Em II Jo 1-2, o Apóstolo João saúda *“À senhora eleita”* e logo declara que a verdade *“estará para sempre com nós”*. Segundo Judas, os chamados são *“santificados em Deus Pai, e guardados em Jesus Cristo”* (Judas 1)

As boas obras que fazem os escolhidos como confirmação de sua eleição são também predestinadas igualmente aos escolhidos. Em Ef 2.10 lemos:

“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.”

**«Se a Eleição é verdade,
a Preservação também é.»**

Igualmente, Isaías observa que todas as boas obras do povo de Deus são feitas neles por Deus.

“SENHOR, tu nos darás a paz, porque tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras”. Is 26.12.

Se as boas obras dos escolhidos são predestinadas, e assim certas, como podem fazer obras que lhes traga condenação?

Se a Justificação é verdade, também é verdade a Preservação. Aqui o conceito da imputação da justificação de Cristo toma sua importância. Somos justos, não por méritos, senão pelo dom gratuito da justificação de Cristo. Se este dom não provém de nossos méritos, muito menos se tira por nossas falhas.

Deus não cancela a justificação. Nunca se diz na Bíblia que uma pessoa justificada pode chegar a ser outra vez injustificada .

Por isso, Paulo explica que Deus recusa toda acusação contra seu povo escolhido e justificado.

**«Se a Justificação é verdade,
também é verdade a Preservação.»**

“Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica”. Rm 8.33

Paulo ensina que Deus fecha os olhos para não fazer caso dos pecados de Seu povo? Claro que não. Somente indica que o pecado deixou de ser a causa de uma condenação eterna para o cristão.

O restante do capítulo 8 de Romanos serve como descrição de como é o povo escolhido de Deus. Não vivem segundo a carne, senão segundo o Espírito. Tem o testemunho interior do Espírito. Não vivem uma vida de pecado. Sejam claros sobre este ponto. Paulo não está pondo condições, como se dissesse, “faz estas coisas e serás salvo”. Se fosse assim, seria uma contradição porque Paulo acaba de escrever sete capítulos para explicar por que a Salvação é somente pela graça.

O capítulo 6 de Romanos também enfatiza a impossibilidade de viver no pecado se já estamos mortos para o pecado pela justificação.

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (vv. 1-2)

São mortos para o pecado. O pecado já não reina sobre eles. São escravos da justificação. Como será, pois, que não perseverarão?

Tratemos agora com uma linha lógica freqüentemente dirigida contra a Preservação. Este argumento segue assim:

- O pecado grave traz a condenação.
- Alguns cristãos cometem pecado grave.
- Alguns cristãos são condenados.

Esta linha de raciocínio falha por dois motivos: Em primeiro lugar, a Bíblia nunca ensina que somente os pecados graves trazem condenação. **TODO** pecado traz a condenação. Se fosse assim nenhum cristão se salvaria porque todos cometem pecados todos os dias.

Mas o erro mais sério nesta objeção é que faz caso omissivo da doutrina da Justificação. O propósito inteiro da Justificação é jogar uma ponte entre o pecado e a condenação eterna. Caso contrário, a doutrina da Justificação não serviria de nada.

A primeira pressuposição antes mencionadas, (“o pecado grave traz a condenação”), é errônea. Não é verdade que o pecado traz a condenação inevitavelmente. Isto é verdade somente para os que não são salvos. Para os cristãos, **NENHUM** pecado traz condenação, porque Deus não aceita acusações contra o seu povo escolhido e justificado.

Isto não dá direito aos cristãos licença para pecar. Lhes dá uma nova segurança para com seu Pai celestial. Segundo a Bíblia, assim é exatamente como os justificados reagem.

Cada doutrina do acróstico “SÓ JESUS” Implica na Perseverança:

-Se Deus é Soberano e todas as coisas existem pelo seu conselho imutável, então, é impossível que Suas intenções sejam frustradas, incluindo a salvação de Seus escolhidos.

-Se somos totalmente incapazes de salvar-nos a nós mesmos, pois muito menos poderemos preservar-nos. Deus cumpre ambos.

-Se o sacrifício de Cristo é realmente eficaz e nenhum daqueles pelos quais morreu podem perecer, pois Seu povo será preservado. Quanto mais, se Jesus intercede eficazmente pelo Seu povo como Sumo Sacerdote, Fiador e Mediador.

Os escolhidos estão unidos espiritualmente com o corpo de Cristo. Jesus não corta os membros de Seu corpo.

Nossa santificação e o chamado eficaz também estão ligados a nossa preservação, segundo Judas 1:

“Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, queridos em Deus Pai e conservados por Jesus Cristo”.

B. Versículos Claros da Bíblia como Evidência

Ainda que o raciocínio teológico é legítimo para confiar uma doutrina, não temos que depender dele somente. Abundam textos bíblicos que dizem que Deus “preserva” ou “guarda” a Seu povo.

“Ele guarda a alma dos seus santos...” Sl 97.10

“E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!” II Tm 4.18

“...conservados por Jesus Cristo” Jd 1.1

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória” Jd 1. 24

“estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo” I Pe 1.5

“...mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca.” I Jo 5.18

C. Outras Evidências da Lógica Bíblica

1. Qualquer doutrina negando a Preservação resulta em um evangelho de Salvação por obras.

2. A Bíblia declara a possibilidade de ter uma segurança da salvação nesta vida. Isto seria impossível se a doutrina da Preservação fosse incorreta. II Pe 1.10; Hb 6.11,19; 10.22; I Jo 5.13.

3. As escrituras falam do “selo” do Espírito Santo que os crentes recebem quando crêem. Este selo dura “até o dia da redenção”. Ef 1.13; 4.30; II Co 1.22. Tal “selo” não tem valor se pode ser tirado.

4. A Bíblia sempre fala da Preservação como obra de Deus e não do homem. A fidelidade de Deus garante a nossa fidelidade.

5. O amor particular para os Seus garante nossa Preservação.

“ *Com amor eterno te amei; também com amável benignidade te atraí*” Jr 31.3.

Comenta Boettner,

“O amor infinito, misterioso e eterno de Deus para seu povo é a garantia de que nunca se perca. Este amor não está sujeito às flutuações, senão que é imutável como o ser de Deus. É também gratuito e nos sustêm mais firmemente que nós a Ele. Não está fundado na amabilidade de seus objetos”¹⁹

A fidelidade de Deus nos preserva e nos estabelece segundo II Ts 3.3. O poder de Deus nos guarda, I Pe 1.5. Deus completará a boa obra que começou em nós, Fl 1.6. O famoso pregador inglês Charles Spurgeon o Expressou nestes termos:

“Esta fidelidade de Deus é o fundamento e a pedra angular de nossa esperança da perseverança final. Os santos perseverarão em santidade, porque Deus persevera em graça. Ele preserva para abençoar, e portanto, os crentes perseveram em ser abençoados. Ele continua guardando o Seu povo, e portanto eles continuam guardando Seus mandamentos”²⁰

D. Nossa preservação depende da vontade do Pai e não do homem.

A vontade do Pai é que nenhum dos que são dados a Jesus pereçam, Jo 6.39. Jesus confirma isto ao declarar que nenhum destes jamais se perderam; “*Dos que me deste nenhum deles perdi*” Jo 18.9. A vontade imutável do Pai é nossa grande consolação, Hb 6.17-18.

¹⁹ Boettner, Loraine: The Reformed Doctrine of Predestination, P&R Co., 1932. pp. 185.

²⁰ Spurgeon, “All of Grace” pp. 121.

E. Os eleitos não podem ser enganados. Mt 24.24 . O que poderia causar a sua apostasia?

F. A intercessão de Cristo implica nossa preservação, porque a preservação não é menos que a eficácia das orações de Cristo.

Sua intercessão nos salva perpetuamente, Hb 7.25. Cristo ora para que nossa fé não falhe, Lc 22.32, e que o Pai preserve aos Seus, Jo 17.11.

G. A doutrina da Santificação implica a Preservação, porque nossa santificação final está garantida.

Temos sido legalmente aperfeiçoados para sempre pelo sacrifício de Cristo, Hb 10.10, 14. A fidelidade de Deus resultará em nossa santificação completa, I Ts 5.23-24.

*«Os santos perseverarão em santidade,
porque Deus persevera em graça.»*

É possível que um nascido de novo viva uma vida de pecado?

Perguntas impossíveis

“Se um nascido de novo vive uma vida de pecado, iria ao céu de todas as formas?” Para responder, podemos colocar perguntas semelhantes:

Como pode um círculo ser quadrado? Como é a cor azul quando está verde? Se um pecador fosse perfeito, seria salvo?

Todas estas perguntas estão na mesma categoria: São autocontraditórias. Um santo perdido não pode existir mais que um pecador perfeito ou um círculo quadrado. Uma das primeiras leis da lógica é que não existe nenhuma resposta às perguntas ilógicas. A única maneira de responder é, “São contradições!”

O leitor se lembra do Sr. “X”, que nasceu de novo e logo morreu em pecado? Uns dizem que o Sr. “X” está no inferno. Outros dizem que está no céu. Nós dizemos que o Sr. “X” não existia.

Este conceito não pode ser expresso com mais clareza que na epístola de I João:

“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”. I Jo 3.9.

Segundo a teologia de João, o que é nascido de Deus não pode praticar uma vida de pecado. Sabemos, claro, que não se refere aos pecados individuais nem aos lapsos temporais, porque trata de mentirosos a quem os que dizem que não têm pecado. (I Jo1:8-10) Mas, se pecamos, temos Jesus Cristo como nosso advogado. Mas em I Jo.3:9, ele está falando de uma vida contínua de pecado. O uso da palavra "prática" confirma isto.

João nos explica também PORQUE os regenerados não praticam uma vida de pecado.

“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca”. I Jo 5:18

É porque Jesus os guarda.

Segundo João, como reagem os regenerados quando ouvem a notícia de sua preservação? A tomam como licença para pecar?

“E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”. I Jo.3.3.

Tal notícia lhes conduz a purificar-se mais.

Existem pessoas que tentam aproveitar-se da graça de Deus e usar a Preservação como pretexto do pecado? Sim, tais pessoas estão descritas em Judas 4:

" Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo. " Judas 4

Todos os que se aproveitam da doutrina da Preservação para viver em libertinagem se descobrem como reprovados. Já foram destinados para condenação. Em consequência, não são salvos.

Mas com respeito aos nascidos de novo, lembramos que Deus nunca rasgou a Certidão de Nascimento de um Cristão.

Por quais Meios Deus Preserva o Seu Povo?

Uma das objeções mais freqüentes contra a Preservação baseia-se na existência de textos bíblicos relativos aos mandamentos e exortações para perseverar. “Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação”? Hb.2:3.

O livro de Hebreus está cheio de advertências contra o recair, com ameaças de condenação eminente para os que apostatam. Supõe-se que a apostasia, com sua condenação resultante, deve ser um perigo real para o povo de Deus. De outra maneira, Deus estaria ameaçando em vão.

A resposta a esta objeção está envolvida com um paradoxo expresso em Jr.32:40:

" E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim.."

Deus preserva ao Seu povo, com o qual fez um Pacto, ao pôr temor no coração dele. Temor do quê? Temor do próprio Deus. Como Deus conseguiria isto? Por meio de exortações, ameaças e admoestações. Estas mesmas ameaças são os meios que Ele usa para assegurar a fidelidade do Seu povo.

Segundo a primeira parte deste versículo, é impossível que Deus deixe de fazer o bem ao Seu povo. Um dos “bens” que Deus lhes faz é colocar Seu temor neles, para assegurar que permaneçam em Seu Pacto.

Existe pois um paradoxo divino entre a responsabilidade do crente para obedecer, de um lado, e a atividade divina do outro lado. Isto garante que o crente cumpra com essa responsabilidade.

Paulo expressa este paradoxo em Fl.2:12-13:

"... De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.."

Na primeira parte, Paulo exorta à igreja a ocupar-se em sua salvação como se fosse responsabilidade dela mesma. E de fato é. Mas já sabemos que ninguém pode cumprir isto por causa da depravação total humana. O querer e o fazer, é algo que Deus produz em nós.

Outro exemplo da mesma estratégia é a ameaça divina da condenação eterna a todos os que recusam arrepender-se. É uma ameaça sincera para os escolhidos? A primeira vista, parece, porque dentro do contexto dos decretos divinos, é impossível que os escolhidos não sejam salvos. Mas Deus usa essa mesma ameaça como o meio para conduzir aos escolhidos ao arrependimento. Ainda que o arrependimento é também um dom da graça, este dom vem por meio de tal ameaça.

Ocorre o mesmo com a Preservação. Deus revela ao Seu povo o grave perigo de apostatar, pondo assim em seus corações o temor de Deus. O paradoxo está na própria ameaça, como meio para garantir que as conseqüência da ameaça nunca lhes alcance.

Uma ameaça sobre a apostasia não comprova nada respeito a questão de que se alguém realmente apostatou ou não. É impossível demonstrar por meio da Bíblia que algum dos nascidos de novo apostatou e se perdeu eternamente.

Ameaças e exortações contra a apostasia não constituem, portanto, nenhuma evidência contra a doutrina da Preservação.

|| *«O querer e o fazer,
é algo que Deus produz em nós.»* ||

O problema da falsa fé:

Religioso Sem Ser Regenerado

Nos enfrentamos com um problema difícil: Como distinguir entre os que são nascidos de novo e os que somente dão aparência disso? Alguns são bons atores. Outros são sinceramente religiosos e se imaginam salvos, sem serem.

Nos consolamos com isto: O problema não é novo. Os Apóstolos tinham a mesma dificuldade no seu tempo. Algumas pessoas vivem uma vida de tal consagração ao Senhor e têm tais frutos do Espírito, que é absurdo duvidar deles. Outras vivem nas margens obscuras entre a luz e as trevas de maneira que nos perguntamos se são realmente salvas.

Este fenômeno espiritual tem sido notado por muitos teólogos:

“...Às vezes as operações comuns do Espírito sobre a consciência iluminada conduz a uma reformação e a uma vida externamente religiosa...Esta ‘fé’ continua tanto como o estado da mente que a produziu. Quando esta muda, ele volta ao estado usual de insensibilidade, e sua ‘fé’ desaparece.”²¹

O livro completo de I João foi escrito para tratar com este problema. João pontua seu desejo de que tenhamos a segurança da nossa salvação...uma declaração que não teria sentido se a Segurança dos Eleitos fosse uma doutrina errada. *“Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna...”* (5:13)

²¹ Boettner, Loraine: *The Reformed Doctrine of Predestination* (Doutrina Reformada da Predestinação), P&R Co., 1932, pp. 192.

Ademais, João quer que tenhamos plenitude de gozo no conhecimento desta segurança. Mas não nos vende barato esta segurança. Nos dá critérios através do livro para ajudar-nos a distinguir entre crentes verdadeiros e os que fingem. Se vemos que não alcançamos os critérios dados, devemos seguir o conselho do Apóstolo Paulo; examinemo-nos, para ver se estamos na fé (I Co13:5).

Qual é o critério do Apóstolo João? Como vivem os nascidos de novo? Estão em comunhão com Deus e com os irmãos, amam aos irmãos, permanecem fiéis à igreja, não vivem uma vida de pecado, vencem o mundo pela sua fé, são generosos em ajudar aos irmãos necessitados e testemunham ao mundo de sua fé em Jesus.

Uma boca eloqüente, cheia de palavras religiosas, não parece ser um dos critérios bíblicos. Jesus disse:

" Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. Mt 7:21-23

Cristo não dirá, "Apartai-vos de mim, recaídos". Disse, "NUNCA vos conheci."

As pessoas religiosas mencionadas aqui falharam em duas coisas necessárias. É verdade que praticavam louvores, dizendo "Senhor, Senhor". É verdade que eram muito ativos para o Senhor. "Não profetizamos em teu nome?" Mas estas duas coisas não valeram para nada.

As duas coisas que não cumpriram eram o fazer a vontade de Deus e viver uma vida correta. Eram "fazedores de maldade".

É verdade que somos salvos pela fé, e não por obras. No entanto, não é qualquer tipo de fé que nos salva.

Um exemplo impactante é Simão o Mago, Atos capítulo 8. O texto diz que "*creu e foi batizado*". Mas logo, vemos o Apóstolo Pedro repreendendo-o, porque percebeu que seu "coração não era reto diante de Deus." Simão tinha um tipo de fé superficial, mas não era uma fé salvadora. Ele participou das atividades religiosas do povo de Deus ao ser batizado, mas não era regenerado.

O capítulo 2 de Tiago dedica-se inteiramente a tratar com esta questão da falsa fé. Até os mesmos demônios têm algum tipo de fé e tremem. Mas não uma fé salvadora. A fé verdadeira resulta em uma vida obediente que produz boas obras, tal como nos casos de Abraão e de Raabe mencionados no capítulo.

As pessoas têm experiências religiosas de todo tipo, sem serem salvas. Alguns fazem uma espécie de arrependimento, em que se libertam de certos vícios. No caso dos falsos profetas mencionados em II Pe 2. O capítulo inteiro está dedicado a estas pessoas religiosas que se infiltram dentro das assembleias cristãs e chegam a ter ministérios. Pedro diz que escaparam da corrupção no mundo pelo conhecimento de

Cristo, V.20. Eles não somente conheciam intelectualmente, senão experimentalmente o caminho da justiça. Mas, são "fontes sem água" (i.e., sem o Espírito), nascidos para destruição."

Por fora, sua confissão religiosa é muito correta. Interiormente, tem "olhos cheios de adultério". Pregam por dinheiro e tem maneiras encantadoras com as quais decepcionam aos simples. Falam de liberdade, mas eles mesmos são escravos da corrupção.

É possível que os regenerados cometam pecados graves ou que recaiam temporalmente?

Sim, é possível. Davi caiu nos pecados de adultério e assassinato. Mas foi uma queda temporária, não um estilo de vida. Deus o restaurou. Um homem cometeu incesto em I Co 5. Por meio da disciplina da igreja, foi restaurado segundo II Co 2. Visto que a disciplina aplicada era com o propósito de salvar sua alma, é legítimo supor que era crente.

Sim, os Cristãos caem em pecado e às vezes em pecados graves. Enquanto o cristão está em tal estado, pode ser impossível distingui-lo dos perdidos. Às vezes, somente com o passar do tempo pode-se saber.

22 "Alguns caem da confissão de fé, mas nenhum cai da graça salvadora de Deus."

Quanta segurança se deve dar aos novos convertidos?

É costume em alguns grupos dizer aos novos que têm a vida eterna imediatamente depois de cumprir com algum ato de compromisso religioso, (tal como dizer uma oração ou aproximar-se a um altar ou levantar a mão em uma reunião). O dar tal "segurança" aos novos pode ser perigoso, posto que nenhum dos atos acima mencionados tem a ver com a regeneração; e pior, nenhum de tais atos pode ser base suficiente para dar segurança da salvação. Por isso, não é sábio dar este tipo de segurança imediatamente.

É melhor proceder exatamente como fizeram os Apóstolos. Primeiro, lhes exortaram a "continuar na fé." Logo lhes ensinaram particularmente em suas casas. No transcurso dos estudos, a base da nossa Salvação se faz clara para os novos, de maneira que podem deduzir por si mesmos sua própria segurança de Salvação.

Alguns recebem esta segurança diretamente do Espírito Santo, sem que ninguém os diga. Para outros, a segurança vem pouco a pouco, ao ver a operação da graça de Deus em suas vidas.

²² Boettner, Loraine: The Reformed Doctrine of Predestination (Doutrina Reformada da Presdestinação), P&R Co., 1932, pp. 191.

Essencialmente, podemos dar segurança da Salvação aos novos crentes somente quando mostram evidências de uma vida que corresponde às características dos nascidos de novo.

Resumo

A doutrina da Preservação afirma que Deus tem um povo que se preserva até à glória. Suficientes textos bíblicos mostram que esta doutrina se sustém por si mesma, sem necessidade da ajuda da lógica teológica. No entanto, os argumentos teológicos baseados nas outras doutrinas da graça seriam suficientes para comprová-la, inclusive se tais textos claros estivessem ausentes. Assim, desde uma perspectiva de honestidade intelectual, é impossível recusar a doutrina da Preservação.

Por acaso esta doutrina é uma licença para pecar? Tal conceito seria um mal-entendido, porque os Cristãos sinceros não desejam uma licença para pecar. Temos mostrado também que outra doutrina diferente da Preservação constitui uma salvação por méritos.

A Preservação é, portanto, um dom da graça, concedida por Deus a Seus eleitos e aplicada por vários meios. Os Cristãos são responsáveis para aplicar os meios de graça que Deus proveu.

Mas o próprio Deus ocupa-se em assegurar que os meios sejam aplicados.

A doutrina da Preservação provê uma consolação inestimável para os Cristãos sinceros em sua luta contra o pecado, dando-lhes uma base firme de segurança com respeito à vitória final.

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!” (Judas 24-25).



**« A preservação
é um dom da graça. »**

Perguntas Sobre

A Perseverança

Pergunta 1: Parece que Hebreus 6:1-6 afirma que alguns nascidos de novo podem cair permanentemente da graça, de maneira que é impossível restaurá-los. Como concorda isto com a Perseverança?

Respostas:

Primeiro: Se diz que as doutrinas aqui expressas são tipicamente Cristãs, (i.e., arrependimento, batismo, juízo eterno). Segundo: Que as pessoas mencionadas no texto foram iluminadas, provaram do dom celestial e foram partícipes do Espírito Santo. Provaram também da Palavra de Deus e dos poderes do século vindouro. Terceiro: Expuseram o Filho de Deus à vergonha pela apostasia deles; mostrando que tinham algum conhecimento do Evangelho.

Resposta à objeção: Uma leitura cuidadosa do capítulo inteiro revela que as suposições acima expressas são muito fracas. Em primeiro lugar, nota-se que o capítulo tem uma divisão natural em duas partes. Esta divisão ocorre no V.9 onde o autor diz:

“ Mas de vós, ó amados, esperamos coisas melhores e coisas que acompanham a salvação, ainda que assim falamos.”

A partir deste versículo, o autor se dirige a um grupo diferente de pessoas que o da primeira parte do capítulo. O texto refere-se aos que são salvos, enquanto que antes, falava de pessoas perdidas. O autor está *"persuadido de coisas melhores"* para eles que as maldições já mencionadas. Mas, os chama "amados", o que é uma palavra nunca usada na Bíblia exceto para o povo de Deus. Logo menciona um povo que faz obras de amor no nome de Jesus, os quais ministram aos santos. São herdeiros do Pacto Abraâmico, com um ancora segura e firme da alma. Nenhuma destas coisas se diz dos mencionados nos versículos de 1-8. É claro, portanto, que o autor faz distinção entre os que são salvos e os que fazem profissão da religião sem serem salvos.

Existe uma conseqüência séria se supomos que os versículos de 1-6 refere-se a cristãos recaídos. Tomando de forma mais literal, estaríamos obrigados a afirmar que nenhum cristão recaído poderia ser salvo. A experiência das igrejas, no entanto, está repleta de exemplos de cristãos que experimentaram quedas temporais e que foram restaurados. A Bíblia mesmo menciona tais exemplos. Logicamente, então, estes versículos não se referem aos cristãos recaídos.

Examinemos uma por uma as três evidências dadas acima, para ver se o contexto refere-se aos cristãos recaídos.

Primeiro. Não é verdade que as doutrinas mencionadas nos versículos de 1-3 são tipicamente cristãs. São também tipicamente judias. O Antigo Testamento as ensina todas. Tenhamos em mente que Jesus não veio ensinar algo novo, senão a cumprir com o que já foi ensinado no Antigo Testamento. As doutrinas judaicas básicas formaram,

pois, o alicerce de Seu ministério. Não existe motivo para insistir que estas doutrinas são distintivamente cristãs.

Se todas estas doutrinas são primeiro judaicas, a "*iluminação*" e o "*provar*" no V.4 não tem nada a ver com alguma experiência cristã. Os judeus foram iluminados pela Palavra de Deus no Antigo Testamento. Haviam provado do Espírito Santo pelos milagres dos profetas e por Seu ministério de ensino. Participaram do Espírito Santo por obedecer as ordens que Deus lhes havia dado.

Em que, pois, consiste o "recair" no V.6? Tenhamos em mente que o autor escreve a leitores judeus que haviam sido influenciados pelo cristianismo. Por isso a Epístola se chama, "aos Hebreus". Alguns destes judeus haviam abandonado o Judaísmo para irem à igreja. Mas começaram a deixar a assembléia cristã para regressar a seus antigos costumes judaicos (10:25).

A exortação consiste em animar a estes judeus para que deixem as doutrinas fundamentais do judaísmo para entrar plenamente em Cristo. Ao voltar a seus antigos costumes, declara que o sacrifício de Jesus era insuficiente para eles. Assim, cortavam-se toda esperança de salvação, comprovando que são almas estéreis, terra infértil, sem fruto e réu da maldição divina.

Segundo. É possível ser iluminado pelo Espírito Santo, inclusive ter alguma participação nEle, sem ser regenerado. O texto nunca diz que "provar" do Espírito constitua ser nascido de novo. O Espírito convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Às vezes as pessoas têm sua consciência acordada sem serem convertidas. O uso das palavras, como "iluminação" e "provaram" neste texto, não comprova que as pessoas mencionadas foram nascidas de novo.

Terceiro. O V.6 somente comprova que as pessoas citadas tinham algum conhecimento do Evangelho, não que era um conhecimento salvador.

Em resumo, Hebreus 6 não fala de cristãos recaídos. É um contraste entre judeus instáveis, vacilando entre o Cristianismo e o Judaísmo, versus judeus que se haviam entregado totalmente a Cristo. Qualquer outra interpretação distorce a unidade do capítulo.

Pergunta 2: Não diz Gl.5:4 que os crentes podem perder a salvação se voltam à justificação pela lei?

Resposta:

Tal interpretação ignora a tentativa do livro como uma totalidade. Paulo nunca diz que perderam sua salvação. Sempre lhes fala como cristãos. Por isso a frase "caído da graça" não pode ser vista como equivalente a "perder a salvação". Paulo adverte à igreja inteira do perigo ao pôr parte da sua justificação sobre outra base além de Cristo. Fazer isto contradiz o Evangelho e traz fraqueza à igreja.

Pergunta 3: Não é contrária a doutrina da Preservação a do livre-arbítrio?

Resposta:

A objeção baseia-se em um mal-entendido da liberdade humana. Liberdade significa o poder fazer o que alguém quiser fazer. Mas o que alguém quer, determina-se pelo que alguém é em seu caráter. Como vimos no capítulo "Obra Humana Incapaz" (Depravação Total Humana), a vontade é escrava da natureza humana. Os regenerados mudam sua mente porque têm um novo coração. Não desejam voltar à sua vida pecaminosa porque Deus lhes deu novos desejos.

Argumenta Boettner,

"Ninguém nega que os redimidos no céu serão preservados em santidade. Se Deus preserva a Seus Santos no céu sem transgredir seu livre-arbítrio, não pode ser também que Ele preserve a Seus Santos na terra sem transgredir seu livre-arbítrio?"²³

Pergunta 4: Não existe o perigo de que a doutrina da Preservação seja tomada como licença para pecar?

Resposta:

Os nascidos de novo não desejam licença para pecar. Tomam esta doutrina como motivo para purificar-se, segundo I Jo 3:3 e 9. Os que buscam licença para pecar mostram-se reprovados. Judas 4

Pergunta 5: Muitos textos advertem os crentes dos perigos de recair. Jesus disse: *"o que persevera até o fim será salvo."* Isto não contradiz a doutrina da Preservação?

Resposta:

Não há nada em tais textos que desmintam que a perseverança é dom de Deus, nem que existam eleitos que não perseveram.

Pergunta 6: I Co 9:27. Este texto parece expressar a preocupação de Paulo sobre a possibilidade de perder a salvação. Como relaciona-se isto com a Preservação?

Resposta:

Nada no texto relaciona-se com a salvação de Paulo. O termo "reprovado" não especifica se a eliminação refere-se a salvação ou a seu ministério. Visto que o texto não é claro, não serve como prova contra da Preservação.

Suponhamos, contudo, que a palavra "reprovado" signifique a perda da salvação. Isto ainda não constituiria uma negação da Preservação. Somente mostraria que Paulo reconheceu a importância de aplicar os meios de perseverança até o fim. Assim, o versículo não contradiz a doutrina da Preservação.

²³ Boettner, Loraine: The Reformed Doctrine of Predestination (Doutrina Reformada da Predestinação), P&R Co., 1932, pp. 184.

PERGUNTAS PARA REVISAR

Segurança

1. O partido religioso no século XVI que cria que um regenerado pode perder a salvação chamava-se _____.
2. Nossa preservação baseia-se maiormente em duas outras doutrinas, que são _____ e _____.
3. A base da nossa preservação está na vontade de _____ não na vontade do _____.
4. Verdadeiro ou Falso: _____ Não existe nenhuma condição pela qual um Cristão pode perder a salvação, incluindo se apostata da fé e vive uma vida pecaminosa.
5. Verdadeiro ou Falso: _____ A doutrina da Preservação é uma licença para pecar.
6. Verdadeiro ou Falso: _____ Visto que a Preservação é pela graça de Deus, os Cristãos são aliviados de toda responsabilidade para aplicar medidas para sua preservação.
7. Verdadeiro ou Falso: _____ Um dilema lógico na Preservação é que priva o homem de seu livre-arbítrio.
8. Explique porque a Preservação é verdade se a Eleição é verdade.

9. Explique porque a Preservação é verdade se a Justificação é verdade.

10. Explique porque a Preservação é verdade se Deus é Soberano.

11. Explique porque a Preservação é verdade se a doutrina da Unidade Espiritual e Universal dos eleitos é verdade.

12. Explique porque a Preservação é verdade se a doutrina da Depravação Total Humana (Obra Humana Incapaz) é verdade. _____

13. Verdadeiro ou Falso: _____ Um aspecto significativo da Preservação é que Deus não castiga a Seu povo por seus pecados.

14. Verdadeiro ou Falso: _____ Os que são nascidos de Deus não podem praticar uma vida de pecado.

15. Com base de I Jo 5:18, explique por que os regenerados não praticam uma vida de pecado.

16. Verdadeiro ou Falso: _____ Hipoteticamente falando, podemos dizer que a alma de um Cristão recaído iria para o inferno.

17. Como reagem os regenerados diante da doutrina da Preservação?

18. Os que aproveitam-se da doutrina da Preservação para praticar a libertinagem são _____ segundo Judas 4.

19. O problema principal com o ponto de vista Arminiano é _____

20. Verdadeiro ou Falso: _____ A Bíblia ensina que os crentes podem ter segurança da salvação nesta vida.

21. Verdadeiro ou Falso: _____ Cristo ensinou que os eleitos não podem ser enganados.

22. Explique por que a intercessão de Cristo implica nossa preservação.

23. Explique os meios que Deus usa para garantir nossa preservação _____

24. Verdadeiro ou Falso: _____ Uma advertência contra o perigo de recair comprova que alguns cristãos perderam a salvação.

25. Segundo Jesus em Mt 7:21-23, aos condenados aqui mencionados lhes faltavam duas coisas. Estas são:

A. _____

B. _____

26. Verdadeiro ou Falso: _____ Um elemento importante da doutrina da Preservação é que um regenerado nunca pode cometer nenhum pecado grave.

27. Verdadeiro ou Falso: _____ A doutrina da Preservação é tão linda que é sábio explicá-la aos novos convertidos no instante de sua conversão.

28. Verdadeiro ou Falso: _____ É possível que as doutrinas fundamentais em Hb 6:1-3 se refiram também a doutrinas básicas do Antigo Testamento.

Respostas às Perguntas

1=Arminiano; 2=Justificação, Eleição; 3=Deus, Homem; 4=F; 5=F; 6=F; 7=F; 8,9,10,11&12=Veja Texto; 13=F; 14=V; 15=Veja Texto; 16=V; 17=Lhes inspira a purificar-se, I Jo.3:3; 18=Reprovados; 19=Supõe que a salvação é uma obra cooperativa entre Deus e os homens; 20=V; 21=V; 22=Deus sempre responde as orações de Cristo. Portanto, as orações de Cristo para nossa preservação serão respondidas; 23=Temor de Deus, exortações, ameaças, advertências; 24=F; 25=Fazer a vontade de Deus e viver uma vida reta; 26=F; 27=F; 28=V

CORDÃO DE OURO

A unidade das doutrinas da graça no pacto eterno

As Doutrinas da Graça são semelhantes a sete pérolas preciosas unidas por um cordão de ouro que forma um colar e levamos no coração. São inseparáveis uma da outra. Este cordão unificador se chama "O Pacto da Graça".

Que é Um Pacto?

"Pacto" quer dizer "contrato", "acordo" ou "aliança". A Bíblia às vezes usa a palavra "testamento". Essencialmente um pacto significa um acordo feito entre duas pessoas.

Quando os homens fazem acordos entre si, é a base de benefícios mútuos em que cada um dá algo para receber algo. Todo contrato humano baseia-se neste princípio de benefício mútuo. Mas no Pacto Divino existe outro princípio. Deus faz pacto com o homem, ainda que o homem não pode contribuir em nada.

Não temos nada que oferecer a Deus em troca de Sua graça. O Pacto Divino tem, pois, um caráter distinto. É como um decreto imutável em que todos os benefícios estão do nosso lado. O único "benefício" que Deus tem é a oportunidade para demonstrar sua graça e seu amor.

Como se instituiu o pacto da graça?

Às vezes o Pacto chama-se "Pacto com Abraão", porque com este, Deus instituiu o Pacto. Ainda que a graça de Deus já manifestou-se antes com Noé, Enoque e outros, no entanto, inaugurou-se com Abraão no sentido de uma declaração formal.

Quais são os elementos básicos do Pacto?

Em Gênesis Capítulo 12, Deus falou a Abraão sobre o conteúdo do Pacto. Mas no Capítulo 17, apresentam-se os elementos básicos:

A. A condição do Pacto:

No V.1, Deus revela a condição básica: Andar com Deus e ser perfeito. Aqui apresenta-se um problema. Ninguém chega à perfeição nesta vida. Teremos que esperar até o céu para gozar dos benefícios do Pacto? Graças a Justificação pela fé e a imputação da perfeição de Cristo, podemos experimentar agora os benefícios do Pacto.

**«O Pacto divino
é um
decreto imutável.»**

Por isso, o Pacto é ao mesmo tempo condicional e incondicional, segundo a perspectiva com a qual o examinamos. Por um lado, é condicional porque Deus requer a perfeição. Por outro lado, é incondicional, porque Cristo cumpriu a perfeição em substituição a todos os eleitos.

B. *É Pacto Eterno*

O Pacto é eterno porque Deus o chamou "*pacto perpétuo*", Gn.17:7. Paulo, em Gl.3, sublinha o caráter imutável do Pacto ao compará-lo com contratos humanos. Inclusive se fosse somente um pacto entre humanos, diz o Apóstolo, ninguém pode acrescentar nem tirar nada. Quanto mais, pois, um Pacto feito por Deus.

" Irmãos, falo como homem. Ainda que uma aliança seja meramente humana, uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa.." Gl.3:15

O caráter eterno do Pacto se repete continuamente através da Bíblia em textos tais como Is.55:10; 59:21; 61:8-9; Gl.3:6-15.

C. *É Pacto familiar*

O Pacto inclui os crentes e seus filhos. V.7,19 Este ponto é de suprema importância, porque é na base deste que nós entramos no Pacto feito com Abraão. Paulo nos explica, em Gálatas Capítulos 3 e 4, que Jesus Cristo é a semente prometida a Abraão. Pela fé em Cristo, nós somos filhos de Abraão também e participantes no mesmo Pacto.

« *O elemento familiar é central no Pacto.*»

Ainda que a palavra “descendentes de Abraão” tem este aspecto figurativo e espiritual, também fica o elemento literal. Os filhos carnais dos crentes possuem certas vantagens pelo Pacto, inclusive se não chegam a serem salvos. O elemento familiar é central no Pacto.

Nota-se isto no discurso divino a Abraão. Em Gn.17:18, Abraão disse, "*Tomara que viva Ismael diante de ti.*" Abraão suponha que Deus referia-se a Ismael quando indicava que sua descendência teria parte no Pacto. Mas Deus lhe explicou que de Sara nasceria outro filho, Isaque, que seria herdeiro do Pacto. No entanto, Deus abençoou também a Ismael com bênçãos terrenais, pelo simples fato de que Ismael era descendente de Abraão.

Promessas maravilhosas abundam na Bíblia a respeito dos filhos dos justos:

" Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o SENHOR." Is.59:21.

À descendência dos justos não lhes faltará comida. (Sl.37:25) Habitarão seguros (Sal.102:28). Terão esperança (Pv.14:26). Serão abençoados (Pv.20:7).

Os Apóstolos também reconheceram este aspecto familiar do Pacto. Pedro disse no sermão de Pentecostes que, "*...a promessa, é para vós, e para vossos filhos, e para*

todos os que estão longe;” Paulo reconheceu uma certa santificação legal (ainda que não espiritual), sobre as famílias dos crentes, em I Co.7:14:

"Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos."

O Sinal e o Selo do Pacto

Deus deu a Abraão a circuncisão como sinal exterior do Pacto (Gn.17:10 e Rm.4:11). Este sinal continuou em vigência até que veio Jesus e mudou o sinal para o batismo (Cl.2:11-12). Os dois sinais simbolizam a mesma coisa: A mudança de coração que Deus dá aos Seus (Rm.2:28-29 com Tt 3:5-6).

A palavra “sinal” quer dizer “símbolo”, para indicar a relação do crente com o Pacto. A palavra “selo” indica a promessa divina para cumprir os benefícios do Pacto.

Quais São Os Benefícios Do Pacto?

Conta-se que um senhor europeu pobre quis mudar para os Estados Unidos para ter uma vida melhor. Apenas tinha dinheiro para a passagem do barco, mas não o suficiente para as comidas durante a viagem. Comprou a passagem. Subiu ao barco com a pouca comida que pôde levar, um pão e um queijo. Esperava que esta comida lhe manteria até chegar a Nova York.

Por três semanas este senhor viveu de pão e queijo, evitando passar no lugar onde havia a comida, pois sofria ao ver os outros passageiros desfrutando dos pratos suntuosos. No último dia da viagem, descobriu umas palavras escritas no verso de seu bilhete de passagem, "Todas as refeições estão incluídas".

O Pacto da Graça pode ser comparado ao bilhete do pobre passageiro. Muitos Cristãos vivem desprovidos dos benefícios prometidos, porque não sabem o que se inclui na "passagem". Suas orações tomam o caráter de rogos como mendigos, não de uma fé sólida, porque não entendem seus direitos sob o Pacto.

Vejamos algumas promessas sob o Pacto:

A. A Promessa do Espírito Santo.

Em Gl. 3:14 lemos "... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.."

Cristo morreu na cruz, segundo v.13, para garantir que o poder do Espírito alcançasse a todos os crentes, judeus como gentios. Isto inclui tudo o que se refere ao Espírito Santo...Seu poder, Seus dons, Seu ministério de santificação e libertação na vida do crente.

O Diabo assalta aos crentes, tratando de dar-lhes um complexo de inferioridade. Às mulheres diz, “Você não pode ter o poder do Espírito nem dons poderosos, porque você é somente uma mulher..” Aos homens lhes diz, “Isto é para mulheres.” Aos jovens lhes diz, “Você é muito jovem. Você precisa de mais maturidade para ter dons espirituais.” Aos anciãos lhes diz, “Você é muito velho. Isto é para jovens.”

Mas a promessa do Espírito é para todos os filhos de Abraão. Pedro disse no Dia de Pentecostes que Deus derramaria Seu Espírito sobre toda carne: *“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos;” At 2:17*

Ao entender o que estar incluído no Pacto, oramos com a confiança de que Deus nos concede Seu poder e Seus dons ministeriais, porque isto está incluído em nosso "bilhete".

B. Bênçãos Sobre Nossos Filhos

O diabo mente aos pais, dizendo-lhes que não vale a pena orar por seus filhos desgarrados porque depois de tudo, os filhos têm livre-arbítrio e por isso suas orações não valem.

Mas Deus não pediu licença a Isaque para que seja descendente de Abraão. Deus promete bênçãos aos filhos dos crentes somente porque são filhos de crentes... não porque cooperem em seu “livre-arbítrio”. A Deus lhe interessa mais Sua própria vontade que a deles.

O Pacto da Graça dá aos pais Cristãos uma base firme para orar pelos seus filhos. Satanás não pode impedir que Deus abençoe os teus filhos, porque a base destas bênçãos é o Pacto, não a vontade de teus filhos.

C. Herança Eterna

Cristo veio e morreu para garantir que os chamados por Deus alcancem a herança eterna. Hb. 9:15.

Às vezes os Cristãos se desanimam ao considerar suas falhas e fraquezas. Não entendem como será possível chegar a completa perfeição que a Bíblia promete. A luta com a carne parece tão difícil. Mas temos Pacto com Deus, com um Fiador que garante a vitória. *“ Fiel é o que vos chama, o qual também o fará”. I Ts.5:24.*

D. Vitória Sobre Nossos Inimigos

Deus prometeu a Abraão, *“Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra”*. Gn.12:3

Zacarias, pai de João Batista, orou, *“para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai, de conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias”* Lc.1:72-75

Deus tem métodos surpreendentes para livrar-nos de nossos inimigos. Às vezes se convertem ao Senhor! Ainda que os Cristãos são perseguidos, sabem que Deus tem isso sob Seu controle e não permite outra coisa senão o que ajuda ao Evangelho. Paulo reconheceu isto ao dizer, *“Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade.”* II Co.13:8

O Acróstico, "SÓ JESUS!" E o Pacto Da Graça

Este acróstico não é nada mais que uma expressão dos elementos contidos no Pacto da Graça. Examinemos agora cada uma destas doutrinas para ver como relaciona-se com o Pacto.

A. Soberania divina

O Pacto baseia-se diretamente na imutabilidade da vontade soberana de Deus. No primeiro capítulo, vimos que nada em Deus muda, inclusive Seus decretos eternos. Todos Seus conselhos são irresistíveis.

Nenhum texto da Bíblia traz luz à ligação entre o Pacto e a vontade imutável de Deus com tanta clareza como Hebreus 6:13-20. Era costume nos tempos antigos os pactos entre pactuantes se efetuarem por meio de juramentos a Deus. Acomodando-se a este costume, Deus inaugurou o Pacto com um juramento:

“Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente, te abençoarei e te multiplicarei..” Hb 6:13-14

“Porque a terra que absorve a chuva que freqüentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus;” Hb: 6:V.17

Alguns desconhecem que os conselhos divinos são imutáveis. Imaginam que há risco de que Deus lhes tire do Pacto por suas falhas. Tais temores são causados por uma mentalidade de justificação por méritos. Para descartar tal idéia, Deus concedeu um juramento baseado em seu próprio caráter dizendo: *“Certamente te abençoarei com abundância e te multiplicarei grandemente”*.

Pela Soberania Divina Absoluta observa-se claramente o caráter imutável e eterno do Pacto.

B. Obra Humana Incapaz (Incapacidade Humana)

A nação de Israel não tinha nada que oferecer quando Deus fez o Pacto com ela. Falando por Ezequiel em parábola, Deus diz, " *Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive.*" Ez. 16:6. Israel era como um criança recém nascida e abandonada. Somente a morte a esperava. Mas Deus, como homem rico e compassivo, a recolheu e adotou como Seu próprio filho.

Igual a nós. Nascemos mortos em pecado. Insensíveis às coisas divinas. Egoístas e insensatos. Mas Deus entrou em pacto conosco. O único que tínhamos para dar eram nossos pecados. Na doutrina da Incapacidade Humana (Obra Humana Incapaz) observa-se o aspecto incondicional do Pacto. Em nada contribuimos.

C. Justificação Pela Fé

Deus pôs Abraão diante de um dilema terrível quando disse: " *Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente.*" Gn17:1-2. Quão desanimador ouvir que se requer a perfeição para ter os benefícios do Pacto! Basta isto para desanimar a qualquer santo, porque ninguém entre nós é perfeito. Há remédio?

Sim! Só Jesus! É o único que cumpriu com a condição necessária para ter todos os benefícios do Pacto. Neste sentido, o Pacto que Deus fez é somente com Cristo. Mas nós estamos em Cristo pela fé. Nele temos todos os benefícios porque nos atribuiu Sua perfeição pela fé. (Gl.3 e 4). Não é por acaso que Cristo disse, " *Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos*" Jo.17:22.

D. Eleição Pela Graça

A eleição precede ao Pacto já que Deus a realiza somente com Seus eleitos. " *Fiz aliança com o meu escolhido*" (Sl.89:3) Nunca fez pacto com outras nações excepto Israel porque era a nação eleita. É um Pacto particular, não universal.

E. Sacrifício Eficaz de Cristo

A cruz comprou algo para Cristo. Comprou o direito de atuar como o Fiador, Sumo sacerdote e Mediador do Pacto (Hb.7:22 e Capítulos 8, 9 e 10 de Hebreus).

Um "fiador" é uma pessoa que tem autoridade e poder para assegurar que os participantes em um pacto cumpram com os requisitos e que recebam os benefícios prometidos. *"Por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.."* Hb.7:22

Quando Deus deu a Moisés o Pacto da Lei, este espargiu com sangue os livros, a arca do testemunho e todos os demais elementos de culto como sinal de confirmação do Pacto (Hb.Cap.8 e 9).

O mesmo princípio de confirmação por sangue existe no Pacto da Graça. O sangue de Cristo é a confirmação absoluta do Pacto Divino conosco.

F. Unidade Espiritual e Universal Dos Eleitos

O povo de Deus nos dois testamentos, Antigo e Novo, estão ligados em uma relação Pactual. Não existem dois povos de Deus, somente um. Como Paulo mostra por meio do exemplo de Abraão, os do Antigo Testamento foram salvos da mesma maneira que nós. Foram justificados pela fé, tinham o mesmo Salvador, participavam no mesmo Pacto. Inclusive, Paulo chama o Pacto com Abraão, "boas novas". Gl.3:8.

A unidade do povo de Deus no Pacto é ilustrada pela Santa Ceia. Cristo disse, *" porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados..."* (Mt.26:28) Ao dizer, *" Bebei dele todos"* (V.27), indicava que é um Pacto não somente com Deus, senão uns com os outros.

Paulo enfatiza o mesmo em I Co.10:16, ao comparar o pão da comunhão com nós todos, a Igreja. O pão representa não somente a Cristo, senão também o vínculo espiritual que temos por meio do Pacto.

G. Segurança dos Eleitos

A imutabilidade do Pacto, a eficácia do ministério de Jesus Cristo como mediador, a imputação da justiça de Cristo, a eficácia de Seu sacrifício para confirmar o Pacto, a chamada eficaz do Espírito...todos estes elementos do Pacto formam a segurança dos eleitos.

Deus promete castigar os filhos do Pacto que andam desgarrados, mas não até destruí-los. Deus destruiu outras nações por haver cometido os mesmos pecados que Israel. *"Porém o SENHOR teve misericórdia de Israel, e se compadeceu dele, e se tornou para ele, por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó; e não o quis destruir e não o lançou ainda da sua presença."* II Reis 13:23.

O inexpressável consolo do Pacto reside em que,

"O vínculo do Pacto é capaz de suportar o peso da
carga mais pesada do crente." ²⁴

Desde o ponto de vista de pura justiça, não há motivo porque os Israelitas existem até hoje. Onde estão os edomitas, os filisteus ou os gabaonitas? São raças extintas. A única explicação é, " *Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.* " *Mal.3:6*

Deus nunca rejeita o Seu povo eleito. Os castiga, sim. Sabe dar-lhes remordimento por seus pecados. " *Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu. Ou não sabeis o que a Escritura refere a respeito de Elias, como insta perante Deus contra Israel, dizendo: " Rm.11:1-2*

Que ninguém imagine que nossa participação no Pacto nos alivia de castigos corretivos pelos pecados. Pelo contrário. É precisamente por causa do Pacto que Deus castiga os Seus filhos. " *De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.* " *Amós 3:2.*

Se não fosse por seu Pacto com Israel, Deus não os haveria castigado. Lhes havia deixado que andem em seus erros até à perdição.

Mas o Pacto é um paradoxo. É a mesmo tempo uma segurança profunda e uma advertência. Garante uma herança eterna, mas com correções. É uma segurança incômoda, em que Deus não se detém diante de nada a fim de que se cumpra nossa obediência.

**« O Pacto é um paradoxo.
É ao mesmo tempo uma segurança profunda
e uma advertência. »**

²⁴ William S. Plumer, *Gathered Gold*, John Blanchard, pp. 52.

Resumo

Pela vontade soberana de Deus, os eleitos tem um Pacto inviolável, com a garantia de uma herança eterna. Inclusive promessas para seus filhos, vitória sobre seus inimigos e a provisão para suas necessidades. Ainda que eram totalmente incapazes e indignos para entrar no Pacto, Cristo veio para morrer na cruz a fim de confirmar o Pacto com os eleitos. Por meio do dom da fé, os justifica, a fim de uní-los com o povo de Deus de todas as épocas, assim formando um só corpo com Cristo, salvos para sempre.

"A qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu, "
Hb.6:19.

PERGUNTAS PARA REVISAR

Cordão de Ouro

1. O Pacto da Graça difere dos pactos humanos em que:
 - A. Deus faz pacto somente com os que fazem boas obras.
 - B. O homem não contribui em nada ao Pacto da Graça.
 - C. O Pacto da Graça não é um pacto escrito.
2. As vezes o Pacto da Graça chama-se também _____.
3. Verdadeiro ou Falso _____ Antes de Abraão, não existia nenhum Pacto da Graça.
4. Verdadeiro ou Falso _____ O Pacto é condicional e incondicional ao mesmo tempo, segundo nossa perspectiva.
5. Verdadeiro ou Falso _____ Deus requer a perfeição como condição no Pacto.
6. Quando Deus faz um Pacto com um crente, Ele inclui também a _____.
7. Deus deu a Abraão a _____ como sinal exterior do Pacto. Mas no Novo Testamento, este sinal foi mudado em _____.
8. Os benefícios do Pacto são:
 - A. _____
 - B. _____
 - C. _____
 - D. _____
9. O Pacto da Graça é uma base sólida para nossa _____.
10. A doutrina da Soberania Divina relaciona-se com o Pacto da Graça em que:

11. A doutrina da Depravação Total Humana (Obra Humana Incapaz) relaciona-se com o Pacto da Graça em que:

12. A doutrina da Justificação relaciona-se com o Pacto da Graça em que:

13. A doutrina da Eleição relaciona-se com o Pacto da Graça em que:

14. A doutrina do Sacrifício Eficaz relaciona-se com o Pacto da Graça em que:

15. A doutrina da Unidade Espiritual e Universal dos Eleitos relaciona-se com o Pacto da Graça em que: _____
16. A doutrina da Segurança dos Eleitos relaciona-se com o Pacto de Graça em que:

17. Verdadeiro ou Falso_____ Deus promete destruir por completo os seus filhos por não cumprir com as exigências do Pacto.

18. Verdadeiro ou Falso_____ Nossa participação no Pacto nos exime de toda correção divina por nossos pecados.

Respostas às Perguntas

1=B, 2=Pacto Com Abraão, 3=F, 4=V, 5=V, 6= aos filhos, 7=circuncisão; batismo, 8=A) Espírito Santo, B) Bênção Sobre Filhos 9=Fé, 10=A base do Pacto é a vontade imutável de Deus, 11=O homem não contribui em nada ao Pacto, 12=Cristo cumpriu como nosso substituto o requisito de perfeição no Pacto, 13=O Pacto é para os eleitos somente, 14=O sangue de Cristo confirmou o Pacto, fazendo a Cristo o Fiador e Mediador dele, 15=existe um só povo de Deus por meio do Pacto, 16=O Pacto é a base da nossa segurança da salvação, 17=F; 18=F

SOBRE OS AUTORES

Roger e Diana Smalling são missionários da Igreja Presbiteriana das Américas, trabalhando no desenvolvimento de liderança e preparação teológica na América Latina.

Roger é doutor em ministério cristão pelo Seminário Internacional de Miami, mestre em Bíblia pela Universidade Cristã Batista de Lousiana, e um título em Educação Hispânica da Universidade de Northern Colorado, Magna Cum Laude.

Roger é fundador e diretor da Vision R.E.A.L., organização que se dedica ao avanço da Reforma na América Latina, através de meios impressos e ajuda para estabelecer centros de treinamento dirigidos por líderes cristãos latino-americanos. (O sistema de preparação de Vision R.E.A.L. pode ser visto pelo endereço eletrônico www.smallings.com/spanindex.html)

Estes irmãos trabalharam como missionários por mais de trinta anos na França, Guatemala, México e no Equador. Seu ministério tem se desenvolvido em sua maior parte na educação. Os Smalling trabalharam com equipes de missionários ao fundar várias igrejas no campo missionário.

A esposa de Roger, Diana, dá conferências para esposas de líderes cristãos e também participa com Roger em projetos literários.

EPÍLOGO

A Graça Deseja Voltar À Casa

Perguntam-me, freqüentemente, por que escrevi este livro. Sinto um leve incômodo nestes momentos porque suspeito que ao leitor lhe faltou algo belo em seu entendimento da graça.

A graça é intranqüila. Deseja sair e *cumprir* algo. O que mais deseja cumprir, é glorificar a Deus. E o lugar onde mais anela voltar, é a Fonte de onde saiu.

Nós, os que temos recebido alguma porção da graça captamos isso. Cada um, de forma distinta, sente uma compulsão para devolver algo por motivo de gratidão. Se não sentimos assim, pode-se duvidar que nossa porção da graça era genuína.

Algo especial acontece com a graça quando tentamos devolvê-la. Descobrimos que ainda está conosco mais transformada e mais ampla. A graça sempre quer dá-se para ser mais do que era antes.

Eu sou escritor. Não conheço outra maneira de devolver minha porção da graça. Tendo em vista que a medida da graça que recebi é genuína, assim, escrevi este livro por um motivo simples: o escrevi porque não podia evitar de escrevê-lo.